



PER DI DA NA VIDA

LUISA ARANHA





PERIGOSAS NACIONAIS

Luísa Aranha

**PER
DI
DA
NA VIDA**

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Porto Alegre
2019

PERIGOSAS ACHERON

SINOPSE

A vida de Mel está toda planejada: casar com o coleguinha do jardim de infância, ser mãe dos filhos dele e viver o tão sonhado conto de fadas do felizes para sempre. Parece coisa de livro e filme. Quem tem a sorte de encontrar o amor da sua vida na primeira tentativa? Mel achou que tinha, até Bruno dizer que não quer casar e ir embora pra Bali

PERIGOSAS ACHERON

surfar.

Completamente perdida, sem emprego, sem amigos e sem planos, Mel só tem um objetivo: namorar todos os caras possíveis do planeta e não se envolver com nenhum. A questão é que ela não tem noção de como fazer isso e a vida não está ajudando muito. Parece que tudo piora quando Eduardo entra em sua vida: ele é o único cara que ela não quer namorar de jeito nenhum.

Copyright © 2019 por Luísa Aranha

Revisão: Ivany Souza

Capa: Catrine Vieira

Diagramação: Luísa Aranha

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte
deste livro pode ser utilizada ou reproduzida

sob quaisquer meios existentes sem
autorização por escrito dos editores.

www.luisaaranha.com.br

E-mail: causoseprosas@gmail.com

**Esta é uma obra de ficção. Qualquer
semelhança com nomes,
pessoas, fatos ou situações da vida real terá
sido mera coincidência.**

PERIGOSAS NACIONAIS

Para todos aqueles que já se perderam na vida, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não tiveram medo de se encontrar.

PERIGOSAS ACHERON

1

Nota mental: Aprenda que a vida pode te dar uma rasteira a qualquer momento. Levante e siga em frente.

Eu sei que começar dizendo que eu decidi virar puta não pega muito bem. Mas é isso mesmo: resolvi virar puta. Puta no sentido mesmo do dicionário. Qualquer mulher lúbrica que se entregue à libertinagem. Popularmente conhecida como galinha, vadia, piranha, vagaba, piriguete, ou qualquer outro apelido praquela que dá porque quer dar e não se importa com o que os outros vão dizer. Sou eu. Entretanto, preciso dizer que eu não fui

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre assim. Ah! Não mesmo! Que pena!

A verdade é que passei ou últimos treze anos da minha vida me dedicando a um projeto que escorreu pelo ralo quando meu ex-noivo disse:

— Mel, desculpa, mas não é isso que eu quero pra minha vida. Vou embora surfar em Uluwatu.

E assim , depois de 8 anos de namoro e 5 de noivado, faltando apenas 4 meses pro casamento, ele me deixou pra ir viver em Bali, na Indonésia, surfando. É. Pode ficar com raiva. A gente sempre diz que raiva é um sentimento ruim, contudo, isso é mentira. Nenhum sentimento é ruim, eles podem ser agradáveis ou não. E raiva com certeza não é agradável, mas ruim não é. Então, sintam raiva dele. Podem sentir. Eu deixo. Eu mesma já senti. Ainda mais pelos treze anos que eu sinto que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desperdicei da minha vida. Mas agora? Agora que eu resolvi ser puta, eu tô só por curtir cada pinto dessa cidade que eu não aproveitei nos últimos anos.

Vou ser puta! Já decidi. O único problema é que eu preciso aprender a fazer isso. Porque, né?! 13 anos com uma mesma pessoa pra alguém que tem só 25 anos significa que... Sim! Significa que o único homem com quem eu estive foi o surfista idiota do Bruno.

Sabe que no fundo eu acho que o que me separou do Bruno foi o olho gordo e a inveja? Poxa, a gente foi colega desde o jardim de infância! A primeira vez em que nos beijamos e namoramos, tínhamos seis anos. Aí nossos pais disseram que era muito cedo e esperamos. Com 12 anos começamos a namorar escondido. Com 15 perdemos a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

virgindade e assumimos o namoro. Quando fizemos 20 anos, noivamos.

As pessoas sempre comentavam que nossa história era linda, coisa de livro ou filme. Bem estilo romance romântico, daqueles regados de açúcar. E todo mundo sempre me dizia “ai... mas você tem que experimentar outras coisas para saber se ele realmente é bom”. Por isso que agora vou experimentar. Tudo que eu puder... mesmo que eu ainda ache que Bruno e eu deveríamos ser eternos.

Então, voltando ao meu problema, eu não tenho a menor ideia do que fazer. Não sei como me vestir, como me comportar, o que conversar com os caras ou o que escrever no meu perfil do aplicativo de encontros. Já pensei em algo como “sexo sem compromisso, só test drive.” Mas é puta demais. Falar de amizade colorida parece clichê. Não sei se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

coloco meus reais atributos ou se minto, porque eu não sou nada demais. Sou bem normal mesmo. Nem alta e nem baixa, não sou magrinha e nem obesa. Meus peitos são pequenos, minha bunda é caída, meu cabelo nunca fica ajeitado como eu quero e não é nem liso nem crespo, e meus olhos são castanhos, sem nenhuma nuance de mel, jabuticaba ou negro... Normal! Totalmente normal. Posso escrever isso?

Viu?! Eu não tenho nem ideia de como me descrever para parecer atraente. Quem dirá tirar selfies com biquinho ou me vestir pra um encontro. É, eu sei que toda mulher deveria ter uma amiga, confidente, daquelas que ajudam nessas horas, mas eu não tenho!!! Eu não tenho amigas. Primeiro porque o meu amigo sempre foi o Bruno, segundo porque os meus amigos eram os amigos dele. Não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

precisa você me julgar e me chamar de burra, que isso eu faço sozinha. Mas sei lá... eu achei mesmo que a gente fosse casar e passar o resto da vida junto e eu nunca precisei de mais ninguém além do Bruno. Então, é... talvez eu primeiro deveria fazer amigas e depois pensar em encontros e virar puta.

Será que tem tutorial de como conquistar homem no youtube? Vou pesquisar. E será que existem aplicativos pra encontrar amigos? Tava precisada de um. Porque onde, com 25 anos, já formada, eu vou conhecer pessoas que queiram ser minhas amigas? Mais precisamente, mulheres? Acho que o meu caso não tinha muita solução e meu destino era ser sozinha, sem amigos, sem amor, vivendo da amargura dos orgasmos que nunca mais vou sentir. Eu odiava o Bruno. Mais que qualquer coisa na minha vida!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Talvez eu também devesse pensar em procurar um emprego. Meus planos de vida eram ser a esposa do Bruno e a mãe dos filhos dele. Claro que eu fiz faculdade porque papai insistiu muito. Ele me dizia que a gente nunca sabia o dia de amanhã e, no mundo de hoje, mesmo mulheres que se casam com homens ricos precisam estudar. E o Bruno não era exatamente rico. Ele só era filho único do cara mais rico que eu já conheci, dono de uma rede de hotéis mundiais. E foi por isso que eu acabei fazendo faculdade de turismo. No entanto, pedir emprego pro meu ex-sogro, nem fodendo! Eu tinha orgulho!

Tudo bem que meu orgulho estava meio destruído, largado, abandonado e que parecia até que não existia depois de eu ter ido ao aeroporto antes do Bruno embarcar, fazer um escândalo,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

segurá-lo pela perna, ser arrastada por meio corredor do aeroporto e presa pela polícia federal. Mas o pior de tudo foi aguentar o sermão do papai e da mamãe dizendo que eu deveria agradecer o filho da puta por não ter prestado queixa. Agradecer? Eu queria era matar o Bruno. (Só espero que a polícia não saiba disso. Vai que considerem uma ameaça.)

Enfim, precisava ter foco e metas pra essa nova vida de puta:

- ✓ Arranjar um emprego (papai disse que não vai sustentar a minha vida libertina)
- ✓ Arranjar uma amiga (precisava aprender como ser puta)
- ✓ Conhecer o maior número de pintos do planeta.
- ✓ Ser conhecida como a maior puta da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

história de Cerqueira Correia. (Já que não seria mais conhecida como a esposa do herdeiro).

E o meu primeiro passo para minha nova vida seria mandar currículos como se não houvesse amanhã para ver se alguém me dava um emprego. Pelo menos, tínhamos bastante hotéis e passeios turísticos na cidade. Talvez eu até pudesse unir as duas coisas e virar puta de luxo! Olha que ideia genial! Com o monte de gringo que vinha pra cá fazer turismo, eu poderia conhecer todos os pintos deles e ainda ganhar dinheiro pra isso... Se bem que... eca! Pensando melhor, não seria uma coisa legal. Eu queria escolher os meus pintos! Melhor ser só puta mesmo e ter um emprego normal.

PERIGOSAS ACHERON

2

Nota mental: Se você quer algo, não desista no primeiro empecilho. Quem persiste alcança.

Ai, ai... Bruno vai tomar no seu cu! Outro dia ouvi uma música que dizia mais ou menos assim “Não vou te mostrar que hoje tô avessa; Mas nada me impede de te xingar na minha cabeça; Eu quero que tu vá; Vá tomar no cu; Para de tomar conta da minha vida; E vai pra puta que pariu; Aonde já se viu?; Hoje eu tô tipo tolerância zero”. Acho que ela vai virar meu lema de vida. Claro que não dava pra sair cantando isso em tudo que era lugar, principalmente no trabalho, mas que dava vontade

dava.

Sim! Eu consegui um emprego. Estava trabalhando de guia turística no Parque das Grutas, aqui da cidade. Pra quem não sabe onde eu moro, Cerqueira Correia era conhecida mundialmente como a cidade das grutas. Eram mais de setenta grutas catalogadas dentro de toda a extensão do município, fora as que existiam em cidades vizinhas.

Eu nunca entendi bem por que as pessoas curtem tanto essas cavernas e olhar as pedras e formas que elas têm... Mas agora nem ia mais reclamar, afinal, é graças a essas pedras e às cavidades que tinha meu primeiro emprego. Também foi em função dessas grutas que a família do Bruno construiu o império que eles têm. Tudo começou com o bisavô dele, que criou a primeira

PERIGOSAS NACIONAIS

hospedaria aqui. O nome da cidade é em homenagem a ele. Antes de sua primeira pousada, nem a cidade existia.

Quem sabe as grutas também me ajudassem a construir o meu império e daqui uns anos até mudassem o nome da cidade ou construíssem um monumento em minha homenagem: Melina Batista, ex-noiva do herdeiro, que deu a volta por cima e criou seu império. Queria ser puta, mas nunca conseguiu encontrar os pintos que procurava.

Enfim, consegui um emprego, mas continuo sem amigas e sem encontros. Odeio quando as pessoas me dizem que tudo tem a sua hora, eu sei que isso é verdade. Só não estou muito a fim de esperar a hora chegar.

O problema do meu novo emprego era que trabalho praticamente sozinha. Eu sabia que tinham

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

outros guias, mas a reunião sempre era corrida, os grupos saem e voltavam em horários diferentes e a única pessoa com quem tinha mais contato era o seu Jorge, que tinha 65 anos e parecia ter 200, e era quem dava os roteiros e nomes dos inscritos no seu grupo. Com certeza, ele não ia saber me dizer como poderia começar a minha busca por pintos.

Ah! Voltando ao Bruno e à minha vontade enorme de mandá-lo pro espaço sideral com passagem só de ida e de preferência num foguete que tenha alguma falha mecânica e exploda no Universo, acreditam que ele teve a cara de pau de me mandar uma foto dele, sem camisa, sentado na beira da praia em cima da prancha? E ainda dizendo: Parabéns pelo emprego! Estamos seguindo cada um a vida que queremos.

Quem disse pra ele que essa era a vida que eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

queria? Eu queria casar com ele, ter filhos com ele e só. Agora, eu tinha que trabalhar, estava obcecada por conhecer outros caras e não tinha a menor noção do que queria pra minha vida e futuro. Tudo que sabia era que odiava grutas, pedras e toda essa palhaçada e tinha que sorrir pra cada gringo e turista dos meus grupos e dar explicações simpáticas sobre os passeios sem olhar pra eles e dizer “deixa de ser ridículo, isso são só pedras. Não tem nada de lindo aqui.” Mas o pior de tudo era que nem tinham caras bonitos nos meus grupos. Sempre eram nerds, gordinhos, baixinhos e de óculos. Muito brancos e com cara de sonsos.

Poxa, onde estavam os nerds gostosos e sarados iguais os dos seriados americanos? Eu sabia que meu objetivo eram pintos, mas precisava ter um acompanhamento, certo? Algo que desse

PERIGOSAS ACHERON

vontade de tocar, olhar, beijar... e despertasse a curiosidade pra conhecer o amiguinho escondido. E não dava pra largar um deus grego como o Bruno e pegar um desses caras.

Talvez eu ainda esteja muito ligada ao meu ex, mas ele sempre tinha sido meu sonho de consumo: um metro e oitenta de pura gostosura, todo sarado, braços, abdômen e pernas definidos, pele sempre bronzeada, olhos azuis tão claros que, às vezes, pareciam quase transparentes, cabelo bem escuro, o que contrastava completamente com a cor dos olhos, dando a ele uma beleza única. E o sorriso?

Bruno sempre sorri com a alma. Um sorriso leve, que enche de luz tudo a sua volta. Os dentes perfeitos, alinhados, branquinhos. Se ele quisesse, poderia ser modelo de tão lindo, gostoso e perfeito

PERIGOSAS NACIONAIS

que é. Só que agora ele não é mais meu. Espero que ele fique um velho gordo, caído e todo enrugado. De preferência, broxa. Assim, quando eu tiver o meu império e for a mais puta da cidade, eu passarei por ele e direi: viu o que perdeu? Rebolando a minha bunda com algum cara gostoso do meu lado. É! Essa é a minha meta pra daqui vinte anos.

Agora, eu preciso mesmo é voltar ao meu plano de ser piriguete. Nas minhas pesquisas pelo senhor sabe tudo, Google, descobri vários aplicativos diferentes, mas nenhum texto que dissesse como ser uma vadia. É estranho. Parece que todos estão sempre procurando o par ideal, mas ninguém está querendo só diversão. Ou estou louca ou a internet anda muito moralista. Um dos dois. Talvez os dois, vai saber. Tem tutorial de como

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fazer um homem te amar, de como prender um homem, de como ser o melhor sexo da vida de um cara... mas não tem nenhunzinho ensinando como pegar vários caras.

Vou ter que aprender sozinha. E como ainda não achei uma amiga pra me ensinar, resolvi me cadastrar em todos os sites possíveis de encontro. Coloquei uma foto de perfil onde estou de biquíni na praia, outra só dos meus olhos (Bruno sempre disse que meus olhos falam sozinhos) e uma de corpo inteiro de vestido. Na descrição eu coloquei “Mulher, 25 anos, com gana de descobrir o mundo, a vida e tudo que ela pode oferecer de bom”. Não sei se os caras vão entender que não quero relacionamentos sérios e só colecionar pintos, mas... fiquei com medo que papai um dia visse um aplicativo desses e descobrisse que resolvi virar

PERIGOSAS ACHERON

puta.

E sabe o que foi bacana? Eu mal publiquei o meu perfil em dois aplicativos e comecei a escolher os caras que me interessavam e já tive alguns retornos. Vamos ver se consigo marcar um encontro. Por enquanto, tô mais interessada em escolher os caras. Essa coisa de aplicativos de encontros mais parece um cardápio, onde a gente seleciona a carne que quer comer, literalmente. E eu gostei disso. De tratar os homens como objetos. Só não curti pensar que eles também me tratarão assim.

Os caras que normalmente me chamam a atenção são os gostosões. Só que quando vou ler os perfis, sinto nojo. Então, essa seleção de pratos está ficando complicada. Será que o Bruno era o único saradão do mundo que era um cara bacana?

PERIGOSAS NACIONAIS

Existirão outros Brunos no mundo? Tem que existir, senão é meu fim.

Tem uns caras cujas fotos não chamam tanta atenção, mas, às vezes, entro no perfil só para dar uma olhada e fico pensando: será que bom astral e inteligência foram criados para compensar a falta de atributos físicos?

Eu sei. Parece preconceituoso isso que estou dizendo, mas eu não consigo me atrair por alguém feio. Baixinhos e gordinhos então, nem pensar! Contudo, ao mesmo tempo, também acho que de nada adianta o cara ser lindo e ter uma ervilha no lugar do cérebro. E, de vez em quando, é isso que vejo. Eu só quero encontrar um Bruno² na minha vida. Um cara que seja tudo — lindo, inteligente, divertido — e que não seja o Bruno e me abandone na reta final. Mas do que eu estou falando? Eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quero mesmo é ser puta! Nada de relacionamentos,
só colecionar pintos!

PERIGOSAS ACHERON

3

*Nota mental: Errar é humano. Agora,
persistir no erro é uma questão de escolha e uma
completa burrice.*

Eu poderia parecer uma completa idiota, mas sempre pensei que quando uma mulher quer transar, ela consegue. Sei lá, passei a vida ouvindo que tudo dependia da mulher, que quando elas queriam havia uma fila de homens disponíveis para o sexo, só que a mesma fila não existia para relacionamentos e blábláblá.

Mentira. Tudo mentira. Desde que entrei nesses aplicativos estou conversando com três

PERIGOSAS NACIONAIS

caras. Não me julguem, não consegui ainda sair com nenhum. Selecionei e fui selecionada por uns quantos outros, mas tinham uns que não respondiam às mensagens, outros com quem não se conseguia manter um diálogo e os que só queriam fazer sexo virtual e trocar nudes.

Enfim, estava conversando com três há quase uma semana e nenhum deles me chamou pra sair ainda. Dei a indireta para dois, mas eles não entenderam ou se fizeram de loucos. E eu não sei como me comportar. Será que eu deveria dizer de cara que queria só transar? Ou eu tinha que fazer um certo charme? Seria mais fácil se eu tivesse aprendido a flertar na adolescência, mas eu apostei todas as minhas fichas no Bruno e nunca olhei pros lados. E sabia o que mais? Ele tirou uma foto e postou no instagram bem agarrado a uma nativa.

PERIGOSAS ACHERON

Que óóóódio! E eu aqui...

Definitivamente, não era mais fácil para as mulheres. Ou não era mais fácil para mim. Parecia até uma missão quase impossível, mas eu não ia desistir dos meus objetivos. Achava que talvez fosse só questão de jeito. Depois que eu aprendesse como fazer, não pararia mais.

Mamãe, que era professora, sempre dizia que a melhor forma de aprender era praticando. Que quanto mais se praticava, mais se aprendia e que, mesmo que no início a gente errasse, não podia desistir. Além disso, eu sempre fui cabeça dura. Quando metia uma ideia na cabeça, não desistia dela até realizar.

Uma vez eu decidi que queria transar com o Bruno no observatório do Parque das Grutas. Tudo porque, no terceiro ano, ouvi uma colega de escola

PERIGOSAS NACIONAIS

dizer que fazer sexo lá era muito perigoso, pois os seguranças estavam sempre fazendo rondas e muitas pessoas iam observar as grutas até na madrugada.

Fiquei meses incomodando o Bruno com isso. Até que, em umas férias da faculdade, bolei o plano quase perfeito. Eu e Bruno iríamos para lá, então, quando já estivéssemos no observatório eu ligaria do meu celular pro parque informando que havia ouvido gritos de socorro vindos da Gruta do Pé Grande, a mais distante do observatório e mais profunda das grutas. Então, quando todos os guardas fossem atender ao chamado, poderíamos transar. Normalmente, quando acontecem essas coisas, eles fecham a entrada do parque. Assim, garantiria também que ninguém iria entrar pra observar a gente transando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bruno achou uma péssima ideia, mas como sempre, eu o convenci e ele cedeu para eu parar de incomodar.

E o plano saiu quase perfeito. Só houve um detalhe: na hora da ligação, eu abafei a voz e a central entendeu que eu estava perdida e necessitando de socorro e resolveu rastrear o meu celular. E, quando a gente estava quase lá, quase chegando aos finais, um homem gritou:

— Saia de cima da mulher com as mãos para cima!

Nem precisava dizer que foi uma confusão. Até explicar que o Bruno era meu namorado e que tudo não passou de uma armação pra gente transar lá, foi punk. O pai dele precisou abafar o caso na imprensa e a gente pagou seis meses de serviços comunitários atendendo a chamadas de emergência

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

na corporação de bombeiros pra aprender a não passar trotes. Ouvimos sermões por meses das nossas famílias todas as vezes em que saímos de casa, e o Bruno ficava furioso comigo. Definitivamente, essa não foi uma boa ideia.

Mas eu tive outras legais: como quando tínhamos 12 anos e juntamos dinheiro das nossas mesadas para jantarmos pela primeira vez sozinhos no Mcdonalds. Ou quando organizei a festa surpresa de 16 anos dele no campo de paintboll, que ele adora.

E o mais triste nisso tudo? Todas as minhas ideias, boas ou ruins, envolveram o Bruno a minha vida toda. E agora eu precisava começar a ter ideias das quais ele não faça parte... e isso parecia impossível!

Pelo menos, o meu trabalho estava sendo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

legal. Não que tivessem homens interessantes nos meus grupos, mas estava curtindo muito ser guia turística e gostando de trabalhar. Pois é, pra quem sempre só pensou em ser a mulher do herdeiro, agora estava achando o máximo ser uma trabalhadora. Fora o fato de ter o meu próprio dinheiro e, principalmente, ter algo pra ocupar a mente. Bem que dizia o ditado: mente vazia, oficina do Diabo. Até começar a trabalhar, eu passei um tempo pensando em como matar o Bruno/conquistá-lo de volta/desesperada por outro pinto. Não que eu não estivesse mais atrás do meu objetivo de dar pra todos os caras possíveis, ainda estava. Só que agora parecia que isso estava apenas 12 horas por dia na minha cabeça, ao invés das vinte e quatro de antes.

Ah! E o meu trabalho me proporcionou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

também o início de uma amizade. Não era ainda uma amiga para me ensinar a ser puta, mas era um amigo que, pelo menos, me faz dar boas risadas. Leo trabalhava comigo, era guia também e era gay. Ele já me confessou que era apaixonado pelo Bruno, mas agora também já o odeia pelo que fez comigo. Outro dia, até saímos para tomar uns drinks no Pub da Pedreira. Adorei o lugar, não conhecia, e estava cheio de pintos em potencial.

Leo me explicou que tenho que usar roupas mais provocantes se quero ser puta. E me atirar um pouco mais em cima dos caras, retribuir os olhares e dar umas piscadinhas de vez em quando. Combinamos de fazer compras no shopping juntos, de dar uma repaginada no meu visual e, principalmente, de tomarmos muitos drinks ainda.

Ainda não sabia qual o meu drink preferido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Provei tantos na nossa saída que estou em dúvida, mas, com certeza, sexandbeach, pina colada e caipirinha de frutas vermelhas estão entre os meus preferidos.

Às vezes, tinha a sensação de que só comecei a viver agora. E, por alguns segundos, era capaz de me divertir e esquecer todos os meus planos com o Bruno. Só faltava uma coisa ainda muito importante: novos pintos! Talvez eu devesse começar a procurar também em outros lugares que não fossem só os aplicativos e os bares. Onde mais se encontravam pintos à disposição?

O Leo disse que, depois que formos às compras e dermos uma repaginada no meu visual, ele me levará a uma danceteria para testarmos minhas habilidades de sedução. Só tinha um problema: eu precisava também aprender a dançar.

PERIGOSAS ACHERON

Nunca me preocupei muito com isso, porque Bruno e eu dificilmente íamos a festas dançantes. Aliás, pensando bem, eu nunca fui a uma danceteria! Nossa! Tinha muitas coisas pra desvirginar na minha vida. Tomara que o Leo, como meu amigo, ajudasse-me a perder todos esses cabaços. Estava curtindo ter um amigo, uma vez na vida, que não fosse o Bruno.

4

Nota mental: Ter amigos, não importa o sexo, é a melhor coisa da vida.

OKAYYYYYYYY! Eu ainda não encontrei um pinto sequer para começar a minha carreira de

PERIGOSAS NACIONAIS

puta, maaaaasssss... eu tenho um amigo! Um amigo não, agora tenho uma turma de amigos. E sério!? Como eu pude passar os últimos 13 anos da minha vida achando que só o Bruno bastava? Definitivamente, eu era muito trouxa.

Noite passada eu saí com o Leo. Era aniversário de um peguete dele, e meu amigo me convidou para ir junto.

Claro que isso depois do meu novo guarda-roupa (ainda bem que tenho um emprego, senão papai me mataria quando visse a fatura do cartão de crédito) e uma mudança radical no visual.

Outra coisa que descobri é que ir ao salão de beleza e dar uma geral no visual aumenta a autoestima de qualquer pessoa, até mesma a minha. Mesmo que, para isso, você sofra antes com vários puxões de cabelo, cera te queimando, depois

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

arrancando pelos que você nem sabia que tinha, dos lugares mais bizarros possíveis. Ainda assim, no fim, você sai linda, poderosa e se sentindo uma deusa.

Mas jurei para mim mesmo que pelos do nariz nunca mais serão tirados com cera. Ah, não! Esses não dá pra aguentar. Primeiro que, quando a atendente colocou a cera ali, eu já senti. Foi uma sofrência só nas sobrancelhas, mas beleza! O design ficou lindo e até ressaltou meus olhos, que sempre pareceram pequenos. Aí, descemos para o buço. A depiladora, que era uma fofa, apesar de eu querer matar a mulher a cada puxão, sugeriu que eu aproveitasse e tirasse os pelinhos do nariz também. Eu nem sabia que tinha pelos no nariz, quanto mais que precisássemos cuidar deles. Entrei na onda.

Na primeira lambuzada de cera, eu já me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

arrependi. Aquela coisa quente me queimando por dentro, deu vontade de chorar... Quando ela puxou... Puta que pariu! Minha vontade foi montar em cima da depiladora e socar sua cara mil vezes, perguntando como alguém poderia viver do sofrimento alheio. A primeira puxada foi assim, as outras só foram ficando piores. Quanto mais sensível a área, mais doía.

No fim, depois de ter chorado litros a cada puxada da cera no meu pobre nariz indefeso, que me questionava o porquê de tanta agressão, finalmente a sessão de tortura acabou. Qual a diferença de nariz com pelos e sem pelos? Visualmente, pra mim, nenhuma. Agora, olfativamente... Nunca senti tantos cheiros e nem entrou tanto ar no meu pulmão. Sem brincadeira! Cada respirada é uma overdose de oxigênio. Fora

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que depois que não tenho mais pelos no nariz, parece que o mundo fede muito mais que antes. E eu nem sabia que era tão sensível a cheiros.

Outro dia, num dos grupos de excursão que levei para a gruta do Pé Grande, tinha um cara que, de costas, eu até pegaria — ele era alto e tinha umas costas largas — mas que fedia tanto... Estava calor, e todo mundo suando, mas ele suava mais que o normal. E o suor dele fedia a suor... Tá, eu sei. Suor, tem cheiro de suor. Entretanto, eu nunca tinha sentido tão forte na minha vida aquele cheiro. E eu só o pegaria de costas mesmo... Porque quando virou de frente, meu Deus! Usava óculos, tinha um dentinho torto e ainda estava sempre com um sorriso na boca. Mesmo suando daquele jeito, o cara estava sorrindo. Ninguém fica feliz suando tanto, mas ele estava. E sabe o que foi pior? Eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

andava pra longe dele, pra ver se me afastava do cheiro, e ele andava à minha volta.

No fim da excursão, ele veio falar comigo.

— Oi! Adorei fazer esse passeio contigo. Acho que tu foi a melhor guia turística que peguei desde que faço esses passeios. E olha que faço muito! — Ele estendeu a mão pra mim e sorriu. — Me chamo Eduardo.

— Oi. — Estendi a mão de volta com nojinho. — Me chamo Mel. — E quero sair correndo daqui porque você está fedendo a suor, pensei. Não falei. — E fico feliz que tenha gostado. Se puder, deixa o elogio na agência quando voltarmos!

— Eu sei quem você é. Fomos colegas de escola. — Ele sorriu mais ainda. Se é que isso era possível.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sério?! Em que ano? Não me lembro de você!

— Do jardim de infância até o terceiro ano.
— Ele respondeu ainda sorrindo. — Sempre fomos da mesma sala. Mas eu sei que você não se lembra de mim. Você só tinha olhos pro Bruno... — ele levantou os ombros meio desanimado e eu fiquei pensando o quanto sempre fui burra.

— Desculpe. Acho que você tem toda razão! Entretanto, agora os tempos são outros! — Sorri de volta. Não queria ser antipática com ele, afinal, os elogios ajudam muito na agência pra gente conseguir grupos maiores, que dão mais dinheiro.

— Então, podemos marcar de sair pra jantar qualquer hora? — perguntou. Como ele consegue sorrir tanto assim, fedendo desse jeito?!!

— Claaaro! — Socorro! Alguém me tira

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

daqui, não vou jantar com esse fedorento, com cara de nerd, de dente torto, nem que ele seja o último pinto da face da terra! — A gente combina uma hora. Agora, preciso ir ali falar com os outros turistas que tinham me pedido mais informações sobre outras grutas.

Saí de fininho e ele ficou abanando. Puta que pariu! Quando disse que queria ser puta e conhecer todos os pintos da cidade, isso não incluía um pinto fedido a suor e sorridente demais.

Não. Sem a menor chance! Tô desesperada, mas não tô apelando assim!

Enfim, depois da minha repaginada no visual — todos os pelos do corpo devidamente arrancados, luzes no cabelo, uma definitiva pra domar os fios que insistem em ficar de pé, um guarda-roupa novo e o único homem que se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aproximou de mim ser o senhor nerd sorridente fedido — fui com o Leo ao aniversário no peguete. E nunca me diverti tanto! Dançamos a noite toda, bebemos vários drinks diferentes — agora acho que meu preferido definitivamente é piña colada — e fiz amigos! Além do Leo, conheci o Victor, a Fernanda, o Diego e a Renata. E eles até me colocaram num grupo de WhatsAap que eu nem sabia que existia.

Já combinamos de sair novamente essa semana, mas, dessa vez, com a intenção de caçar. Isso mesmo: caçar pintos. E todos nós temos isso em comum. Gostamos de pintos. Vamos à luta. Fora que estou começando a entrar num surto por falta de sexo. Sem sacanagem! Parece que penso nisso vinte e quatro horas por dia. São quatro meses em total abstinência. Minha nova amiga Fernanda

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sugeri que eu comprasse um vibrador para esses momentos em que a carne está escassa no mercado. Até me mandou alguns modelos e sites onde eu posso comprar. Contudo, eu quero pinto de verdade. Não vou descartar totalmente a possibilidade, só vou tentar mais um pouquinho. Impossível que eu não consiga um de carne e músculo — porque pinto não tem osso — pra brincar.

Já consegui um emprego, consegui amigos... pintos são só uma questão de tempo. Ainda estou conversando com os caras dos aplicativos — agora são cinco — impossível que, em algum momento, um deles não se desenrole e queira sair pra brincar! Se bem que, como diz o Leo, quem tem cinco — ou seis, se contar o pinto do senhor nerd sorridente fedido — não tem nenhum. Talvez, um vibrador

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não seja uma ideia tão ruim assim. Só fico pensando que, nas atuais circunstâncias, se eu me encantar com o vibrador, passarei o resto da vida só eu e ele. E não é isso o que eu quero pra mim. Poxa! Eu quero dar pra todo mundo, isso é algo tão difícil assim de se conseguir?

PERIGOSAS ACHERON

5

Nota mental: Se você está querendo sexo casual e caçando pintos em um bar, não conte que você foi deixada pelo noivo às vésperas do casamento.

Caçar pintos não foi tão divertido quanto eu achei que seria. Tem muitas regras e, obviamente, eu não sabia nenhuma delas. O resultado disso? Um desastre total. E eu continuo perdendo o jogo. Zero pintos conhecidos por mim. O que fez com que eu aceitasse o conselho da Fernanda e comprasse um vibrador. Então, meu resultado atual é zero pintos, mas um orgasmo. Pelo menos, não estou mais

parecendo uma maníaca irritada pela falta de orgasmos.

Confesso pra vocês que foi bem estranho nosso primeiro encontro. Primeiro porque eu nunca havia me tocado sozinha e, segundo, porque eu mal me tocava com o Bruno também. Ele que sempre conduzia as coisas. Fora que eu escolhi um vibrador verde limão, o que não é nada excitante, ainda mais quando não se tem experiência. Contudo, o pior detalhe de todos, é que tudo que eu imaginava era relacionado ao Bruno.

Por mais que eu quisesse fantasiar com outros caras, poxa, minhas referências sexuais são ele, e eu até imaginava que fosse o Kit Harington, o Jon Snow, de Game of Thrones, na hora “h”, eu me esquecia do Kit e voltava a cara do Bruno no meu pensamento. Ainda assim, eu e Kit — nome que dei

PERIGOSAS NACIONAIS

ao vibrador para ele ficar mais pessoal — chegamos aonde deveríamos.

Deve ser como sexo, né?! Sexo com outra pessoa, porque acho que, se for com o vibrador, também é sexo. Ou é masturbação? Enfim... com o tempo e a intimidade vai ficando melhor. Porque, pelo menos, foi assim comigo e com o Bruno. Quanto mais a gente fazia, melhor ia ficando, mais a gente ia conhecendo o outro e sabendo do que gostava... Com o Kit, acredito que será igual.

Mas voltando ao meu primeiro orgasmo com o Kit, confesso que me senti a Mulher Maravilha depois de conseguir. Eu me senti até mais mulher, mais sexy e feliz. É tipo descobrir que você é tão autossuficiente que não precisa mais de homens na face na terra. Afinal, qual a serventia que eles realmente têm além do sexo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu sei. Eu ainda estou magoada e ressentida pelo Bruno desistir de nós. E claro que os homens têm sim serventia além de proporcionar orgasmos. Entretanto, pensar dessa forma fria sobre homens e sexo tem me feito sobreviver e não focar, de fato, na falta que sinto do Bruno. Ou na raiva que sinto dele. Ou nos sentimentos que ainda tenho guardados.

E sabe quem me disse isso? O senhor Nerd Sorridente Fedorento, que já foi a mais 3 passeios comigo e vive me cercando e perguntando quando podemos sair para jantar. Incrível que eu estou conversando com cinco caras por aplicativos, tentando sair com qualquer um deles e o único homem que se interessa por mim justamente é o que não me interessa.

Eu saí com meus novos amigos para caçar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Exatamente! Saímos para caçar pintos em uma festa. Sabe qual foi o resultado? Nenhum! Porque quando a conversa começava a engrenar, sei lá por que diabos eu contava do meu ex-noivo e pronto... os caras sumiam da minha volta. Todavia, isso não foi o mais terrível: o pior foi que o senhor Nerd Sorridente Fedorento estava também no bar e ficou à minha volta o tempo todo. Mesmo quando eu conversava com outros caras ele ficava ali... Talvez tenha sido ele que espantou os outros caras. Ou foi o meu discurso de ser abandonada no altar mesmo. Pelo menos, foi o que ele me disse.

— Se você quer ficar com outros caras, devia parar de mostrar seus sentimentos pelo seu “ex” — ele disse entre um gole de cerveja e outro.

— Eu não tenho mais sentimentos pelo Bruno! — rebati, muito irritada com o comentário

PERIGOSAS ACHERON

dele.

Quem ele pensava que era pra se meter na minha vida?

— Por que você acha isso?

— Primeiro, porque você fala para todo mundo sobre isso. Outro dia, em uma das excursões, você estava contando para um casal de alemães o que havia acontecido. — Ele riu. — Segundo, porque você não está conseguindo enxergar o que está a sua volta.

— Como assim? — perguntei indignada. Eu estava enxergando tudo à minha volta e não via nenhum pinto a fim de entrar em mim.

— Mel, eu...

— Mellllllll... Vem cá! Hora dos shots de tequila! — Leo e Fernanda gritaram ao mesmo tempo, me chamando no outro lado do balcão.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Depois a gente continua... — disse pro senhor Nerd Sorridente Fedorento. — Tô indo!

O problema é que eu deveria ter ficado conversando com o Eduardo. Cinco shots de tequila depois, eu estava mandando mensagens pra todos os meus contatos. “Motel em meia hora?”.

Só que não acabei no motel. Acabei na cama do senhor Nerd Sorridente Fedorento.

De acordo com a minha memória falha e os relatos do Eduardo — vulgo Nerd Sorridente Fedorento —, depois das cinco tequilas, várias mensagens e nenhuma resposta, eu resolvi tomar mais alguns drinks. Ou melhor, experimentar todos os disponíveis no cardápio do bar. O que me deixou muito além dos níveis de álcool permitidos no organismo.

Depois de tentar, sem sucesso, arrastar três

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

caras para fora do bar — sim, eu literalmente puxava os caras pelo braço dizendo que a gente deveria ir pro motel —, subi em cima de uma das mesas do bar e gritei:

— Algum pinto disponível para um motelzinho rápido?

Não sei onde meus amigos se enfiaram, mas Eduardo me tirou de cima da mesa exatamente no momento em que eu começava a vomitar em todo mundo que estava embaixo. Foi tipo aquela cena de A escolha perfeita, quando a Aubrey, que é líder de um grupo de canto, vomita no palco por estar nervosa. Esse foi o grau do meu mico.

Ele tentou me levar para minha casa, mas, pelo seu relato, parece que fornecer o meu endereço foi uma tarefa impossível. Então, Eduardo achou melhor me levar para a casa dele. Me deu um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

banho, de roupa mesmo, depois me fez vestir uma camiseta sua e me colocou na cama. Sozinha. Ainda bem, porque por mais que eu estivesse desesperada, o pinto dele, não!

O problema foi que, acordar na cama de um cara de que você tem certo nojinho — apesar da cama ser cheirosa e o apartamento dele todo arrumadinho —, sem saber exatamente o que havia acontecido, não foi algo muito legal. Eu quero uma vida de puta sóbria. Essa coisa de amnésia alcoólica não parece combinar muito comigo.

Foi fofo da parte do Eduardo, e estou pensando realmente em ser amiga do Senhor Nerd Sorridente Fedorento. Mas só, amiga. De jeito nenhum vou ficar cheirando a suor... apesar dos lençóis cheirosos e de, ultimamente, ele nem estar mais suando tanto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

6

Nota mental: Antes de sair para um encontro, compre camisinhas. Sempre é bom estar prevenida.

Eu tive meu primeiro encontro. Contudo, não se emocionem. Eu continuo sem conhecer nenhum pinto. Ou seja, permaneço tendo orgasmos com o Kit, mas, pelo menos, estamos aperfeiçoando nossos encontros.

Depois de muito conversar com um dos caras do aplicativo, Fabiano, finalmente fui convidada para sair. Combinamos de tomar uma cerveja no fim do dia. Eu, na verdade, fiquei no suco de

PERIGOSAS NACIONAIS

abacaxi. Depois do meu último fiasco, estou dando um tempo nas bebidas que contêm álcool.

Nós nos encontramos no Pub da Pedreira. Foi estranho no início. Ambos estávamos nervosos e ele era meio tímido. Conversamos um pouco, fomos relaxando, e o papo foi fluindo. Foi bem divertido conversar com alguém que realmente estava interessado em mim. E eu também estava bem interessada no Fabiano. Ele sabia conversar sobre tudo, era engraçado e fazia piadas inteligentes.

Batemos papo até que o garçom veio informar que o Pub fecharia em trinta minutos. Pedimos a saideira — ele, outra cerveja, e eu, mais um suco de abacaxi — e comecei a ficar ansiosa. O bar estava fechando, a conversa havia sido ótima, minha calcinha estava molhada, imaginando o que

PERIGOSAS ACHERON

aconteceria depois, porém ele não tinha tomado nenhuma iniciativa concreta e muito menos dado alguma indireta que justificasse a minha umidade.

No último gole da cerveja dele, eu já não conseguia me focar e nem prestar atenção em nada do que Fabiano dizia. Eu só imaginava o pinto e as mãos dele — que eram enormes — no meu corpo... Ele sussurrando — com a voz arrastada e baixa — que eu era gostosa. Sim! Eu olhava o homem à minha frente e enxergava um pinto gigante, grosso, em posição de sentido, batendo continência para mim.

— Você está bem, Mel? — perguntou e tocou de leve a minha mão. — Precisamos ir. O Pub está fechando.

— Claro! Desculpa... eu estava pensando em como foi divertida a noite e que eu não gostaria que

PERIGOSAS NACIONAIS

ela acabasse — disse, mexendo nos cabelos, jogando-os de um lado para o outro, como Renata havia me ensinado, e sustentando o olhar dele.

— Eu também adorei, Mel! Com certeza vamos sair mais vezes. — Ele parecia realmente empolgado com a ideia.

— Ah, sim... — Sério que ele não iria tentar nada no primeiro encontro? Em que século esse homem estava vivendo? — Eu só pensei que a gente podia...

— Aqui está, senhor! Seu troco. — O garçom me interrompeu. Fabiano pegou o troco e se levantou da cadeira. Droga!

— Vamos?

Apenas assenti com a cabeça e me ergui. Eu precisava pensar em algo rápido para não perder a minha noite. Ou melhor, não perder a chance de

PERIGOSAS ACHERON

finalmente conhecer um pinto diferente.

Saímos do Pub em direção à praça da cidade. A vantagem de se morar em uma cidade relativamente pequena é que andar é normal. Caminhamos umas duas quadras, Fabiano conversando sobre a noite agradável, e eu concordando e pensando em como não deixar aquele pinto escapar.

— Eu moro aqui. — Ele parou de caminhar apontou para um prédio de 3 andares, com as sacadas cheias de floreiras, com flores bem coloridas. — Quer que te leve até em casa? Pelo que você falou, é relativamente perto.

— Eu tinha uma outra ideia na cabeça. — Era agora ou nunca. Virei meu corpo de frente para ele e dei um passo em sua direção. — Pensei que, como a noite foi tão boa — dei mais um passo —, a

gente podia... — baixei os olhos. Sério que ia me faltar coragem agora? Eu não devia ter entrado em abstinência alcoólica!

— Hey... — Fabiano colocou a mão em meu queixo e levantou meu rosto para que nossos olhos se encontrassem novamente. — Não precisa ficar com vergonha, eu também quero te beijar.

Então, ele colocou a mão em minha nuca, a outra em minha cintura e puxou meu corpo contra o dele, encostando nossos lábios e me dando um beijo que, se minha calcinha estava molhada só de conversar com ele, naquele momento, era possível ser umidade o que escorria pelas minhas pernas.

Não sei se era a falta de beijos na boca, o fato de a única boca que eu havia beijado ser a do Bruno ou se a selvageria que havia na língua dele invadindo a minha boca, só sei que eu comecei a

passar as minhas mãos pelo corpo dele, sem o menor pudor, quando, eu sem querer — não tanto assim —, esbarrei a mão em seu amiguinho... Eu só queria o amiguinho.

Depois de sei lá quantos amassos, beijos e uma série de mãos onde teoricamente não deveriam estar em público, eu não me aguentei.

— Você não vai me convidar pra subir? — sussurrei junto ao ouvido de Fabiano.

— Eu não tenho camisinha, gata! — disse e já vinha com a boca pra grudar na minha de novo.

— Como assim você não tem camisinha? — perguntei incrédula, afastando meu corpo do dele. — Que tipo de cara é você que passa dias enrolando uma menina pelo aplicativo, marca de sair e não tem a coisa mais importante para o sexo? Ah, não! Isso só pode ser praga do Bruno!

— De quem? — Fabiano passou as mãos pelo cabelo. — Olha só, Melina. A maioria das minas não querem transar de primeira e eu também não estou a fim de sexo casual, então, não era minha prioridade ter camisinhas. Se era só isso que você queria, não deveria nem ter começado a conversar comigo. Estava bem claro no meu perfil que eu quero um relacionamento. — Ele realmente estava brabo e sério.

— Mas eu não! Que droga! Por que é tão difícil pra uma mulher conseguir sexo? Até parece que só existem o Bruno e o Kit na minha vida!

— Afinal, quem é esse Bruno, caralho!?

Bom... nem preciso dizer que depois de dizer quem era o Bruno e também dar algumas explicações sobre o Kit, Fabiano me dispensou. E sem a menor chance de um segundo encontro,

PERIGOSAS NACIONAIS

porque ele me bloqueou no aplicativo.

No dia seguinte, por precaução, passei na farmácia e comprei vários pacotes de camisinha, de tamanhos, cores, sabores e texturas diferentes. Agora, tenho até camisinha pra prolongar a ereção e camisinha musical. Sim! Camisinhas musicais existem e funcionam! Eu testei com o Kit. Mas é algo meio irritante, então, talvez eu não use com um pinto de verdade, se é que um dia vou conhecer um, afinal, realmente começa a me parecer uma missão impossível virar puta. Se eu nem consigo transar com um cara, quem dirá com todos que eu conhecer! Todos, menos o senhor Nerd Sorridente Fedorento já não tão fedorento assim.

PERIGOSAS ACHERON

7

Nota mental: Se você não está acostumada a dançar funk até o chão, faça alguns alongamentos antes de tentar fazer isso uma noite inteira.

Eu não tenho a menor noção de como vou conseguir trabalhar hoje. Tenho um grupo para visitar três grutas diferentes e isso significa caminhar pelos menos uns cinco quilômetros embaixo do sol forte, subindo e descendo algumas pedras que exigem mais do que simples passos. Meu grupo é em duas horas e minhas pernas simplesmente se recusam a me obedecer.

Quando a Fernanda ligou, sugerindo que eu

PERIGOSAS NACIONAIS

fosse à festa funk com ela e a Renata, achei que poderia ser divertido. Afinal, seria uma noite das meninas, uma oportunidade pra caçar pintos, além de ficar mais próxima das minhas amigas. Eu só não sabia que tanto a Fernanda quanto a Renata são praticamente dançarinas profissionais de funk e quicam, descem, rebolam com maestria... E acompanhá-las teriam consequências desastrosas hoje, como, por exemplo, estar completamente travada de uma perna e dolorida. Muito dolorida.

Na festa, eu nem senti. Acompanhei as duas em todas, repito, todas as músicas que tocaram. Nunca tinha dançado tanto como ontem. Eu e Bruno nunca fomos muito de festas dançantes e, normalmente, quando a gente ia a alguma coisa que tinha dança, eram as festas dos hotéis da família dele. Ou seja, tudo comportado e sem muita

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

rebolação. Mas, ontem, não teve nada de comportado e eu adorei. Nunca tinha me sentido tão livre, dançando. Nem sabia que poderia ser uma atividade tão divertida.

Fora que tinha uns carinhas bem pegáveis na festa. Inclusive, fiquei beijando e dançando com um uma boa parte da noite. Só que, depois, o cara sumiu, então, continuo com zero pintos conhecidos. Eu não sei o que aconteceu, porque a gente já estava se pegando há um tempo e eu jurei, pela esfregação que estava rolando, que ele ia me convidar pra ir embora de lá. Mas, ao contrário disso, ele sumiu.

Só que, dessa vez, eu nem fiquei tão chateada assim, porque depois da festa, saí com as meninas para fazermos um lanche — a fome depois de dançar funk cinco horas seguidas parecia um

PERIGOSAS ACHERON

buraco negro no meu estômago — e conheci melhor minhas novas amigas.

Ri muito das histórias hilárias da Renata. Pensa numa mulher decidida e atrapalhada! Ela, uma vez, foi ao cinema com a irmã a fim de ver um filme que era para maiores de dezoito anos. Na época, ela tinha 13, e a irmã, 15. Foram a uma sessão no meio da tarde, escondidas, e o cinema estava vazio. Acontece que ela conseguiu sentar no único lugar que estava ocupado no cinema, por um homem, que era seu tio. Quem consegue fazer isso? A Renata. Outra vez, ela ficou meia hora falando com um garçom, em uma cafeteria, que não respondia pra ela. Isso porque não era um garçom e sim aqueles pôsteres, com recorte e tamanho original, de garçom.

Enquanto a Renata é atrapalhada e engraçada,

PERIGOSAS NACIONAIS

a Fernanda é um doce. Sabe aquelas pessoas que estão sempre preocupadas com os outros e que sempre querem ajudar? Pois é, Fernanda é assim. Quando o carinho com quem eu estava sumiu, ela me pegou pela mão e rodou a festa toda comigo tentando achá-lo. Foi em vão, mas eu achei superfofo da parte dela. Ao mesmo tempo que ela é toda doce, Fernanda também não leva desaforo pra casa e não tem papas na língua.

E, pela primeira eu vez, tenho amigas. Amigas que acordam e mandam mensagem perguntando como estamos e lembrando os pontos altos da festa. E é tão legal acordar com mensagens de amigas! Fico pensando em quantos anos eu perdi, sem saber o que era ter uma.

As meninas me disseram que eu vou sim encontrar pintos pra conhecer, é só uma questão de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tempo, e que, quanto mais eu ficar obcecada com isso, mais vai demorar pra acontecer. Que eu preciso relaxar e aprender a curtir a vida. E ontem, pela primeira vez, eu fiz realmente isso.

O problema é que hoje acordei com uma perna meio travada, com dor em todo o corpo e sem vontade de sair da cama. Tipo uma grande ressaca, mas sem o álcool no organismo. Desde o meu fiasco, estou evitando qualquer coisa que possa me tirar a noção de certo e errado e que me estimule a fazer coisas doidas como mandar mensagens pra todos os homens cujo número eu tenha salvo, perguntando se topam um motel.

Não sei se eu cheguei a comentar, mas entre as minhas possíveis vítimas, estava o meu chefe. Seu Jorge, o velho que parece ter 200 anos, também recebeu minha mensagem perguntando se topava

PERIGOSAS ACHERON

um motel em meia hora. É! Eu sei! Além de ficar longe de bebidas alcoólicas, eu também devo ficar longe do meu celular quando estiver em momentos de desespero.

Por sorte, seu Jorge entendeu que a mensagem foi enviada errada, que não era pra ele, mas me deu um conselho:

— Dona Melina Batista, sugiro que se a senhora quiser encontros íntimos com seus namorados, tenha certeza de para quem está mandando mensagem. E não seja tão direta, isso assusta os homens.

Ok!!! Eu sei! Bem feito pra mim por ser impulsiva e estar desesperada por pintos. Mas talvez seu Jorge tenha razão, e os homens se assustam com conversas tão diretas. Pensando bem... acho que foi isso que espantou o carinha

PERIGOSAS NACIONAIS

ontem. Antes de ele sumir, a gente estava dançando um pancadão bem bagaceiro, que dizia “eu quero sexo, e não estresse” e eu achei que seria legal cantar a música pro cara, pra ver se ele se tocava e me levava embora da festa.

Eu me virei pra ele, comecei a passar as mãos pelo seu corpo, enquanto dançava rebolando até o chão, aproveitando pra me esfregar bastante nele, enquanto o encarava e cantava “quero sexo”. O cara começou a me olhar assustado, sei lá, talvez ele tenha pensado que eu era uma tarada... não sei... só sei que depois disso, ele sumiu e eu coloquei mais uma chance no lixo...

Talvez minhas amigas tenham razão. Quando eu parar de procurar, eu vou encontrar. Enquanto isso, vou tentar relaxar com Kit e aproveitar meus novos amigos. Isso, claro, se eu conseguir voltar a

PERIGOSAS ACHERON

andar depois de ontem e ir trabalhar.

Agora que descobri que dançar é muito bom, provavelmente eu comece a praticar alguns alongamentos pra não sofrer tanto no dia seguinte.

Sabe o que é o mais estranho nisso tudo? É que eu estou descobrindo coisas de que gosto de fazer e eu nem tinha noção, porque tudo sempre dizia respeito ao Bruno e ao que ele gostava de fazer, que se resumia, basicamente, a surfar. E, agora, tem um mundo de possibilidades que se abre à minha frente. E quero aproveitar cada uma delas!

Talvez eu nem queira ser puta de fato. Só quero aproveitar um pouco a vida. E parece que, pelo menos isso, eu estou conseguindo fazer. Mesmo que ainda seja ficando toda travada no dia seguinte... Mas eu teria feito tudo de novo — menos a parte de assustar o carinha gostoso que eu

estava pegando — porque ontem foi uma das festas mais divertidas da minha vida. Eu decidi: nunca mais deixarei de rebolar. E nem de dançar. Muito menos de ter amigas.

No fim, parece até que o Bruno me fez um favor. Mesmo eu ainda sentindo muita raiva dele e tentando entender como ele pôde fazer isso, se eu pensar um pouquinho, eu sou mais feliz sendo só a Mel do que a Mel do Bruno. Mais feliz pode até ser exagero, mas, com certeza, mais divertida.

Agora, chega de ficar pensando sobre tudo. É hora de trabalhar e, definitivamente, eu precisarei de muitos remédios pra dor se eu quiser encarar todo o meu dia.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

8

Nota mental: Aplicativos podem ser uma boa forma de não se conhecer alguém, se escolhermos os candidatos de acordo com nossos critérios utópicos.

Sabe quando você vai ao mercado e fica em dúvida sobre qual pote de sorvete levar? Aplicativos de encontro são mais ou menos assim. Normalmente a gente escolhe o sorvete baseado no que já conhece: a marca que mais nos agrada, o sabor de que mais gostamos e o tamanho do pote compatível à nossa gula.

O problema é que essa receita para escolher o

PERIGOSAS NACIONAIS

sorvete funciona quando já conhecemos outros sabores, outras marcas, mas, em um aplicativo de encontros, tudo o que conhecemos é “nada”. A gente seleciona os caras que nos interessam baseado em nossas vivências. Contudo, quem disse que algo que não vi não pode ser bom?

Eu sempre seleciono o mesmo tipo de cara: sarado, de sorriso bonito e alto. Descarto os que têm nomes estranhos, profissões desconhecidas ou fogem do biótipo que não me atrai. E o problema é exatamente esse! Eu julgo antes de conhecer. Baseada apenas em preconceitos e bobagens que eu nem sem mais se acredito.

Quer dizer, é claro que um homem gato tem muito mais chances de chamar a minha atenção, mas talvez um homem não tão gato possa ser uma pessoa realmente legal que me faça feliz. E os caras

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com nome estranhos? Eu descarto só porque o nome é diferente... E a culpa nem é deles! Afinal, quem escolhe nossos nomes são nossos pais, e juro que não entendo uma mãe que coloca no filho o nome de Orismael, mas, ainda assim, o Orismael pode ser um cara bacana.

Então, resolvi mudar a minha tática de seleção. Não vou mais excluir os caras com nome esquisitos. Assim como também não vou mais excluir os gordinhos e os de óculos das minhas possibilidades. A gente precisa expandir os horizontes, abrir a mente e deixar as coisas fluírem.

Eu sei que eu preciso seguir em frente, mas parece que eu só farei isso realmente quando conhecer alguém. E, por mais que eu diga que quero ser “puta” e ficar com todos os caras possíveis, colecionando pintos, a verdade é que eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não sei ficar sozinha. Eu sempre tive o Bruno e, às vezes, tenho a sensação de que, por mais que eu esteja refazendo a minha vida, conhecendo amigos, descobrindo coisas novas, nada disso vai estar completo se eu não tiver alguém ao meu lado.

O que é uma tremenda bobagem, afinal, eu devo ser feliz sozinha para depois ter alguém que faça parte dessa felicidade. Pelo menos, é isso que todos os livros, revistas e sites de autoajuda falam. O problema é que tirar essa sensação de infelicidade por não ter um namorado parece meio impossível. Ao mesmo tempo, eu ainda acho que deveria curtir e conhecer todos os caras possíveis, avaliar minhas opções e, aí sim, escolher um.

Tudo na teoria, porque, na prática, eu estou realmente desesperada e Kit, por mais que tenha me proporcionado bons orgasmos, não supre a minha

PERIGOSAS ACHERON

carência de receber elogios, mensagens no meio do dia e cafuné na hora de dormir. Porque não tem nada melhor que cafuné pós-orgasmo pra gente dormir.

Voltando aos meus novos critérios de seleção, com a expansão das minhas possibilidades, novos caras vieram falar comigo. Um deles, o Adalgamir — não me pergunte de onde surgiu esse nome —, me convidou para tomar um café. A ideia pareceu ótima. Apesar do nome estranho, Adalgamir é advogado, tem 1,80 de altura e parece bem pegável, o defeito é o nome e o fato dele usar óculos, mas como eu disse, eu me livreii dos meus preconceitos e estou bem empolgada para nosso café. Ficamos conversando metade da madrugada, ele me contou um pouco da sua vida, eu contei um pouco da minha — até falei do Bruno, mas com

PERIGOSAS NACIONAIS

moderação —, e rimos muito. Nossa sintonia foi perfeita. Não houve nada que acendesse o alerta de perigo.

Renata me ensinou que, sempre que marcamos um encontro com alguém que conhecemos por aplicativos, devemos ter alguns cuidados e falar a um amigo o endereço de onde estaremos, com foto do cara que vamos encontrar, para o caso de sequestros e assassinatos. O que me parece meio alarmante demais. Afinal, ninguém sai com alguém pensando que essa pessoa vai fazer mal pra gente. No entanto, com o mundo do jeito que está, resolvi seguir suas dicas e mandei para o Leo todos os detalhes do meu encontro.

Leo me respondeu sugerindo a roupa que devo usar — um jeans colado no corpo e uma blusa com decote generoso —, além de combinar um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

código caso eu precise ser resgatada com urgência. O código é: Estou encantada. Se eu responder alguma de suas mensagens, que ele mandará a cada meia hora, dizendo que estou encantada, devo encaminhar a minha localização junto para que a polícia me encontre.

Parece coisa de filme de suspense e, pra deixar o roteiro mais interessante, provavelmente eu ficaria sem bateria ou sem sinal durante o encontro. E se fosse um roteiro bem elaborado, Adalgamir seria um traficante de mulheres, que vai me dopar, sequestrar e me tornar uma escrava sexual em algum país da Europa, tipo Eslovênia. Meus amigos então entram em desespero e seguem meus rastros até me encontrarem drogada em um quarto sujo e fedido no subsolo de alguma casa de strippers. Eles me resgatam, ajudamos a prender

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

toda a quadrilha e eu volto para minha casa toda traumatizada, mas pronta pra superar tudo e ter uma vida normal.

Esse seria o pior cenário no meu encontro. O melhor é que Adalgamir é um cara legal, que tem um apelido bacana — porque chamar o cara de Adalgamirzinho ou Adalgamirzão está fora de questão —, nós nos apaixonamos e vivemos felizes para sempre.

E, mais uma vez, lá vou eu, cheia de expectativas que provavelmente serão frustradas em algum momento. Preciso me lembrar do que a Renata e a Fernanda me disseram “quanto mais você procura, menos acha. Apenas relaxe e deixe a vida acontecer”. Parece fácil, né?! Entretanto, para alguém que sempre planejou tudo e ficou completamente perdida na vida depois de ser

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deixada, praticamente, no altar, deixar a vida acontecer não é tão simples assim. Ainda mais quando se está há quase seis meses na seca e a única coisa que realmente deseja é um orgasmo dado por um pinto de carne e músculo. Não de borracha. Desculpa, Kit!

PERIGOSAS ACHERON

9

*Nota mental: Tamanho não é documento.
Mas quando você não consegue achar o pinto do
cara apalpando, fuja.*

Adalgamir não era feio. Nem escroto e muito menos chato. O encontro foi muito legal e juro que não estava afobada pra conhecer o pinto dele. As conversas foram, a noite toda, de duplo sentido, e adorei o jeito como ele queria saber mais de mim e me elogiava.

Depois do café, demos uma volta pela praça, tomamos sorvete e vimos o pôr do sol do coreto. Foi tão... conto de fadas! Eu estava rindo de uma

besteira que o Adal estava dizendo, então, ele levou a mão ao meu rosto, limpou um pingo de sorvete, bem do cantinho da minha boca, e segurou meu queixo.

— Eu quero muito te beijar agora, Mel. Saber se seus lábios são tão doces quanto seu nome. — É, foi meio brega, mas “super” romântico e eu permiti com a cabeça que ele me beijasse.

O beijo era uma mistura de Ballet clássico com música de elevador. Totalmente entediante, mas, ao mesmo tempo, despertava emoções reconfortantes. Ficamos naquele beijo de novela por um bom tempo. Eu esperando que começasse o baile funk de mãos e esfregações e ele... bem, ele mantendo o ritmo de música de elevador.

Uma hora depois já estava me dando sono. Resolvi que precisava dar uma apimentada nas

coisas. Tudo bem que eu faço o tipo romântica, ingênua, que sonhava em casar com o primeiro namorado e ter o seu final felizes para sempre, mas eu não sou lerda. Eu sonhava com tudo isso, contudo, ao mesmo tempo, minha vida tinha férias sempre planejadas, viagens de feriadões e mil aventuras para serem vividas a dois. Ou seja, eu tenho pressa.

Deixei minhas mãos, que ainda estavam nos ombros do Adal, deslizarem pelos seus braços. E posso dizer que dava para sentir cada “micro” músculo esculpido ali. O cara tinha uns braços de dar inveja. Subi e descii pelos tríceps e bíceps dele, acariciando com a ponta das unhas, lentamente. Enquanto isso, comecei a gemer junto à sua boca e mexer o meu corpo contra o dele.

Adal continuava na mesma posição. Com as

PERIGOSAS NACIONAIS

mãos fixas em minha cintura, sem mexer um dedo e com a língua repetindo os mesmos movimentos dentro da minha. Resolvi ser mais direta e deixei deslizar, com rapidez, uma das mãos do braço para a bunda, dando uma boa apalpada — e mais que merecida apalpada porque a bunda dele era, com certeza, mais dura do que a minha —, depois, deslizei a mão pela lateral da coxa até chegar àquele que eu mais queria conhecer: o pinto.

Só que, quando eu cheguei ali, procurei de um lado, procurei do outro, fui com a mão mais pra cima, com a mão mais pra baixo... Fiz o caminho de volta nos movimentos e tentei mais uma vez. E, quanto mais eu mexia a mão pela região em busca do amiguinho que eu queria conhecer, mais Adalgamir gemia ao meu ouvido e mais desesperada eu ficava por não encontrar o “dito

PERIGOSAS ACHERON

cujo”.

— Não para, Mel!! — ele meio que sussurrava ao mesmo tempo em que gritava ao meu ouvido. — Vai, gostosa... continua assim que eu tô quase lá... — Como assim, se eu nem achei ele? — Eu não sabia que você era tão safadinha, Melzinha!

Eu não sei o que aconteceu exatamente, mas no momento em que finalmente achei que tinha encontrado o pinto, o dono dele começou a se tremer todo, entesar todos os músculos do corpo, ficar vermelho e a urrar. Senti aquela umidade na minha mão, e uma coisa, que eu achei que era o pinto mole, sumir da minha mão novamente.

Ok. Acho que não preciso dizer mais nada sobre meu encontro “super” romântico e “mega” broxante com o Adalgamir. Além do nome esquisito, o homem tem, sei lá, isqueiro “minibic”,

PERIGOSAS NACIONAIS

no lugar do pinto e sofre de ejaculação precoce. Não preciso dizer mais nada. Só que olhei no relógio assim que tirei a mão, literalmente, da porra dele e disse que precisava ir. E fui andando em frente, sem olhar para trás, ainda tentando entender como eu não senti o pau dele ficando duro e, muito menos, como mesmo assim ele conseguiu gozar em segundos. Talvez seja crueldade minha. Foi mais de um minuto. Deve ter durado mais ou menos um minuto e trinta e oito segundos.

Eu realmente não quero mais falar sobre o meu total fracasso na missão de conhecer novos pintos já que ultimamente até a capacidade de senti-los eu perdi, mas como diz o seu Jorge, meu chefe, que agora tenho certeza de que tem mais de 200 anos, azar no amor, sorte no jogo... que no caso, pra ele, o jogo é o trabalho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Isso ele me disse outro dia, quando estávamos conversando e ele me perguntou se estava tudo bem e eu respondi que sim, apesar de ainda pensar no Bruno e de não ter conseguido dar pra nenhum outro cara e contar sobre todos os meus encontros fracassados.

— Eu estava perguntando se estava tudo bem com seus horários. Não com sua vida, senhorita Melina Batista, mas já que mencionou suas questões pessoais, quero lhe dizer que azar no amor, sorte no jogo. Minha vó sempre me falava isso. O jogo, no nosso caso, senhorita, é o trabalho. — Ele sorriu.

Depois, abriu sua gaveta e tirou um cheque.

— Essa aqui é a sua primeira bonificação pelo excelente atendimento aos grupos — estendeu o pedaço de papel. — Saiba que a senhorita sempre

PERIGOSAS ACHERON

tem recebido excelentes elogios! Então, continue se dedicando, que um dia, quem sabe a senhorita poderá ocupar o meu lugar na gerência quando eu me aposentar. — Ele sorriu mais ainda com a ideia de se aposentar.

Também, com a quantidade de anos que ele tinha, já deveria estar aposentado desde que Cristo ressuscitou.

— Obrigada, seu Jorge! Fico muito feliz, mas não pretendo trabalhar nesse ramo pelo resto da vida. Depois...

— Eu também pensava assim, senhorita Melina, mas quando vovó me disse isso, depois da menina que eu gostava me deixar no meio do baile de formatura para ficar com o meu melhor amigo — seu Jorge fez uma pausa, parecia que as lembranças ainda o machucavam —, eu resolvi me

dedicar ao trabalho. E, hoje, tenho um dos negócios mais bem sucedidos da região. Sabe o que é mais preocupante? Meu único filho e meus netos nunca se interessaram. Nem moram aqui. Então, preciso ir pensando em treinar alguém para o meu lugar.

Eu sei. Eu deveria ter agradecido e dito que eu pensaria sobre o assunto e saído de fininho com meu cheque na mão. Eu não pensava em ser guia turística por muito tempo mesmo, mas também, que outro plano eu tinha para minha vida? E, depois, seu Jorge era um senhor agradável. Apesar de ser quase um “morto vivo”, ele usa gravatas borboletas e suspensórios, o que deixa qualquer velhinho irresistível.

— Seu Jorge, acho que pode ser uma boa ideia.

É. Para uma pessoa que não sabe nada do dia

de amanhã eu acabo de me comprometer em assumir a gerência do meu emprego. Para quem queria ser “puta”, estou me saindo uma excelente mulher de negócios.

10

Nota mental: Às vezes encontramos coisas que nem estávamos procurando.

Se em alguma versão dos dicionários do mundo existe uma ilustrada, ao lado da palavra confusa, está uma fotografia minha. Eu sempre soube o que as pessoas pensavam de mim e nunca me importei porque eu era feliz. Todo mundo comentava que eu era a menina mais boba da escola, que a família do Bruno havia me comprado

PERIGOSAS NACIONAIS

pra ele e, por isso, eu sempre andei à sua volta e não falava com mais ninguém. Os mais maldosos diziam que nós éramos parte de uma seita maligna e, por isso, eu era a prometida do Bruno e seria sacrificada virgem no dia do casamento. Mesmo que a gente já transasse desde os quinze. Tinha gente que dizia que eu era interesseira, que queria dar o golpe do baú e me fazia de sonsa e dava escondido pra todo mundo da cidade.

Eu nunca liguei. Porque, para mim, bastava saber que o Bruno gostava de mim. Só que agora eu não sou mais o amor dele — ainda não sei se é a nativa peituda ou se realmente o único amor do Bruno vai ser o surf —, e, pela primeira vez, eu me importo com as pessoas e com o que elas pensam. Então, quando o Leo veio me perguntar se eu estava tentando dar um golpe no seu Jorge, eu

PERIGOSAS ACHERON

fiquei chocada.

Claro que não foi isso. Depois que eu disse “sim” para o seu Jorge, de forma impulsiva e sem pensar nas consequências e responsabilidades do que eu estava fazendo, cheguei em casa em pânico. Conversei com mamãe e papai, falei a besteira que havia feito e que agora não sabia com consertar as coisas.

— Minha filha, se acalme. Você não fez nada de errado, apenas aceitou uma chance de melhorar no seu emprego — papai foi o primeiro a falar.

— Eu acho uma excelente ideia, minha filha — mamãe continuou. — Sabia que seu Jorge era muito amigo do meu pai quando ele era vivo e eu o conheço desde criança? Não lembrava que o filho dele tinha ido embora da cidade. — Mamãe afagou

meus cabelos.

Às vezes, eu me sentia como uma criança ao lado deles e, talvez, ainda fosse, principalmente quando as coisas davam errado e eu corria pra eles.

— Pobre do seu Jorge, com a idade que tem, sozinho. Deveríamos convidá-lo para almoçar.

— Mas o problema é que vai parecer que estou fazendo isso por interesse e eu nem sei se quero trabalhar no ramo de excursões e passeios turísticos para sempre.

— E o que você quer fazer, Melina? — meu pai sabia exatamente quando eu estava completamente sem ideias e perdida na vida. — Você tem alguma ideia?

— Não, mas...

— Minha filha, não tem nada demais você não saber o que quer, mas se a vida está lhe dando

PERIGOSAS NACIONAIS

uma oportunidade, por que não experimentar? — minha mãe sabia exatamente como ajudar a me encontrar.

— E se amanhã ou depois você não quiser mais, também não tem problema! — papai completou.

Depois dessa nossa conversa, mamãe convidou seu Jorge para jantar. E quanto mais próxima fico dele para aprender sobre os negócios, mais eu gosto de conviver com o velhinho e ouvir suas histórias, sempre cheias de reflexões e que me fazem passar dias pensando... Como quando ele me contou sobre o dilema do bonde.

É aquela história: um trem desgovernado está indo no sentido onde 5 trabalhadores estão nos trilhos. Existe um jeito de evitar que o trem os mate, se puxar a alavanca e mudar a direção do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

trem. Só que, na outra direção, existe uma pessoa nos trilhos. Então, você mata uma ou cinco? A primeira resposta sempre é uma, mas e se essa pessoa for um amigo seu?

É um dilema moral, e por mais que não exista uma resposta certa e que a gente nunca saiba o que realmente faria, a não ser que estivesse na situação, a resposta nunca vai ser a mesma para todo mundo, pois cada um vive de acordo com seus conhecimentos, estudos, valores e aprendizados.

Surpreendentemente, seu Jorge tem me feito pensar em tantas coisas diferentes que nem tenho olhado como anda os meus aplicativos de encontro. Esse velhinho, que agora sei que tem 73 anos, foi um achado. Ganhei um amigo, meio avô, que é meu chefe e ainda está me treinando para que eu tenha algum futuro. Se isso não é sorte, eu não sei.

PERIGOSAS ACHERON

Contudo, quando o Leo veio me interrogar, já meio que me acusando, eu me incomodei. Pela primeira vez me incomodei com o que alguém estava pensando e falando sobre mim e, pela primeira vez também, tive necessidade de responder.

— Leo, eu não estou interessada no dinheiro do seu Jorge! Claro que é legal pensar na possibilidade de melhorar de emprego, crescer e, quem sabe, um dia ter o meu próprio negócio. Seu Jorge é exatamente o que eu tenho medo de me tornar, uma pessoa sozinha. Só que, ao mesmo tempo, ele tem me ensinado tanto! — pensei mais uma vez nas conversas que eu tinha com o velho. — Acho que ele se tornou um amigo.

— Você não acha estranho que o velho tenha escolhido você? — Leo ficou me encarando. — Eu

PERIGOSAS NACIONAIS

também sou novato, mas tem gente que trabalha com ele há mais de dez anos e ele nunca falou em se aposentar...

— Talvez porque ele era amigo do meu avô!
— falei e fiquei pensando sobre essa possibilidade.
— Ele me disse que eu parecia ele mesmo, com muito azar no amor, então, talvez tivesse sorte para o jogo, quer dizer, para o trabalho.

Não dei muita bola para a curiosidade de Leo, mas fiquei pensando por que seu Jorge havia me escolhido. Será que meu futuro era ser sozinha como ele? Pelo menos, eu ainda podia tentar conhecer alguns pintos de verdade, vai que eu realmente não tivesse sorte pro amor, mas podia ter sorte para o sexo, certo?

PERIGOSAS ACHERON

11

Nota mental: Nada é questão de sorte. Tudo se resume a tentativas e erros.

Renata e Fernanda resolveram que deveríamos ir a uma festa só para héteros caçadores. Uma das coisas que tenho aprendido nessa minha vida de solteira é que existem diferentes estilos de baladas e algumas delas têm objetivos bem específicos, como caçar um outro ser humano para copular. Pensei que em uma festa dessas eu me daria bem, muito bem. Pelo menos, com o objetivo de transar e conhecer algum pinto, mas não foi isso o que aconteceu.

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando chegamos à danceteria, já na entrada, eu me arrependi. A música era legal, boa pra dançar, o ambiente também era bem decorado, mas, no momento em que coloquei os pés lá dentro, eu me senti como um pedaço de carne em uma vitrine de açougue sem o vidro. Onde quem fosse mais ousado poderia, além de salivar, apalpar a carne. Não que alguém tenha metido a mão em mim, mas a sensação que dava era essa.

E não era só os caras que eram assim, as mulheres se comportavam da mesma forma. Era como se todos que estivessem ali carregassem luminosos de luz neon na testa escrito QUERO SEXO!

Ninguém realmente dançava se divertindo com a música. As pessoas balançavam os corpos sem parar de procurar alvos em potencial. E,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando achavam que encontravam, partiam pra a investida. Eu deveria ter achado isso legal, certo? Errado. O problema é que os olhares eram tão invasivos que eu me sentia constrangida e não conseguia retribuir.

Depois de um tempo tentando dançar e sobreviver ao “tiroteio”, percebi que, com o avançar da noite, quem ainda não estava agarrado em algum pescoço, passava a ser grosseiro e mal-humorado, dando esbarrões nas pessoas sem sequer se desculpar.

Na pista era proibido dançar com bebidas. De acordo com o segurança do lugar — que parecia ser a única pessoa que não estava ali caçando e com quem dava para conversar —, as pessoas se agrediam fisicamente quando acontecia das bebidas virarem em cima de alguém, por isso a proibição.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Resolvi, então, pegar uma cerveja no balcão do fundo da danceteria. Estava mais tranquilo por ali, menos pessoas circulando, e parecia que aquele canto havia sido pensado para os fracassados, como eu, que não conseguiam caçar. Ou para as pessoas perdidas, como eu, naquele ambiente tão hostil.

Sentei em um dos bancos altos e pedi minha cerveja. Renata e Fernanda seguiam dançando, mas de onde estava sentada, eu não enxergava a pista, as pessoas do lugar e nem nada. Só o balcão e a parede.

— Mel?! — ouvi a voz se aproximando por trás. Virei lentamente a cabeça. — Nunca imaginei encontrar você aqui!

Eduardo deu um beijo em minha bochecha e sentou no banco ao meu lado. Se já não bastasse estar me sentindo deslocada dentro da danceteria, o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

único cara que resolve falar comigo é o senhor nerd sorridente fedorento.

— Pois é... — respondo sem dar muita atenção. — Umas amigas me trouxeram pra conhecer.

— Eu também... uns amigos do trabalho me disseram que aqui era o lugar certo pra mim — ele ri —, mas confesso que estou me sentindo totalmente deslocado e constrangido.

— Com o jeito que as pessoas se encaram?
— pergunto curiosa.

— Exatamente... é tão...

— Constrangedor! — completo sua frase e dou risada. — Eu me sinto um pedaço de carne na vitrine do açougue.

— Eu também! — ele riu. — Parece que a única coisa que interessa a quem está aqui é sexo...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eduardo passa as mãos pelo cabelo, ajeita os óculos e continua. — Só que não era disso que você estava atrás outro dia?

— Era... quer dizer, é... Mas não desse jeito...

— Eu te entendo.

Eduardo não falou mais nada. Ficou apenas sentado ao meu lado no balcão, tomando sua cerveja e pensando em sei lá o quê. E eu também. Vimos as pessoas andando, balançando os corpos com o olhar de mira laser apontado para algum alvo. Às vezes, a gente só se olhava e ria do que estava acontecendo e dos tipos que passavam por nós. E, pela primeira vez, em muito tempo — mais precisamente desde que Bruno me trocou pelas ondas da Indonésia —, eu me senti tranquila. O que era realmente estranho.

— E aí? A songamonga vai te dar uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chance ou tu prefere algo com mais sustância. —
Uma mulher agarrou os próprios seios, deixando
bem claro o que ela queria dizer sobre “mais
sustância”.

— A songamonga vai continuar tomando sua
cerveja — falei rindo.

— Na verdade — Eduardo olhou para mim e
depois para a mulher que estava quase em seu colo
já —, eu prefiro mais conteúdo que embalagem —
encarou-me e piscou.

— Tudo bem. Você que não sabe o que está
perdendo... — Ela deu um giro nos próprios pés,
como se tivesse ensaiado aquela coreografia mil
vezes, e deu uma “cabelada” no rosto de Eduardo,
saindo pro próximo alvo.

— Isso é estranho... — Eduardo falou.

— Muito — apenas concordei —, mas se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você quiser sair com alguém, pode ir. Eu ficarei bem tomando a minha cerveja.

— Eu quero, mas a mulher de quem eu gosto não me enxerga assim. E as outras não me interessam.

— Você gosta de alguém? Já disse para ela?
— talvez eu pudesse ajudar Eduardo, afinal, ele já havia me ajudado em uma circunstância de ridículo e desespero extremo e parecia ser um cara bem legal.

— Nunca falei. Não sei como dizer. Ela me vê apenas como um amigo e prefiro estar perto dela assim do que deixar de vê-la — ele dá de ombros.
— Talvez um dia ela saiba.

— Você deveria fazer algo bem surpreendente pra ela. Sei lá... quem sabe se declarar na frente de um monte de pessoas, dizer o

PERIGOSAS ACHERON

que sente, pensa...

— Você iria gostar disso? — ele arqueia a sobancelha, parecendo surpreso.

— Eu iria adorar... posso não parecer, mas no fundo eu sou romântica... — eu mesmo dou risada do que digo. — Não parece muito com alguém que sobe em cima de uma mesa e pergunta se tem alguém disponível para transar... mas acho que essa história toda de querer sair com um monte de caras é só meu orgulho ferido.

— Pode ser, Mel... — Ele dá um gole no seu copo e parece procurar as próximas palavras que vai dizer. — Quem sabe eu tente algo assim.

12

Nota mental: Beber sentada pode ser muito pior que beber em pé.

Perdi a noção da hora, da quantidade de cerveja e dos assuntos sobre os quais eu e Eduardo conversamos. Depois de um tempo, ou da décima cerveja, tudo de que me lembro são das risadas, das brincadeiras e confissões que fizemos. Até sobre sexo e posições me lembro de termos conversado.

A danceteria já estava mais calma, um pouco vazia. Ocasionalmente, alguns casais formados ainda se beijavam pelas paredes do lugar, enquanto poucos solteiros resistentes ainda dançavam na

PERIGOSAS NACIONAIS

pista de dança. Resolvi que era hora de procurar minhas amigas e ir para casa. Só que, quando levantei do balcão, o mundo inteiro rodou. Eduardo percebeu que eu ia cair e, antes do pior acontecer, me amparou, segurando em minha cintura e puxando meu corpo para que me apoiasse nele. Senti um perfume forte e amadeirado. Num impulso, cheirei o cangote de Eduardo, que se assustou.

— Você cheira bem... — disse.

— Acho que você não está muito bem — ele me respondeu.

Eduardo parecia tão diferente naquele momento. Mais alto, os óculos eram até charmosos e ele nem parecia tão esquisito como antes. Seu dente ainda continuava torto, mas ele não tinha mais cheiro de suor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A gente podia... — enrosquei meus braços no pescoço de Eduardo — fazer alguma coisa junto... — aproximei meus lábios do dele.

— A gente vai. — Eduardo desviou o rosto e acabei beijando sua bochecha. — Vamos encontrar suas amigas e te levar pra casa.

— Mas eu... — enfiei a cabeça em seu pescoço mais uma vez, lambi e mordi sua orelha. Então, sussurrei — queria você!

— Mel... — ele fez com que eu o olhasse nos olhos —, eu gostaria muito que isso fosse verdade, mas você está bêbada e se arrependeria disso amanhã. E eu não vou me aproveitar do seu teor alcoólico.

— Cara... por que você é tão chato?? — disse me afastando dele e quase tropecei. Eduardo me segurou novamente, mas me liberei de suas mãos. —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Vive à minha volta me perseguindo, me encontrando nos lugares, indo aos meus passeios, puxando assunto. Aí, quando eu estou à sua volta você me rejeita?? — O que ele está pensando? — Quer saber, Eduardo? Eu nunca ficaria com você! Você é feio, chato, usa esse óculos horrível, se veste parecendo meu avô, tem um dente torto, está sempre sorrindo pra tudo como um abobado e ainda fede a suor. E eu também nem quero ser sua amiga. Tchau!

Dei as costas para Eduardo e saí furiosa, cambaleando até a pista de dança. Nem sinal de Renata ou Fernanda. Peguei o celular para ver se tinha alguma mensagem e nada. Sinal de que em algum lugar elas estavam. Resolvi procurar no banheiro e não encontrei. Mandeí uma mensagem avisando que estava indo embora e fui pra fila de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

saída. E adivinha quem estava bem à minha frente? O senhor Nerd Sorridente Fedorento. Ignorei completamente Eduardo. Fingi que nem conhecia. O único problema era que minhas pernas não me obedeciam, meus olhos foram se fechando e, puta que pariu, a última coisa que escutei antes de apagar completamente foi Eduardo gritando meu nome “Melina!”

Um tempo depois, que não sei exatamente precisar quanto, comecei a recobrar os sentidos. Estava sentada no cordão da calçada, com os pés todos vomitados e um cheiro insuportável de vômito e cerveja invadiu meu nariz.

— Vou chamar o Uber, tá?! — Eduardo disse, segurando os meus cabelos. — Você está se sentindo melhor?

— O que houve? — perguntei confusa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você meio que desmaiou na fila de saída. Eu te segurei e te trouxe aqui fora para tomar um ar.

— Obrigada! — disse e levanto lentamente a minha cabeça. Passei as mãos no pescoço e senti algo melado. — Por que eu estou melada?

— Porque uma de suas amigas apareceu aqui com uma coca-cola gelada para você beber — ele riu —, como você não estava respondendo, elas acharam melhor molhar sua nuca e só tinha coca-cola.

— Puta que pariu!

— Você não se lembra de nada?

— Não... só da gente sentado no balcão.

— Nem do passe que você recebeu aqui?

Um flash apareceu em minha memória. Um cara ajoelhado em minha frente, segurando minhas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mãos e dizendo que tudo ia ficar bem. Ele ficou rezando ao meu ouvido e dizendo coisas sem sentido. Depois, outro flash de Renata e Fernanda falando comigo. Eduardo dizendo que cuidaria de mim. Então, eu me lembro de tentar beijá-lo e ele virar o rosto, dizendo que eu estava bêbada.

— Eu tentei te beijar? — perguntei realmente envergonhada. Eduardo só acenou com a cabeça afirmando que sim. — Eu estava bêbada demais.

— Eu sei — ele respondeu sorrindo. — Eu te disse isso.

E, como se fosse possível eu fazer um fiasco maior ainda que da outra vez, me lembrei de tudo que disse pra ele quando virou o rosto. Se fosse possível cavar um buraco e sair no Japão nesse momento, eu cavaria. E nunca mais voltaria.

— Eduardo, eu... — não sabia como me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desculpar. — Desculpa! Eu não deveria ter falado nada daquilo...

— Tudo bem, Mel. É o que você pensa.

— Não é, não... você é um cara muito legal e tem sempre cuidado de mim. Eu sou uma idiota.

— Você está bêbada, não se culpe tanto.

— Por que você continua sendo legal comigo mesmo eu sendo uma idiota com você? — falei e escondi meu rosto com as mãos.

Eduardo afastou minhas mãos do meu rosto, levantou meu queixo, ajeitou meus cabelos e sorriu.

— Porque eu gosto de você.

Era uma pergunta retórica, não esperava uma resposta e muito menos uma que envolvesse uma declaração de amor. Será que a mulher de quem Eduardo falava mais cedo que gostava sou eu?

— Eu sou a mulher de quem você estava

PERIGOSAS ACHERON

falando antes? — perguntei.

Provavelmente, a resposta seria não. Alias, devia ser não. Como ele ia realmente gostar de alguém como eu, que só o maltratava, ignorava e ainda dizia coisas horríveis?

Eduardo ficou me olhando sem saber o que dizer. Seu celular vibrou no bolso, ele pegou, leu a notificação e o guardou novamente. Levantou-se da calçada e me estendeu a mão.

— Nosso Uber chegou!

13

Nota mental: Desconhecidos são capazes de entrar em sua mente. Cuidado!

Eduardo abriu a porta do carro e me colocou sentada ao lado do motorista. Fechou a porta e deu a volta para entrar. Quando ele se acomodou no banco de trás, o motorista, que me olhava da cabeça aos pés, perguntou:

— Você não vai vomitar no meu carro, né?
— ele parecia estar furioso.

— Claro que não! — respondi ofendida. —
Eu já vomitei tudo o que precisava.

— Não sei por que vocês bebem desse jeito.
Parece uma juventude perdida. — O homem não

PERIGOSAS NACIONAIS

deveria ter mais que 30 anos, mas me tratava como se fosse uma adolescente.

— Você não sabe pelo que eu passei para me julgar. E nem é tão mais velho que nós. — Olhei para Eduardo, que ria do meu diálogo com o motorista.

— E pelo o que você passou? — o motorista perguntou curioso.

— Não te interessa. Não estou a fim de conversar com um estranho sobre os meus sentimentos.

— Você entra no meu carro, parecendo que vai vomitar de tão bêbada, vem com um discurso de não julgar as pessoas e não quer me contar o que você realmente passou que justifique esse estado? — o motorista também parecia estar se divertindo com a cena. Devia ser a única que não estava

PERIGOSAS ACHERON

achando nada engraçado.

Ignorei completamente o homem e fiquei olhando a vista da cidade. Tudo estava deserto e imaginei as pessoas dentro de suas casas, dormindo em suas camas confortáveis, sem passar pelas situações idiotas em que estou me metendo. Queria ser uma dessas pessoas.

Olhei para Eduardo no banco de trás e disse:

— Vou chegar e cair dura na cama. — Sorri para ele.

— Sem nem tomar um banho? Que nojo! — o motorista ao meu lado se manifestou. Esse homem só podia ter problemas!

— Eu estava falando com meu amigo. Você é sempre metido assim na vida dos seus passageiros?

— Só dos que estão bêbados e ainda acham que estão certos — ele respondeu e piscou pra

mim.

Ignorei o motorista pelo resto do caminho — que não passou de mais uma quadra e meia —, desci do carro, Eduardo também desceu e pagou a corrida.

— Você está bem? — ele perguntou. — Precisa de mais alguma coisa?

— Eduardo, eu queria me desculpar... — ele me interrompeu.

— Depois conversamos, Mel... Agora, é melhor você descansar.

Meio sem jeito, ele se aproximou de mim, me deu um abraço e se afastou. Eu fiquei parada no portão, olhando Eduardo ir e, por algum motivo que eu não entendi, tive vontade de chamá-lo e abraçá-lo.

— Eduardo! — ele parou de caminhar e se

PERIGOSAS NACIONAIS

virou.

Corri em sua direção, como se fosse uma cena de filme. Não sabia bem o que queria fazer. Abraçá-lo, beijá-lo... não sabia... Mas, como em um filme, eu tropecei em meio à minha corrida e caí com a cara no chão.

— Puta que pariu! — gritei. — Eu tô bem!

Eduardo correu em minha direção e me ajudou a me levantar.

— O que você queria? — ele me encarou e pude ver que estava esperando alguma coisa.

— Só te agradecer mais uma vez.

Dei um beijo em sua bochecha e entrei dentro de casa. Atirei-me na cama do jeito que estava, aí me lembrei do motorista me dizendo que era nojento não tomar um banho no estado em que estava. Levantei-me e me diriji ao chuveiro. O

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Uber tinha razão.

PERIGOSAS ACHERON

14

Nota mental: Pense antes de falar. Depois que a gente diz certas coisas, não tem como voltar atrás.

Fazia cinco dias que Eduardo não aparecia em nenhum grupo de passeios dos meus e nem dava sinal de vida. Mandeí algumas mensagens para ele, com coisas engraçadas, perguntando se estava tudo bem, mais coisas engraçadas... e as respostas eram sempre monossilábicas.

Talvez realmente não fosse eu a mulher de quem ele gostava. Aliás, por que seria? Eu nunca dei bola para ele e já fui bastante cruel. Fora que

PERIGOSAS NACIONAIS

precisava me concentrar no plano original: ser puta! E achava que não era isso que o Eduardo procurava. E nem eu queria nada com ele, apesar dele ser um dos caras mais queridos e gentis que já conheci na vida. Aquele lance de não me beijar porque eu estava bêbada foi “super” fofo, tive que admitir. A maioria dos caras iria ignorar completamente meu estado e me arrastaria para um motel. Se bem que era exatamente isso que eu queria, não?

Resolvi voltar para os aplicativos e usar uma técnica diferente. Dessa vez, ao invés de ficar conversando e esperando que alguém convidasse, eu sairia convidando logo para um encontro às escuras, num local público, e, se rolasse química, iríamos direto pro motel. Tentei com uns três essa jogada, e eles pararam de conversar, só Rafael me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deu corda. E, depois de uns quarenta minutos de conversa, provocações e tal, resolvemos nos encontrar no posto da cidade. Não pensei muito, se eu pensasse, ficaria com medo e desistiria da ideia.

Porque é uma total loucura encontrar alguém que você acabou de começar a conversar e ir direto para um motel, mas eu realmente estava disposta a conhecer o primeiro pinto da minha coleção, e ele seria do Rafael. Por isso, quando ele chegou ao posto e veio me cumprimentar, eu já o beijei de cara, enfiando minha língua na sua boca para ele ter certeza de quais eram as minhas intenções.

Ele parecia pouco com as fotos que o deixavam bem mais interessante do que ele realmente era, mas eu não estava nem aí. Eu só queria o pinto. Depois de alguns amassos e olhares nada aprovadores pra nós, resolvemos que

PERIGOSAS ACHERON

devíamos ir para outro lugar. O outro lugar que eu tinha em mente era um motel, mas Rafael achou que seria mais interessante me levar para a praça da cidade. O detalhe era que havia uma feira de artesanatos lá e estava cheio de pessoas. Principalmente, pessoas conhecidas.

Lá pelas tantas, depois de ter soltado a mão dele, que insistia em usar para segurar a minha como se fôssemos um casal, não aguentei mais.

— Olha só... eu estava falando sério sobre o lance do motel.

Rafael parou de caminhar e me encarou.

— Sério mesmo? — ele parecia surpreso. — Você não quer me conhecer e conversar primeiro?

— Eu quero te conhecer... — pensei nas poucas lições que aprendi sobre a arte da sedução e abracei Rafael, deixando minha mão escorregar

para a saliência em sua calça, que era bem visível, e apalpei —, mas de outros jeitos.

— Mas eu não quero isso, Melina. — Rafael se afastou de mim. — Acho que sexo é a comunicação cármica de duas almas e deve ser feito apenas quando existe uma ligação...

Nem terminei de ouvir o resto. Vi Leo com um grupo de amigos mais à frente e saí em direção a eles. Rafael ainda tentou me chamar, mas já era tarde. Já estava abraçada a Leo e, se eu terminaria mais uma noite sem sexo, pelo menos ia ser dando boas risadas.

Por que é tão difícil para uma mulher que só quer transar arranjar um cara que também só queira isso? Até parece que eu virei o homem e todos os caras que cruzam o meu caminho, a mulher. Ou será que estamos entrando em uma era de homens

mais sensíveis?

Meu celular vibrou no bolso e, quando vi, era uma notificação do aplicativo de relacionamentos.

“Oi, quero chupar sua boceta e te foder todinha. Vou te amarrar na minha cama e dar a surra que você quer”.

Definitivamente, os homens não estavam mais sensíveis. Eu era que não estava conseguindo achar o meio termo. Nem tão sensível como Rafael e nem tão escroto quanto esse da mensagem que eu já bloquei. Eu queria um cara atencioso, carinhoso e amigo, mas que ainda assim quisesse algo comigo. Alguém tipo... Tipo... o Eduardo.

Contudo, não o Eduardo, obviamente, porque ele não tinha nada a ver comigo e nem me atraía. Achava que só o quis beijar naquela noite, pois estava carente. E bêbada. Bebedeira e carência

eram duas coisas que faziam a gente fazer besteira. Juntas então... Pessoas como eu tentavam beijar pessoas como o Eduardo.

15

Nota mental: O destino já está escrito. O que é seu ninguém te tira.

Eu nunca acreditei muito em previsões de futuro, horóscopo, mapa astral, numerologia ou qualquer coisa dessas muito esotéricas. No entanto, quando Leo me convidou pra ir a uma cartomante com ele, achei a ideia genial. Eu nunca acreditei, mas sempre tive curiosidade e não tinha ido a nenhum tipo de vidente. Era mais uma chance de

PERIGOSAS NACIONAIS

fazer alguma coisa pela primeira vez e matar a minha curiosidade.

Quando a gente chegou à casa da cartomante, eu já fiquei toda arrepiada. A porta da frente estava aberta e o ambiente era bem escurecido, mal entrava a luz do sol e parecia que “não via um pano de pó” há mais de uma década. Logo que entramos, vimos duas cadeiras de veludo vermelho e uma mesinha com algumas revistas. Ficamos ali aguardando. Era um espaço bem pequeno, entre a porta da frente e a porta da sala onde as pessoas eram atendidas. Não demorou muito até que a porta se abriu e uma senhora de cabelos brancos, presos em um coque, com uma rosa vermelha na cabeça, fumando um cigarro e vestida com uma saia vermelha comprida e rodada e uma camisa branca desabotoada com um sutiã meia taça vermelho

PERIGOSAS ACHERON

chamou o meu nome.

Levantei-me da cadeira num pulo.

— Tire os sapatos, por favor! — foi só o que ela disse antes de me deixar passar pela porta.

O lugar era todo vermelho, tinha um monte de imagens de santos vestidos de preto, vermelho e branco. Aos pés da maioria das imagens, encontravam-se bebidas e cigarros. A sala era toda escura. No meio dela, uma mesinha redonda, daquelas antigas de bar, com duas cadeiras, uma de cada lado. A mesa estava coberta com uma toalha branca. Tinham velas, aquelas correntes de miçangas de várias cores, um copo de água e um baralho de cartas em cima da toalha.

— Vem aqui, minha filha, que antes vou te benzer — a mulher falou, fazendo com que eu voltasse para a frente as imagens. — Mas que rica

energia você tem. Tu é toda iluminada, teu caminho não tem nada de ruim.

Como não? Pensei. Quer algo pior do que ser abandonada às vésperas do casamento? Mas tudo bem. Fiquei parada ali, enquanto a mulher passava as mãos em mim e rezava. Quando ela terminou, pediu para eu me sentar.

— Então, o que te traz aqui? — perguntou assim que se sentou e acendeu outro cigarro.

— Não sei bem, curiosidade, eu acho. Nunca acreditei muito nessas coisas, mas sempre quis conhecer.

— Você até pode não acreditar, mas seu destino já está traçado. — Deu uma baforada da fumaça do cigarro na minha cara. — Corta o baralho, com a mão direita em três montes, por favor!

PERIGOSAS NACIONAIS

Fiz o que ela mandou e fiquei em silêncio. A mulher prontamente pegou as cartas e vários desenhos começaram a aparecer em cima da mesa, enquanto ela desvirava carta por carta.

— Você tem uma alma gêmea! Olha que lindo... vocês caminham juntos desde crianças. E ele sempre está ao seu lado. Mesmo quando você anda de costas para ele.

— Não, não... a senhora está enganada. Eu tinha uma alma gêmea, mas ele foi embora e agora eu estou sozinha.

— Não é o que as cartas me dizem, minha filha. Olha aqui — apontou para a imagem de uma mulher, depois para a carta de um cachorro de pernas cruzadas e, por último, para um coração. — Sua alma gêmea sempre está ao seu lado. Desde sempre e nunca sai.

PERIGOSAS ACHERON

— Isso significa que ele vai voltar? — indaguei animada. Bruno ainda me amava, ele era minha alma gêmea! Voltaria pra mim! Uma euforia me invadiu a tal ponto, que me fez levantar da cadeira. Eu não precisava saber mais nada!

— Senta aí, minha filha! — a mulher falou meio brava. — Ele não vai voltar porque ele não foi a lugar algum. Sempre está próximo de você. Mas você sempre está de costas pra ele, parece que não quer enxergá-lo.

A mulher começou a discorrer sobre um monte de coisas, de dinheiro, dizendo que eu me daria muito bem, sobre trabalho, futuro, viagens... sobre minha alma gêmea, mas nada daquilo me interessava mais, porque agora eu sabia que o Bruno voltaria.

— Você está me ouvindo? — a cartomante

PERIGOSAS NACIONAIS

sacudiu a mão em frente ao meu rosto. — Você quer perguntar mais alguma coisas?

— Não! Muito obrigada! Eu adorei!

— Mas, minha filha, não esqueça: Você precisa começar a enxergar a sua alma gêmea, senão ficará sozinha para sempre.

— Pode deixar! Vou resolver isso agora mesmo!

Saí da consulta mais que empolgada. Leo entrou em seguida, então, não pude contar a ele qual seria o meu plano. Entretanto, eu tinha uma certeza: nunca mais deixaria de enxergar o Bruno! Eu sempre soube que nosso destino era ficar juntos, por isso, eu tinha decidido: iria atrás dele em Bali!

Enquanto pesquisava os preços da passagem — e verificava que meu plano teria que esperar alguns meses ou anos, já que custavam uma

PERIGOSAS ACHERON

pequena fortuna — uma mensagem de Eduardo apareceu no celular. Finalmente ele havia resolvido me dar um sinal de vida que não fosse monossilábico.

“Oi, você está bem? Parou de mandar mensagens.”

“Sim, né?! Você não queria falar comigo.”

“Não é isso. É que eu tive alguns problemas. Mas agora está tudo bem. E você, como está?”

“Que tipos de problema? Eu estou ótima, olhando os preços das passagens pra Bali. Vou atrás do Bruno.”

“Ah”

“Tudo bem?”

“Tudo, é que eu achei que você estava em outra.”

A porta da sala de consulta se abriu e Leo

PERIGOSAS NACIONAIS

veio de lá como se tivesse saído de um enterro. Ao contrário de mim, que saí superempolgada, ele parecia ter sido atropelado por um caminhão, que depois deu ré e ainda fez um cavalinho de pau em cima dele.

— Tudo bem? — perguntei assim que cruzamos o limite entre a casa e a rua.

— Tudo. É que essa mulher me tirou completamente as esperanças... eu achei que meu caso com o Enrico fosse sério, que ia engrenar, mas ela me disse que eu ainda terei muitos amores até ter o meu “fim de contos de fadas” — falou sem respirar, como se verbalizando fosse tornar a notícia menos pior.

— Ah... — falei. Não sabia o que mais dizer.

Ficamos caminhando um tempo em silêncio, cada um com seus pensamentos. Eu, pensando em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como juntar grana ir pra Bali; o Leo, provavelmente, em como ainda teria que sofrer por amor até encontrar o cara certo.

— E a sua consulta, como foi? — ele perguntou, parecendo ter finalmente se conformado.

— Ela me disse que minha alma gêmea sempre esteve ao meu lado desde a infância. E que vai continuar! — quase dei pulinhos no meio da rua de empolgação. — Eu vou pra Bali, Leo! Só preciso da grana pra passagem, mas eu vou atrás dele. — Parei no meio da rua, pensando. — Eu sei lá, mas eu acho que é o certo a fazer, ela me disse que eu precisava enxergar a minha alma gêmea...

— Mas como você sabe que é ele? Por que ela diria que você precisa enxergar o Bruno, se você sempre só teve olhos pra ele e, mesmo depois

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de todo esse tempo, pelo menos uma vez em cada turno do dia, ainda o cita?

— Não sei. — Leo e suas perguntas idiotas.
— Mas, e se não for ele, quem mais pode ser? Eu não tenho mais ninguém que eu conheça que sempre esteve ao meu lado desde a infância. — Ou será que eu teria e não sabia?

— Sei lá, Mel... Deve ter mais gente...

— Meus pais... e alguns amigos meus e do Bruno, mas desde que ele terminou comigo, nenhum deles me procurou. Eu acho até que nunca foram meus amigos, só do Bruno.

— Talvez seja isso... Você precisa descobrir quem é essa pessoa. “Isso” é enxergar! Sua alma gêmea não pode ser o babaca traidor do Bruno. — Leo parecia furioso. — Aquele cara nunca mereceu alguém como você!

PERIGOSAS ACHERON

— Traidor? Como assim? O Bruno nunca me traiu... — encarei Leo, que estava com uma cara de quem tinha feito merda. — Ele me traía? E todo mundo sabia, menos eu?

Sentei-me no cordão da calçada. Já sabia que eu havia sido trouxa por toda a minha vida em função de ficar à volta do Bruno, mas, agora, eu era uma trouxa corna.

— Mel...

— Não diz nada, Leo. Só me abraça.

16

Nota mental: Nem sempre quem te oferece abrigo quer realmente te proteger. Às vezes, as pessoas só estão protegendo a si mesmas.

Acho que quando o Bruno me deixou pelas ondas da Indonésia, não doeu tanto quanto descobrir que durante todo o tempo em que estivemos juntos ele me traiu. E com várias — e “várias” quer dizer centenas — de pessoas.

Eu nunca imaginei isso. Nós parecíamos tão perfeitos juntos... Ele sempre foi tão atencioso, carinhoso, apaixonado, cuidando de mim, me

PERIGOSAS NACIONAIS

protegendo... Só que, agora, tudo isso, cada gesto dele, que eu achava ser de amor, parecia ter sido egoísmo, somente para que eu não descobrisse o que ele fazia.

Eu me lembrei, na oitava série, de quando uma menina nova chegou à escola. Começamos a nos aproximar, eu me identificava com ela de alguma forma, talvez porque eu também não tivesse amigas na escola. O nome dela era Josi e começou a frequentar a minha casa. Andávamos juntas há um tempinho, confiávamos e sabíamos os segredos uma da outra.

Até que um dia, Bruno chegou lá em casa dizendo que eu não devia confiar nela, que ela havia tentado beijá-lo na praça, que era melhor eu abrir o olho com quem se aproximava de mim. E que eu era muito ingênua e não via a maldade dos

PERIGOSAS ACHERON

outros e, por isso, ele estava me avisando.

Naquele mesmo dia, um pouco depois de Bruno sair lá de casa, Josi apareceu dizendo que precisávamos conversar.

— Eu preciso te contar uma coisa, Mel — ela falou assim que abri a porta da minha casa.

— Eu já sei — disse abrindo caminho pra ela passar. — Bruno me contou.

— Ele contou? — ela me olhou supressa. — E o que você vai fazer? Ai, amiga, desculpa... eu não sei o que ele pensou, mas eu juro que nunca dei mole pra ele.

— Nunca deu mole? Só tentou beijá-lo? — eu ri. Ela pensou que eu ia cair naquele joguinho.

— Do que você está falando? Foi ele que tentou me agarrar. Eu dei um tapa na cara dele e saí correndo. Você acha mesmo que eu faria isso com

você? — Josi parecia realmente irritada com aquela possibilidade.

— O que eu sei é que o Bruno e eu nos amamos e que você tem inveja disso. Eu sou uma boba, achei que você queria ser minha amiga, mas você só queria meu namorado.

— Você não está falando sério, né?! Seu namorado é um sem-vergonha que fica te traindo e tentando agarrar as tuas amigas. — Ela me olhou como se tivesse descoberto o grande segredo da existência humana. — Ah! Agora eu entendi... é por isso que você não tem amigas...

Eu não dei mais conversa para Josi e a mandei ir embora. Nunca mais nos falamos e, depois de algum tempo, ela foi embora da cidade novamente.

Hoje, eu sei que ela tinha razão. Ela ainda

tentou conversar comigo algumas vezes depois da nossa briga, mas eu nunca quis ouvir. Se eu tivesse ouvido, talvez, hoje não doesse tanto.

“Você realmente não vai mais viver por que descobriu agora que o seu ex, que havia te largado, te encheu de chifre? Levanta dessa cama agora, que vamos passar o dia nas cachoeiras!”

Essa era a mensagem ultramegamotivadora que Leo me mandou depois de uma semana em que eu só saía da cama para trabalhar. Sem encontros, sem risadas com amigos, sem contatinhos nos aplicativos. Só levantava, me vestia, comia algo, ia trabalhar, voltava, tomava banho, comia algo de novo e me deitava. Uma semana. E, todo dia, quando acordava, meu primeiro pensamento era: o Bruno me traiu!

PERIGOSAS NACIONAIS

Acho que descobrir que ele sempre me traiu quebrou dentro de mim uma esperança que eu ainda tinha. No fundo, eu imaginava que ele passaria um tempo surfando, depois voltaria e continuaríamos de onde paramos. Sabe aquela esperança de final feliz? Pois é.

Só que saber que ele sempre me traiu enquanto eu criava essa história de que seríamos a vida inteira o único na vida um do outro... isso mudava tudo. Agora, eu não tinha mais esperanças e não conseguia mais pensar no Bruno da forma carinhosa e amorosa que sempre pensei. Quando pensava nele, parecia que não existia nada além de um vazio e uma interrogação gigante.

Quem sabe é isso? O Bruno nunca foi minha alma gêmea e nem o cara de quem a cartomante estava falando. Então, quem seria ele?

PERIGOSAS ACHERON

Pensando nisso, decidi mudar meu objetivo: não queria mais ser puta e nem conhecer todos os pintos do mundo. Agora, queria descobrir quem era a minha alma gêmea e enxergá-la. Enquanto isso, enquanto eu não enxergasse, bem que eu poderia conhecer alguns pintinhos. Quer dizer, nada de pintinho, só pintão.

Sabe do que mais? Chega! Uma semana era muito tempo para alguém dedicar a uma pessoa que nunca mereceu nem um décimo do que recebeu. Respondi à mensagem de Leo dizendo que ia pra cachoeira. Isso mesmo! Era hora de reagir!

Chegava um momento em que a gente precisava fazer isso, né?! Levantar a cabeça, limpar as lágrimas, secar o rosto — passar um base, um corretivo, rímel, lápis e batom pra disfarçar as olheiras, porque ninguém consegue recomeçar com

cara de ressaca de domingo —, colocar um sorriso nos lábios, olhar pra cima e seguir em frente.

E o primeiro passo, cada um escolhia o seu. O meu seria passar um dia dando risada com meus amigos. E, falando em amigos, com certeza eu precisava pedir desculpas para a única amiga que tive na adolescência.

Antes de entrar no banho pra me arrumar, resolvi dar uma stalkeada nas redes sociais para ver se encontrava a Josi. E o lance foi mais rápido do que imaginei. Mal digitei o seu nome e sobrenome, a primeira foto que apareceu foi a da Josi. Entrei no perfil, ainda pensando no que ia dizer, e vi que tínhamos um amigo em comum: o senhor nerd sorridente não mais fedorento.

Coisa estranha... mas, enfim... Cliquei para adicioná-la como amiga e mandei uma mensagem.

“Oi, Josi, como você está? Espero que bem. Queria te pedir desculpas por não ter acreditado em ti na oitava série. Se puder me perdoar, gostaria muito de voltar a ter contato com você”.

Pronto! Agora poderia tomar um banho e me arrumar para passar um dia divertido com meus amigos. Quem sabe isso não me ajudasse a enxergar... ou minha alma gêmea também resolvesse ir pra cachoeira... Quem sabe o destino me desse essa forcinha...

17

*Nota mental: O melhor remédio para curar
uma alma ferida são risadas.*

Eu sei que já falei isso umas mil vezes, mas antes, se eu soubesse o que era ter amigos, talvez eu nunca tivesse dedicado treze anos da minha vida a uma única pessoa que era tudo, menos o cara bacana que eu achei que fosse.

Pra começar, quando os meninos vieram me buscar, eu já melhorei cinquenta por cento. Sério... pensem em uma cena hilária. Pois é. Todos — Diego, Leo, Victor, Renata e Fernanda —

PERIGOSAS NACIONAIS

esmagados dentro de um fusca azul, cantando iguais doidos “Já vou logo avisando que eu não tenho namorado. Din din din, pode dar em cima de mim. Din din din, pode dar em cima de mim”... E, Diego, do banco do carona, estava com a bunda na janela rebolando. Sim. Com a bunda de fora!

Chegamos à cachoeira uma meia hora depois, e meu maxilar estava trincado de tanto rir. Eu sentia uma dor, mas não conseguia parar, porque eles não pararam de falar besteira durante todo o trajeto.

Nós nos acomodamos em uma das pedras mais altas pra ver o movimento, que ainda estava fraco. De acordo com Leo, aquela era a melhor pedra pra ter uma visão completa e ampla de tudo que aconteceria ali e de todas as pessoas que desfilariam seus corpinhos, seminus, para nosso

PERIGOSAS ACHERON

prazer visual.

Adorei a ideia. O problema foi que o primeiro corpinho seminu que vi, foi o do Eduardo, e a visão nem dava tanto prazer assim. Alguém devia avisar a ele que andar assim não o ajudaria muito com a mulher de que gostava. Entretanto, acho que já falei coisas demais pra ele e não queria acabar com sua autoestima de novo.

— Oi! Achei que tinha ido pra Bali. — Eduardo falou rindo, enquanto se abaixava para me dar um beijo na bochecha. — Posso sentar aqui com você?

— Claro! — respondi e cheguei para o lado em minha canga a fim de dar espaço. — Senta aí!

Quando se sentou, senti novamente o perfume amadeirado que usava na outra noite. — Tá cheiroso! — deixei escapar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, sim! Depois que alguém me contou que eu fedia, estou me cuidando mais! — ele riu. — Mas sabe, eu preciso te confessar uma coisa — ele olhou para os lados pra ver se ninguém estava olhando. — Naquele dia... bem, eu havia tomado um remédio que me deu como efeito colateral todo aquele suadouro. Eu, normalmente, mal fico suado...

— Ai, Eduardo, desculpa... Eu não queria...

— Vamos deixar isso pra lá, Mel... — ele me interrompeu. — E aí? Quando você vai para Bali?

— Eu não vou...

Depois de contar para ele todo o meu drama existencial sobre a traição do Bruno e o meu novo objetivo de procurar minha alma gêmea sem deixar de me divertir com os pintos que pudesse conhecer pelo caminho, resolvemos dar um mergulho. Leo e

PERIGOSAS ACHERON

Victor batiam palminhas para mim quando saímos em direção à cachoeira.

O legal daqui era que, além da cachoeira pra gente se refrescar, tinha toda uma infraestrutura com restaurantes, quiosques, churrasqueiras, banheiros e área de camping pro pessoal.

Enquanto a gente caminhava em direção à parte rasa e calma da cachoeira, fiquei observando o jeito de Eduardo cumprimentando as pessoas. Parecia que conhecia toda a cidade e era muito querido. E ele nem era tão feio assim. Ok, um pouco branco demais, com uma “certa” barriguinha, os óculos não ajudavam muito, nem a bermuda florida que ele usava... Mas ele não era feio.

— O que você tanto olha? — perguntou. Estávamos parados na beira da cachoeira.

— Nada. Só estava pensando que eu nunca

PERIGOSAS NACIONAIS

tinha “te visto” antes.

— Parece que você não enxergava muita coisa antes, né?! Será que agora vai começar a enxergar? — indagou, segurando a minha mão, e me puxou para mais perto. — Ou vai precisar tomar um banho gelado pra isso?

Antes dele terminar de falar, estava pulando dentro da cachoeira e me puxando junto.

— Seu idiota! — comecei a rir e jogar água nele.

— Acho que era isso mesmo que você precisava! — ele me jogou água de volta.

Não sei quanto tempo a gente ficou brincando assim, mas durou um tempinho. Até que eu tentei dar um “caldinho” nele e pulei em seu pescoço. Bem, eu sabia que se você imaginasse essa cena agora, ia pensar nela de uma forma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

“ultra” sexy e romântica, mas não. Podia esquecer! Eu era atrapalhada demais para isso.

A gente estava lá, brincando de jogar água, até que eu tive a ideia de afogar o Eduardo. Pulei no pescoço dele e comecei a tentar derrubá-lo para afogá-lo. Só que ele era forte e eu não conseguia, quanto mais eu tentava, mais eu não conseguia... e mais eu insistia.

— Mel, para! — ele pediu, rindo.

— Tá com medo de que eu consiga?

— Mel, é sério. Você está...

— Estou conseguindo, né?! Admite que está perdendo...

— Não é isso... — ele tentou afastar o corpo do meu para que eu olhasse para ele. Eu estava agarrada no seu pescoço. Colocando toda a força dos meu braços em seus ombros, tentando que ele

PERIGOSAS ACHERON

se abaixasse. O problema era que eu estava fazendo isso de frente pra ele. — Você perdeu... — Eduardo olhou para os meus seios e desviou o olhar rapidamente.

— Puta que pariu! — tentei me afastar completamente dele, quando percebi que meus seios estavam completamente livres. Eduardo me puxou contra seu corpo.

— A não ser que você queria que todos os caras que estão aqui vejam seus peitos, acho melhor você ficar abraçada a mim.

— Você está vendo ele? — perguntei, com a cabeça enterrada no seu peito, sobre a parte de cima de meu biquíni, que não sei em que momento da brincadeira perdi.

Eduardo tentou esticar o braço para pegar meu biquíni que nadava livremente atrás de mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não entendi qual o movimento que ele estava fazendo e, antes que eu fosse matéria na capa do jornal local como a primeira moradora a fazer topless na cachoeira, resolvi segurá-lo para que eu não ficasse exposta. Péssima ideia. Eu perdi o equilíbrio, ele me segurou e, em vez de soltar Eduardo para que pegasse a parte da minha roupa que faltava, grudei meus lábios no dele.

No primeiro momento, ele ficou duro, travado, mas conforme a minha língua foi entrando em sua boca e ocupando todos os espaços, ele foi correspondendo. O beijo foi ganhando ritmo. As mãos de Eduardo tomaram lugar em minha cintura, meus braços voltaram a envolver seu pescoço e, quando ele afastou os lábios do meu para tomar fôlego, eu não deixei.

Eu estava beijando o senhor Nerd Sorridente

PERIGOSAS ACHERON

cheiroso por vontade própria. E não queria parar e nem pensar sobre aquilo. Aquele beijo foi diferente de todos os que eu já tinha dado na minha vida.

— Até que enfim! — Leo gritava e assobiava da beira da cachoeira. Afastei meus lábios dos de Eduardo.

— Desculpa... eu não queria...

— Você não queria me beijar? — Eduardo afastou o corpo do meu, deixando-me completamente desprotegida.

— Não... — Eduardo começou a se afastar e virar de costas para mim —, eu queria. — Ele não me olha de volta. — Eu quero dizer... — a distância aumentava. — Eduardo, espera!

— Chega, Mel! — Ele virou de volta para mim, já em uma distância considerável. — Quer saber? Eu não sou seu brinquedo. Se você não sabe

o que quer, então, vá descobrir. Mas você não vai me usar para isso... — ele jogou a parte de cima do meu biquíni, virou de costas e foi embora.

E eu fiquei ali, sem entender o que eu fiz de errado agora, segurando o sutiã na mão e com os peitos de fora. Puta que pariu! Cadê aquela conversa do destino dar uma ajudinha?

18

Nota mental: Aprenda que seus planos podem mudar a qualquer momento. Basta metade da cidade ver seus peitos de fora.

Lembram quando eu disse que não me importava com a opinião das pessoas quando estava com o Bruno e que agora eu me importava? Esqueçam. Eu não me importava com porra nenhuma do que as pessoas pensavam sobre mim. Eu queria entender quando foi atribuído ao ser humano o dom divino de cuidar e mandar na vida dos outros. Por quê, né?! Estava muito chato viver

assim.

Óbvio que eu não queria que ninguém visse meus peitos, muito menos o fora que levei do senhor nerd sorridente não mais fedorento — idiota e sem noção — com os seios de fora. Aliás, eu nem queria levar um fora e fiquei tentando, por uns cinco minutos enquanto ele se afastava, entender aquele discurso dele sobre usar as pessoas — e eu continuava de topless — sem conseguir fazer o menor sentindo na minha cabeça.

Eu não queria ter beijado o Eduardo. Claro que não! Ele era... ele era atencioso, querido, divertido, mas não tinha nada a ver comigo. Poxa! Era o senhor nerd sorridente, não era o meu príncipe encantado! E nem um pinto que possa entrar na minha coleção — que continua zerada. Entretanto, na hora, sei lá o que deu na minha

PERIGOSAS NACIONAIS

cabeça, não sei se foi o jeito com que ele me olhava, o toque das mãos dele no meu corpo, mas algo se acendeu dentro de mim e fiz. E estava bom, muito bom... Melhor do que eu imaginei!

Só que aí, o Leo começou a gritar e eu me perdi. Eu não queria beijar o Eduardo, mas quando beijei, não queria parar de beijar. E quando afastei nossos lábios, a minha intenção era apenas pedir desculpas pelos gritos do Leo e não pelo beijo. Ele entendeu tudo errado e nem me deixou falar. Virou as costas e foi embora, me deixando ali, praticamente pelada, virando atração turística da cachoeira. Sabia que o pessoal da cidade até meme fez?

Enfim. O fato é que a cidade inteira estava comentando sobre meus peitos à mostra. O que trouxe um ponto positivo: vários carinhas nos

PERIGOSAS ACHERON

aplicativos resolveram que queriam sair comigo por causa da minha exibição pública, o que significava que, em breve, teria uma linda coleção de pintos de Cerqueira Correa.

O problema era que, agora, apesar dos convites pra sair e da possibilidade de finalmente conhecer algum cara — de todas as formas que queria conhecer —, eu só queria que o Eduardo me escutasse e falassem comigo. Contudo, ele resolveu fazer greve de silêncio e nem com respostas monossilábicas ele me respondia.

Até agora não entendi por que ele agiu tão na defensiva e saiu daquele jeito. Leo disse que é porque ele gostava de mim... Mas não fazia sentido. Eu nunca usei as pessoas. Por que ele acha que eu o estaria usando?

Acho que, no mundo, tinham mais pessoas

PERIGOSAS NACIONAIS

com problemas do que “gente normal”. E não estava falando dos problemas de pagar as contas, trabalhar, relacionamentos, casa, família... Estava falando de problemas sérios de desequilíbrio emocional e psíquico. Tudo bem que eu não era a pessoa mais “normal” do mundo, afinal, só uma idiota como eu passava a vida cega por um babaca como o Bruno... mas foi um grande exagero do Eduardo sair daquele jeito.

Eu já tinha reformulado meu plano de ser puta, resolvi que seria puta até encontrar minha alma gêmea. Só que agora, eu não sabia mais. Não sabia se queria encontrar essa tal de alma gêmea. Vai que ele fosse só um idiota, tipo o Eduardo, que não deixava a gente falar e saía ofendido e “de mal” pro resto da vida?

Talvez eu não devesse ter plano nenhum e

PERIGOSAS ACHERON

apenas ir vivendo. O problema era que esse ir vivendo não estava dando muito certo. Ok! Eu consegui uns beijinhos, uns amassos — falta de pinto e ejaculações precoces — , mas nada de concreto. Se eu seguisse nesse ritmo, acreditava que em dois anos meu hímen se recompusesse e eu voltasse a ser virgem. Será que isso era realmente possível? Eu deveria consultar o Google pra ter certeza de que não corria esse risco.

Combinei de sair com três dos carinhas dos aplicativos — pelo menos os peitos de fora tiveram um lado positivo — e decidi que um deles iria tirar a minha quase nova virgindade. De um jeito ou de outro, com um desses três tinha que dar certo! Era isso ou iria para um mosteiro viver o resto da vida de forma celibatária. Será que ser celibatário excluía também os vibradores? Também precisava

PERIGOSAS NACIONAIS

pesquisar.

Meu encontro hoje era com o Ricardo. O nome era bem sugestivo e eu já imaginei um Ricardo gigante, estilo cafajeste, amante latino-americano, só pra eu chamar de Ricardão e ele me jogar na parede e me chamar de lagartixa. Tá... sem chamar de lagartixa, mas deu pra entender as minhas reais intenções...

Combinamos de tomar um café depois do expediente. E acho que “super” pode ser o Ricardo. Nosso papo fluiu. Ele, em nenhum momento, falou dos meus peitos na cachoeira e nem fez alguma piadinha infame. Além disso, também trabalhava com turismo e tínhamos vários gostos em comum, como o sabor preferido do sorvete — que era passas ao rum, caso interesse — e o jeito que se deve dobrar os lençóis de elástico.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu sei que não vou casar com ele pra ele dobrar nossos lençóis, mas o jeito que uma pessoa dobra um lençol de elástico diz muito sobre sua personalidade. E eu não estava brincando. Se a pessoa dobrava de qualquer jeito, enrolava tudo e deixava o lençol mais parecendo uma almofada mal feita... bem, então, você não deveria confiar seu coração a ela. Era sinal de que ela não se importava com as coisas que tem e não perdia tempo tentando deixar tudo perfeito.

Agora, se a pessoa dobrava primeiro as pontas redondas pra dentro, esticava, passava a mão e, aí, ia dobrando o lençol sem deixar volumes se acumularem no meio... Bom, poderia ter certeza de que essa pessoa cuidaria muito bem de você. Ah! O Bruno dobrava os lençóis com perfeição... Mas de nada adiantou. Acho que eu precisava rever meus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conceitos existenciais!

O que importava era que eu ia sair com o Ricardo e meus instintos diziam que todos os meus problemas e anseios seriam resolvidos hoje. Ou seja: conheceria um novo pinto, teria alguns orgasmos com um pinto de carne e músculo e sairia dessa provável volta da virgindade com dignidade e mostrando pro idiota do Eduardo que eu não estava usando ninguém e nem estava preocupada com ele.

As coisas não deveriam ser tão complicadas, mas eram. E o pior de tudo era que o Eduardo não saía da minha cabeça. Ai, MEU DEUS! Será que eu me apaixonei pelo senhor nerd sorridente cheiroso que beija bem?

PERIGOSAS ACHERON

19

Nota mental: Um é pouco, dois é bom, três é demais.

Sabe quando você não tinha mais a menor noção do está fazendo e anda apelando para qualquer magia, simpatia ou chance de conseguir o que quer? Essa fui eu, desesperada, marcando encontro com dois caras, no mesmo lugar. E se não bastasse marcar com dois, no mesmo lugar, no mesmo dia e na mesma hora, eu ainda dei de cara com o Eduardo no bar.

Eu sei. O que eu queria não era ter uma coleção de pintos? Parece que eu consegui, só que

nenhum desses pintos cumpriram a sua função.

Passei uma semana saindo com o Ricardo sem rolar nada. Resolvi mudar a tática e, em vez de ser apressada, quis ver como as coisas iriam se desenvolver até finalmente eu poder atingir meus objetivos. Acontece que depois de cinco encontros — e nada de conhecer o pinto dele — eu já estava quase amarrando o homem e tirando suas calças à força.

Tinha decidido que de hoje não passaria. Marcamos no Pub da Pedreira. Quando eu cheguei, ele já estava lá. Ficamos conversando um tempo, bebendo cerveja e esperando o cantor da noite começar seu show.

— Oi! — disse um homem que se aproximou de mim e estendeu a mão. — Sou o Vicente.

— Puta que pariu! — deixei escapar em voz

PERIGOSAS NACIONAIS

alta. — Desculpa — estendi a mão. — Sou a Mel.

— Eu sei... — ele riu —, pelo visto, já está acompanhada. — Olhou para o Ricardo. — Achei que a gente tinha marcado, e nem estou atrasado. — Ele parecia meio decepcionado.

— Pois é... — Ricardo me encarava esperando a resposta. — Eu me esqueci.

— Você se esqueceu do nosso encontro? — agora Vicente parecia furioso. — Como pode esquecer do nosso encontro depois de tudo que conversamos? — a voz dele começou a se elevar. — Eu não acredito que você fez isso comigo, Melina. — Ele já estava aos gritos. — Depois, vocês dizem que os homens são todos iguais e cretinos, mas olha o que vocês fazem com a gente! — os gritos dele começavam a chamar a atenção das pessoas à volta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me desculpa, eu não fiz por mal — falei com a voz baixa. Minha vontade era me enfiar em um buraco e nunca mais sair.

— Não fez por mal? — ele ainda gritava. — É claro que não! Vocês nunca fazem por mal, só nos usam e depois nos descartam como se fôssemos canudinhos de plástico... Por que vocês não podem reaproveitar os canudinhos? — agora Vicente já parecia uma pessoa completamente louca, que gesticulava e gritava de forma desproporcional.

— Ela está fazendo isso — Ricardo falou. — Reaproveitando o canudinho — e apontou para si mesmo.

— Você só pode estar louca de me trocar por isso. — Vicente apontou para Ricardo.

A cena era surreal. Como eu poderia estar trocando o cara, se nem nos conhecíamos ainda?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me dá uma chance, por favor, Mel. — Ele segurou meu braço com força.

— Me solta! — falei tentando livrar meu braço de sua mão.

— Não até você me dar uma chance. — Ele apertou ainda mais meu braço e começou a tentar me erguer.

— Está me machucando... — comecei a levantar da cadeira pela pressão que Vicente colocava em meu braço.

— Ei! — ouvi uma voz gritando de longe. — Solta a menina, ela já pediu pra você soltar!

— Cara, não te mete! Você não tem nada a ver com isso! — Vicente gritou para a voz.

— Eu tenho sim! — afirmou. Senti quando uma mão segurou meu outro braço. — Ela te disse “não”!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando olhei para ver de onde vinha a mão que tentava me ajudar, notei Eduardo estava parado ao meu lado.

— Vicente, por favor! — eu disse. — Desculpa pela confusão, mas você realmente está me assustando.

O louco finalmente voltou a si e me soltou com tanta força que quase caí pro lado do Eduardo. Vicente saiu batendo os pés e resmungando pro lado da saída.

— Que doido! — falei para Eduardo e Ricardo.

— Ele não é tão doido assim — Ricardo disse. — Eu não sabia que você ainda estava saindo com outros caras. — Ele se levantou da sua cadeira. — Achei que ia rolar algo especial entre a gente, mas pelo visto, você não pensa igual. Tô fora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ricardo... — chamei quando ele deu as costas e se afastou. Olhei para o Eduardo.

— Nem vem, Mel. Já disse que não sou seu brinquedo.

— Então, por que me ajudou? — perguntei indignada. O que estava acontecendo com todos os homens do Universo hoje?

— Eu ajudaria qualquer uma que estivesse numa situação assim. — Deu as costas para mim também e saiu em direção ao balcão.

Eu era “qualquer uma” pra Eduardo. Era isso. Eu não era a mulher de quem ele gostava e nem ele sentia algo diferente por mim. Eu era apenas uma pessoa sem significado na vida dele. E por que eu me importava com isso? Pela primeira vez, eu não fiquei chateada com os pintos que deixei de conhecer. O que me incomodou foi ouvir Eduardo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dizendo que eu era qualquer uma. Quem o senhor nerd sorridente cheiroso que beija bem pensava que era?

Não era qualquer uma e se ele pensava que eu iria deixar as coisas assim... Ah! Ele não me conhecia.

PERIGOSAS ACHERON

20

Nota mental: O coração tem razões que a própria razão desconhece.

O fato de Eduardo me dizer que eu era qualquer uma mexeu com um lado meu que eu mesma desconhecia. Sempre fui meio cabeçadura... quando enfiava uma ideia na cabeça. Por causa do Bruno, sempre fui meio alienada a tudo e todos que existiam à minha volta e sempre fui uma pessoa meio “sem papas na língua”. Entretanto, nunca fui uma pessoa ardilosa, fria e que usava as outras pessoas.

Poxa! Eu passei metade da minha vida — se fizer essa conta certinho, mais que a metade — me doando para outra pessoa. Vivendo em função dela e do seu amor, para agora ser chamada de manipuladora ou egoísta. Porque quando Eduardo me dizia que não seria meu brinquedo, eu entendia que ele me chama de Malévola. Mais que isso, incomoda-me o fato dele dizer que eu não fazia diferença.

Eu nem sabia por que isso me atingia tanto. O fato era que eu não queria ser alguém que passaria pela vida de outra pessoa sem fazer a diferença. Eu queria ser alguém de quem as pessoas lembrassem com saudade, com carinho e de quem tivessem boas coisas para contar.

Se já não fosse devastador ter a certeza de que um dia iríamos morrer — e ninguém sabia

PERIGOSAS NACIONAIS

exatamente se existia ou não alguma coisa depois —, imagina saber que, quando você morrer, ninguém irá se lembrar de você, porque você nunca significou nada na vida de outras pessoas!

Isso não iria acontecer comigo! Eu queria ter um significado pras pessoas. Principalmente pro Eduardo. Eu queria que ele se lembrasse de mim como uma boa amiga.

Eu cheguei a pensar que poderia estar apaixonada por ele, mas o fato é que eu só estava carente e ele me deu atenção... Mas era só isso. Por isso, decidi que iria manter meu “plano dois”: colecionaria pintos até encontrar um que eu pudesse chamar de meu. Só iria acrescentar mais uma meta: Ser a melhor amiga do Eduardo e ser alguém que realmente fizesse diferença em sua vida.

PERIGOSAS ACHERON

“Podemos conversar?”

Mandei a mensagem pra ele e fiquei aguardando.

“Mel, a gente não precisa conversar”

“Mas a gente pode?”

Pelo visto, eu não era a única cabeça-dura que existia na humanidade.

“A gente pode. Só não sei se quero”

“Por favor, Eduardo.”

“Sobre o que você quer falar?”

“Sobre a nossa amizade. Eu não vou mais tentar te beijar, não vou mais te xingar. Quero ser sua melhor amiga!”

“Mel, essas coisas não funcionam assim...”

“Olha só! Eu não vou ficar implorando pra que você converse comigo. Mas vou te esperar no Pub da Pedreira hoje no fim do dia. Se você não

aparecer, nunca mais te procuro”

Eduardo não respondeu de volta e confesso que fiquei com medo de que ele realmente não aparecesse, mas mesmo assim, depois do trabalho fui direto para o pub. Logo que cheguei, avistei Eduardo sentado junto o balcão.

— Oi! — disse, abraçando-o pelas costas e dando um beijo em sua bochecha.

— Oi!

— Tudo bem com você? — perguntei ainda animada.

— Tudo.

— Qual o problema, Eduardo? — questionei. Minha paciência escorria pelas mãos. Se tem uma coisa que me tira do sério é gente birrenta.

— Me diga você. Afinal, foi você quem quis conversar. — Ele arqueou uma sobrancelha, que

mal dava pra ver que estava arqueada por causa da armadura grossa do óculos que usava.

— O que eu fiz pra você de tão grave assim? Poxa, Eduardo! Eu estou tentando. Sei que, bêbada, falei coisas demais, sei que acabei te beijando e forçando a barra, mas eu já pedi desculpas e você só me esculacha. Eu só quero que a gente seja amigos. Você já me ajudou tanto...

— Melina, você tem noção de que nós poderíamos ter sido amigos desde os quatro anos de idade? — ele perguntou sério.

— Eu sei, mas...

— Não tem “mas”, Mel! — ele me interrompeu e elevou o tom de voz. — Você é assim, só se preocupa com o que te interessa e com o que pode ser bom para você. E eu achei que era o Bruno que fazia você assim. Pensei que a gente

poderia ter uma chance, mas...

— Uma chance? Como assim? — quem estava surpresa era eu.

— Uma chance de sermos amigos, eu quis dizer. — Eduardo se engasgou enquanto falava. — Mas já vi que não tem jeito. E, depois, tenho que ir buscar minha irmã no aeroporto da cidade vizinha. Tchau! — ele levantou do banco, deu as costas para mim e saiu andando. Parecia que isso estava ficando bem frequente de acontecer.

— Eduardo! Espera...

— Que foi?

— Você tem irmã? Eu não sabia...

— Tem muitas coisas que parece que você não sabe ou finge que não quer saber, Melina.

— Você pode parar de me chamar de Melina? As pessoas só me chamam assim quando

PERIGOSAS NACIONAIS

estão bravas comigo e... — olhei para o rosto de Eduardo e entendi. Ele estava brabo comigo, muito brabo. Eu só não entendia o porquê. — Por que você está tão brabo assim comigo?

— Tchau, Melina!

Eu fiquei parada ali enquanto via Eduardo se afastar. Ele estava tão brabo comigo que parecia não fazer o menor sentido. “Pisei um monte na bola” com ele, eu sei. Mas nada foi tão sério assim pra todo esse drama. E, depois,... o lance do beijo... eu queria beijá-lo, ele que não me deixou explicar... O que mais eu poderia fazer?

Talvez mamãe tivesse razão. Às vezes, a gente precisava deixar umas ideias irem embora pra que novas ocupem espaço em nossa cabeça. A ideia de ser amiga do Eduardo ia ter que ir embora, porque estava bem claro que ele não queria. Talvez

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assim eu desse espaço pra que outra ideia chegasse. E essa nova ideia podia ter um pintão, um metro e noventa, olhos claros e costas largas. No entanto, enquanto essa ideia não chegava, eu voltaria ao plano original.

E o senhor nerd sorridente cheiroso que beija bem e é o maior birrento do universo que se explodisse! Não ficaria implorando a amizade de alguém. Se ele não queria, azar...

PERIGOSAS ACHERON

21

*Nota mental: Quando você pensa em desistir,
a vida sempre te dá um sinal.*

Passei as últimas duas semanas tentando me convencer de que o meu destino era chefiar a agência de passeios idiotas pelas cavernas e ficar solteira pro resto da vida, conformando-me com o fato de que meu destino era viver uma vida celibatária e sem relacionamentos — só com o Kit, mas ele não contava.

Desisti do senhor nerd sorridente idiota do Eduardo, não mandei uma mensagem sequer e ele também não. Não entrei mais nos aplicativos, não

PERIGOSAS NACIONAIS

fui a festas caçar e nem pros bares com meus amigos. Apenas trabalhei, recorri ao Kit uma vez, dormi e comi. Talvez essa fosse a rotina das pessoas sozinhas como eu.

E nem era tão ruim assim. Só era meio chato e cansativo, mas se era o que destino tinha preparado para mim, eu aceitava. Até descobri algumas coisas que eu posso fazer em casa — além de comer, ver séries e ler livros como se não houvesse amanhã —, e começaria a tentar. Vai que eu descobrisse um “super” talento pro artesanato ou pra jardinagem que estava oculto em mim?

Tentarei todas as coisas possíveis pra esquecer que existem homens — e pintos — no mundo. Talvez eu até descobrisse que era possível ser feliz sozinha se eu largasse essa minha obsessão por pintos. Eu acho que, no fundo, eu só queria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

alguém que realmente gostasse de mim, que se importasse, sabe? Um cara que — obviamente — fosse bom de sexo, mas que também fosse carinhoso, divertido, engraçado. Um parceiro. Alguém que me mostrasse que era possível que o amor fosse algo duradouro e que a vida poderia ser divertida.

Eu até achava que eu tinha isso com o Bruno, mas ele nunca se importou de verdade, eu acho. Ele era carinhoso, atencioso e se preocupava comigo. Só que, agora, via que não era tanto quanto parecia. Quantas vezes eu abri mão das coisas de que eu gostava ou queria por causa das ideias dele, dos amigos dele, dos compromissos que ele tinha? E eu ia. Ia e não reclamava, porque eu achava que estava feliz... Mas quem em plena consciência pode ser feliz se nem ao menos sabe o que realmente gosta e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quer?

Eu achava que sabia. Só que, depois dessas duas semanas, eu descobri que eu nem tinha noção de que eu gostava tanto de séries tipo “Greys Anatomy”, por exemplo. Estou completamente apaixonada, fiz uma maratona de uma semana e vi todas as temporadas existentes. Gente! A autora não tem piedade, ela mata todo mundo na maior cara de pau e deixa a coitada da protagonista lá ferrada em todas as temporadas! Eu nunca tinha assistido porque o Bruno dizia que era série de mulherzinha. Ele curtia coisas mais ao estilo “Game of Thrones”, que eu também curtia, mas era legal, às vezes, ver sangue de uma outra forma.

Eu também nem sabia que gostava tanto de dançar, por exemplo. Ou cantar. E apesar de eu achar idiota as pessoas quererem visitar aquele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

monte de pedras, eu adorava o meu trabalho, porque estava sempre conhecendo pessoas novas, me movimentando e fazendo pessoas felizes. Eu nem sabia que eu poderia gostar de trabalhar!

Acho que, pela primeira vez, estava fazendo coisas de que eu realmente gostava e decidindo o que eu queria ou não fazer. Por isso, fiquei em casa dando um tempo de tudo. Entretanto, chegava uma hora em que a gente tinha que voltar a colocar a carinha pra fora e deixar as coisas rolarem ao natural. Depois da milésima mensagem de Leo me implorando que saísse de casa e desse a eles a honra da minha companhia e mamãe e papai me ameaçarem de me internarem numa clínica psiquiátrica pra tratar a minha depressão, resolvi aceitar o convite.

Tomei um banho com calma. Eu não estava

PERIGOSAS ACHERON

com pressa. Enquanto me ensaboava, massageava o meu corpo; depois me enxuguei e passei hidratante — e, pela primeira vez, fiz isso sem ser porque a pele estava ressecada.

Deixei a toalha cair no chão e me olhei no espelho, nua. Analisei cada parte do meu corpo, cutuquei alguns sinais, fiz caretas... Sabe criança quando se vê a primeira vez no espelho e fica testando pra ver se é ela mesmo? Pois é. Eu me senti assim. Talvez, minhas duas semanas de reclusão me ensinaram que eu preciso me conhecer — em todos os sentidos — melhor.

Escolhi a roupa que me fazia sentir bonita e confortável. Não foi uma das roupas que Bruno escolhia pra mim porque dizia que eu ficava gostosa e que eu mesma escolhi todas as outras vezes em que saí, porque achava que, com elas, os

PERIGOSAS NACIONAIS

caras iam me dar bola. Passei pouca maquiagem, um perfume... e saí pra encontrar meus amigos.

Fui caminhando pela cidade. Parecia que as coisas estavam diferentes. Não tinham mais os tons que tiveram sempre. Tudo estava mais vivo e colorido. Será que é possível que, de repente, a gente passe a enxergar todas as coisas de forma diferente? Porque era exatamente assim que eu estava me sentindo.

Quando cheguei ao Pub da Pedreira, meus amigos estavam bem alegrinhos já e, junto com eles, tinham outras pessoas que eu ainda não conhecia.

— Mel! — Leo levantou e me abraçou. — Resolveu então sair da sua prisão domiciliar? — brincou e riu para mim. — Acho que você já conhece o Enzo — falou e apontou para um dos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meninos sentados no grupo.

— Acho que não. — Acenei para o Enzo.

— Eu te disse, cara, que ela não ia saber quem eu sou — Enzo deu uma gargalhada olhando para Leo. — Tudo bom, Mel?! — Nós fomos colegas na escola.

— Ai, desculpa! Eu não me lembro de quase ninguém da escola.

— Relaxa! O Leo andou me contando o que aconteceu com você. Sem ressentimentos. — Enzo piscou para mim. — Quer se sentar aqui? — convidou e apontou para uma cadeira ao seu lado, e eu aceitei.

As outras duas pessoas que eu não conhecia, que estavam sentadas com Enzo e meus amigos, eram Vitória — que também havia sido minha colega na escola — e Emílio.

PERIGOSAS ACHERON

Pelo que entendi, Emílio estava muito a fim da Fernanda e, como Enzo conhecia Leo, por terem trabalhados juntos em uma padaria, ele fez os esquemas pro encontro entre as turmas. A conversa na mesa estava animada, os assuntos variavam de casos de polícia em fim de festa aos problemas que a cidade vinha enfrentando financeiramente, desde que a crise no país havia se instaurado e o turismo no município havia caído bastante.

— Então... — Enzo virou pra mim e olhou em meus olhos. — Você realmente está solteira? — perguntou. Ri de sua pergunta e acenei positivamente com a cabeça. — Eu também... — ele disse e piscou.

É, parece que eu desisti de conhecer pintos cedo demais.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

*Nota mental: Quando a esmola é demais, o
santo desconfia.*

Sabe aquela história de conspiração universal, lei de Murphy e todas as teorias da conspiração que você quiser citar? Pois é. Acontecia comigo. Ao mesmo tempo.

Eu saí de casa sem pensar em conhecer alguém. Muito menos conhecer um pinto. E, no meio do caminho, eu já tinha certeza absoluta que eu havia conhecido o pinto da minha vida.

Sim! Enzo era perfeito. Além de lindo, “sem barriga”, moreno, definidinho, com todos os dentes
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

retos, perfumados e sem óculos, a conversa dele era bacana. Ele falava e gesticulava com as mãos. Todos riam de suas piadas e tiradas, ele dava vida à nossa mesa. Sabe aqueles caras que você fica olhando de longe e pensando que gostaria de ser? Ou ser o melhor amigo dele? Ou a namorada... Pois é. Era o Enzo.

Volta e meia, quando estávamos conversando, ele me tocava. Aquela coisa sutil de tocar no braço, na perna... Nossas pernas já estavam grudadas, eu deitava a cabeça no ombro dele, rindo... Nossa! Tudo estava perfeito.

— Eu estou aqui sonhando em sair daqui só contigo. — Enzo sussurrou ao meu ouvido e deu uma mordida no lóbulo da minha orelha. — Que tu acha de realizar o meu sonho?

Assenti que sim e, para retribuir a mordida,

PERIGOSAS ACHERON

dei um aperto em sua coxa por baixo da mesa.

Avisei a todos que estava indo, dei a desculpa de trabalhar cedo no outro dia e fui me levantando. Enzo disse que aproveitaria a deixa e iria também. Enquanto esperava na fila do caixa para pagar minha comanda, vi Enzo parando em uma mesa e rindo. Do ângulo em que eu estava, não dava para ver quem era. Fiquei pensando que só uma pessoa com muito azar — como eu — poderia perder um pinto tão interessante assim pra outra menina quase na “hora h”. Entretanto, pensando no meu histórico desde que o Bruno me abandonou, seria bem possível.

O que também seria uma baita puxada de tapete da vida, né?! Afinal, na única vez que eu resolvia sair por mim mesma, me curtindo sem estar desesperada para fazer sexo com alguém, ela

colocava no meu colo um cara perfeito, que se interessava por mim e aí me tirava? Ah! Não! Não dava pra deixar assim.

Quando terminei de pagar minha comanda, Enzo ainda conversava animadamente com a pessoa da mesa. O que eu deveria fazer? Esperar que ele terminasse o assunto e lembrasse que eu estava ali — o que parecia que nunca aconteceria — ou ir até lá e perguntar a ele. A antiga “eu” provavelmente faria algo pra chamar a atenção e ser notada “sem querer”. Todavia, a nova “eu”, não.

Caminhei lentamente em direção a Enzo, quando me aproximei um pouco, senti um alívio por ver que ele conversava com um homem de cabelos claros. O cara até parecia familiar, só que, antes de eu perceber quem era, por descuido,

PERIGOSAS NACIONAIS

esbarrei na garçonete e fiz sua bandeja voar em direção a um casal que se beijava apaixonadamente duas mesas atrás de onde Enzo conversava.

— Mel! — Enzo disse rindo. — Vem cá! Deixa eu te apresentar outro colega nosso que, com certeza, você não conhece!

Antes que eu pudesse virar de costas e fugir dali e do provável caos que se seguiria, Eduardo se levantou e olhou para mim.

— Puta que pariu! — falamos ao mesmo tempo.

— Você já se conhecem? — Enzo olhou para minha cara de espanto e para a cara de Eduardo. — Dudu, era dela que você estava falando?

— Claro que não! A Melina continua a mesma da escola... Eu jamais me apaixonaria por ela. — Eduardo estava vermelho de raiva e a voz

PERIGOSAS ACHERON

bem mais alta que o normal. — Mas você, com certeza, estava falando dela! — Ele riu. — Acho que tu escolheu a mina certa, porque sei que a tua onda é só dar um “pente e rala” e ela quer colecionar pintos...

O desprezo na voz de Eduardo era visível e meus olhos se encheram de lágrimas. Afinal, o que eu havia feito pra esse cara pra ele me odiar tanto? Virei as costas e saí sem dizer uma palavra. Acelerei os passos. A única coisa que eu queria era voltar pra minha casa, deitar na minha cama e olhar mais um capítulo de “Friends” pra tentar esquecer a minha tão inútil e amargurada existência. No entanto, assim que saí na rua, Enzo me alcançou.

— Ei, calma aí! Você está bem? — ele disse assim que segurou o meu braço e me parou na calçada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. — Não consegui mais conter as lágrimas. — Eu até agora não sei o que eu fiz pro Eduardo me odiar tanto assim.

— Cara... ele não te odeia...

— Como não? Ele me odeia, não é a primeira vez que me humilha na frente de outras pessoas. No início, eu não dava a menor bola pra ele, mas depois eu o até beijei... aí, ele ficou todo atacado, começou a me xingar e, desde então, é isso... ele me odeia e eu nem sei o porquê.

— O Eduardo é incapaz de odiar alguém, Mel. Poxa! A gente foi “super” amigos do jardim de infância até o sétimo ano. Sabia que ele sempre foi apaixonado por ti?

— Ele não era apaixonado por mim! Ele nunca falou nada. Ele me odeia, isso sim! — e parece que quanto mais eu pensava que ele me

PERIGOSAS ACHERON

odiava, mais eu chorava.

— Vem cá. — Enzo me puxou pela mão e me fez sentar ao seu lado no cordão da calçada. — Você lembra aquela vez, no jardim da infância, quando o Bruno roubou o seu ursinho?

— Nossa! Claro que sim! Foi o dia que eu acho que me apaixonei pelo Bruno. Como você sabe desse dia? — fiquei curiosa. Como Enzo poderia saber daquele dia?

— Eu me lembro desse dia porque foi a primeira vez que briguei na escola. — Enzo riu. — Você começou a chorar quando o Bruno roubou seu ursinho, o Eduardo resolveu te defender e puxou o cabelo dele pra soltar o ursinho, só que aí, o Bruno mordeu o Eduardo e, como eu era o melhor amigo do Eduardo, chutei a canela do Bruno, ele acabou caindo, batendo a cabeça e

levando dois pontos. — Riu novamente.

— Mas eu não me lembro assim... eu me lembro do Bruno roubar o meu ursinho e, depois, de outro menino puxar os cabelos dele e roubar o meu ursinho e não me devolver, e sim ficar com ele.

— É que o Eduardo ficou segurando o ursinho enquanto levava a mordida e, como doeu, ele abraçou o ursinho pra não chorar. — Enzo riu mais uma vez. — Mas ele queria te devolver. Ele só puxou os cabelos do Bruno pra te dar o ursinho.

— Eu não sabia. — Fiquei pensando um pouco. — Mas essa história do ursinho aconteceu na década passada. Ele não pode me odiar por isso.

— Ele não te odeia... Ah, e essa não foi a única vez que o Eduardo tentou te ajudar.

— Não?! — perguntei surpresa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lembra no segundo ano quando você deixou cair seu chiclete na cadeira da professora e ela sentou antes que você pudesse avisar?

— Ah, não! — Um filme passou pela minha cabeça. — Foi ele? — Enzo apenas assentiu com a cabeça.

Eu estava brincando em volta da mesa da professora com uma coleguinha, só que, no meio de uma gargalhada, o chiclete que eu estava mascando — escondida, porque era proibido mascar chiclete na escola — voou da minha boca, aterrizando na cadeira da professora dois segundos antes dela colocar a bunda ali. Quando ela se levantou, sentiu o chiclete e ficou furiosa perguntando quem havia feito aquilo. Eu fiquei tão nervosa que, em vez de responder que havia sido eu e que tinha sido um acidente, fiquei quieta. Meus colegas começaram a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me olhar feio — a notícia de que a culpada era eu já havia se espalhado na sala — e a professora ameaçava a tirar o pátio de todo mundo naquele dia se o culpado não se apresentasse. Então, um menino loirinho, gordinho e de óculos levantou a mão e disse que havia sido ele. Ele passou mais de uma semana sem poder ir pro pátio. E eu nunca agradei.

— E tem aquela vez também no sexto ano, quando você havia levado o gabarito da prova e deixou cair...

— Puta que pariu, Enzo! Eu sou um monstro! — deitei a cabeça em seu ombro e comecei a chorar. — É por isso que ele me odeia. — tentei segurar os soluços, mas foi impossível. — Ic! O pior... Ic! É que eu... Ic! Acho que... Ic! Gosto dele.

— E ele de você, Mel...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

23

*Nota mental: Revisitar seu passado pode ser
uma grande tragédia.*

Eu nunca fui uma menina de aprontar coisas. Na verdade, todas as minhas artes, estripulias e encrencas que fiz ou me meti, na maioria das vezes, não foram planejadas ou intencionais, como o caso do chiclete na cadeira da professora.

Sempre fiz a linha da “menina comportada” na infância e, na adolescência, segui essa mesma linha por namorar o Bruno. Não é que eu achasse que estava certa e que as outras meninas estavam

PERIGOSAS NACIONAIS

erradas, nada disso. Eu até sentia um tipo de “inveja branca” das meninas mais despachadas da escola, mas esse era o meu jeito.

Na escola, então... O problema era que as poucas vezes em que me meti em encrenca, pelo o que o Enzo me contou, quem me salvou foi o Eduardo. E eu sequer sabia quem era ele. Sequer sabia o seu nome.

Ou seja, além de fazer o estilo comportada, ser cega, surda, muda e burra pelo Bruno, eu era uma total ingrata, de nariz em pé, que nunca nem soube o nome do meu anjo protetor.

Ele salvou meu ursinho, levou a culpa por mim na história do chiclete e na história do gabarito da prova. E eu queria que tivesse parado por aí, mas o Enzo ainda me lembrou de quando, no sétimo ano, uma menina muito má entrou na nossa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

turma e começou a implicar comigo. Ela não implicava só de debochar de mim e ficar me afrontando, a garota era o diabo em pessoa e roubava minha mochila, meus trabalhos e até meu moletom.

Em Cerqueira Correa não costuma chover muito, mas, às vezes, a temperatura caía bastante e os dias ficavam completamente cinzas e com muito vento. Era uma época do clima assim. Carina — a garota nova e má — havia roubado meu moletom e meu guarda-chuva, e, na hora de ir embora da escola, eu me desencontrei do Bruno. Isso acontecia com frequência e, hoje, desconfio que era porque ele ficava com outras meninas.

Caía aquela chuva fininha, sabe? Aquela que você nem vê quando olha pro céu, mas que parece molhar bem mais que uma mangueirada. Estava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

frio, tinha vento e eu batia o queixo sem meu moletom. Até que um menino se aproximou de mim, na porta da escola, quando todas as outras crianças já haviam ido embora e me perguntou se eu precisava de alguma coisa. Comentei sobre o frio, o moletom, o guarda-chuva e Bruno.

O garoto prontamente me deu seu guarda-chuva e moletom e disse que eu podia devolver no outro dia. Só que no outro dia ele não foi à aula. E nem nos seguintes. Levou quase um mês para o garoto voltar pra escola. Ele teve pneumonia. Enzo me garantiu que a pneumonia não foi culpa minha, mas do próprio Eduardo, que já estava gripado e não se cuidou. Entretanto, de certa forma, ele não se cuidou para cuidar de mim.

Depois do sétimo ano, Enzo já não sabia mais das histórias porque ele se mudou com a família e

PERIGOSAS ACHERON

só voltou para a cidade adulto. Contudo, me garantiu que deveriam ter outras, porque ele conhecia bem o “Dudu”. Foi por isso que resolvi tirar meus diários da caixa empoeirada de cima do guarda-roupa e lê-los atrás de outros momentos em que o Eduardo pudesse ter me ajudado.

O problema era que a maioria dos meus diários tinha apenas o nome do Bruno, coraçõezinhos e planos de casamento e vida com o traidor. Fiquei folhando página por página dos diários desde os meus 13 até 22 anos — sim, eu só parei de escrever meus diários com 22... Mas quer saber? Eu vou voltar a escrever, porque eu nunca deveria ter parado — , e encontrei várias situações em que um menino desconhecido me ajudava. Pequenas coisas como me salvar de tarefas que eu não havia feito, emprestar livros ou até votar em

PERIGOSAS NACIONAIS

mim para representante de turma — no nono ano eu queria muito ser, mas só um colega votou em mim quando me candidatei, além de mim mesma e do Bruno —, me segurar na escadaria, me ajudar a refazer uma maquete do sistema solar que eu derrubei, cinco minutos antes de uma apresentação na Feira de Ciências, e me passar cola na prova.

Entretanto, quando eu cheguei ao diário dos 17 anos — último ano da escola — encontrei vários bilhetes de um admirador secreto. Eu não sei como deletei completamente da memória essa recordação. Os pedacinhos de papel ainda tinham o mesmo cheirinho de bamboo da época e neles estavam escritas poesias, declarações de amor e frases do tipo “Você é o sol dos meus dias”, “Seu sorriso é como um dia de verão”, e coisas assim.

Os bilhetes sempre eram escritos à mão e, no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fim, havia sempre a mesma despedida “Porque um dia eu sei que seremos nós. Com amor, D.” Eu me lembro de, na época, até tentar encontrar algum aluno cujo nome começasse com D. Daniel, Denis, Diego, Diego... mas não tinha ninguém assim no Ensino Médio e, como eu sempre recebia os bilhetes na escola, a pessoa tinha que ser de lá. O último bilhete era do último dia de aula.

“Nossa última chance será na festa de formatura. Eu estou me enchendo de coragem para ser o teu Matt. Você nunca vai poder voltar no tempo e refazer todos os nossos momentos, mas podemos começar a partir de agora e ter a nossa casa dos sonhos. Porque um dia eu sei que seremos nós. Com amor, D.”

Corri as páginas do diário até o dia da formatura.

PERIGOSAS ACHERON

“Esse foi o pior dia da minha vida. Não vou escrever nada do que aconteceu, porque quero esquecer para sempre.”

Um flash então veio na minha cabeça.

Eu dançando sozinha procurando pelo Bruno. De repente, eu estava no corredor, indo em direção aos banheiros. Bruno estava agarrado com Carina, num beijo de novela, uma mão afofando seus peitos e a outra amassando sua bunda. Dei as costas e voltei para o salão. Comecei a dançar, um cara mais velho — que devia ser irmão de alguém — me ofereceu um copo, comecei a beber e tinha vodka. Pedi mais e mais. Não sei quantos copos tomei, mas fiquei tonta. Bruno não voltou. Eu não tinha como ir embora. Me sentei nas escadarias do hotel — obviamente a festa de formatura acontecia num dos hotéis da família do Bruno — e um colega se

aproximou de mim.

— Você está bem? — o menino gordinho de óculos perguntou.

— Eu bebi demais.

— Mas era proibido álcool. — ele ergueu uma sobrancelha. — Cadê o seu namorado?

— A última vez que eu vi, ele estava grudado na boca daquela Carina... — disse e comecei a chorar.

— Ele não é o único cara que existe no mundo...

— Ah, não é? — disse e olhei pro gordinho sorrindo. — Vai me dizer que existe você também? — ri. — Qual é?

— Por que eu não posso ser uma opção?

— Só falta agora você me dizer que é o meu admirador secreto. Aí sim, minha noite acaba de

PERIGOSAS NACIONAIS

vez... — me levantei das escadarias. — Quer saber? Melhor é eu ir para casa e esquecer que essa noite existiu.

O menino me segurou pelo braço, se levantou e me puxou para perto dele. Nossos lábios se colaram, a língua dele invadiu a minha boca e eu não senti a menor vontade de sair daquele beijo, mas eu não podia, tinha namorado. Me afastei do gordinho.

— Como eu disse, melhor esquecer que essa noite aconteceu.

— Mas eu sou o D.

Dei as costas e fui embora.

PERIGOSAS ACHERON

*Nota mental: As respostas, às vezes, estão
embaixo do seu nariz.*

De repente, era como se eu tivesse aberto os olhos e uma luz, tipo aquelas de salas de cirurgia, tivesse me deixado cega por um momento. Levou uns segundos até me acostumar com tanta claridade e poder enxergar cada detalhe de tudo que via. Era assim que eu estava me sentindo.

Tudo fazia sentido agora: a história da cartomante de que eu precisava enxergar a minha alma gêmea e que ela sempre esteve do meu lado, Eduardo sempre me salvando, os bilhetes... E agora

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu entendia por que ele ficou tão furioso comigo no dia em que o beijei. Eu fui uma pessoa péssima, eu sei, mas eu não sou mais assim. Comecei a sentir uma raiva do Bruno, por todas as traições, todos os canos, por tudo que deixei de fazer em função dele ou dos compromissos dele, por ter sido uma idiota que deixou a vida passar enquanto esperava o namoradinho de infância curtir tudo, pra no final o filho da puta ainda me abandonar às vésperas do casamento.

Não pensei duas vezes, corri até o quintal, peguei um balde de ferro do meu pai, peguei na dispensa álcool e fósforos e voltei pro meu quarto. Arranquei todas as páginas dos diários onde haviam coisas só sobre o Bruno e taquei dentro do balde. Juntei todas as fotos dele e acrescentei ali. Abri a minha mesinha de cabeceira e peguei todos os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cartões que Bruno havia me enviado e coloquei no balde também. Joguei álcool por cima e risquei o fósforo.

O fogo começou lento, mas, em seguida, foi se alimentando e criando labaredas altas. Comecei a chorar. Senti uma tristeza dentro de mim, deixei que as lágrimas rolassem pelo meu rosto. Eu finalmente entendi ali que, talvez, eu nunca tenha amado de fato o Bruno e sim a ideia da vida perfeita e feliz que eu tinha com ele. Contudo, eu poderia ter essa mesma vida perfeita e feliz, só que antes de a dividir com outra pessoa, eu precisava aprender a viver sozinha. Eu sei que você deve estar pensando, “eita, menina! Larga de ser boba e corre atrás do Eduardo que tu vai ter a tua vida perfeita e feliz!”. Eu sei! Eu também pensei isso no primeiro momento.

PERIGOSAS ACHERON

Eu estava tão desesperada para dar pra outros caras, ser puta e tirar o atraso de tudo que eu achei que deveria ter vivido enquanto estava com Bruno, que não me dei conta de que eu acabei condicionando a minha felicidade a estar com alguém. E não é que agora eu não queira estar com alguém novamente. Claro que eu quero. Acho que eu sempre quis isso, eu só estava tentando disfarçar com essa história de colecionar pintos, mas como eu vou conhecer alguém de quem eu realmente goste e queira ao meu lado se eu nem sei o quem eu sou e do que eu realmente gosto?

Eu me conheci muito melhor nesse tempo em que estou sozinha do que em todos os anos em que eu vivi em função do Bruno. Por exemplo, eu descobri que sou fraca pra bebidas, que adoro dançar — se for funk, eu fico mais feliz ainda —,

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu sou muito impulsiva quando falo e que preciso parar de falar pra todo mundo o tempo todo o que eu penso ou quero, descobri que gosto de cantar e as melhores noites são dando risadas com amigos.

Eu também descobri que trabalhar é legal e que ser guia turística é muito divertido. Não entendi nada ainda do universo masculino, não conheci nenhum pinto diferente, mas... comprei o Kit e aprendi a me satisfazer... nossa! Quer coisa mais poderosa que é isso?

Antigamente, quando eu me olhava no espelho, eu pensava se o Bruno ia gostar, depois, eu passei a pensar se qualquer cara que eu encontraria na rua iria gostar. Só que agora, quando eu encaro o meu próprio reflexo, eu me enxergo. Vejo os meus detalhes, troco de roupa quando não me sinto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

confortável e gosto do resultado do que vejo. Acho que, pela primeira vez, eu estou olhando para mim realmente.

São tantas primeiras vezes depois do Bruno, que parece que as primeiras vezes com ele nunca foram realmente minhas. Sempre foram dele.

No fundo, eu sou uma pessoa bem melhor e diferente agora. Só que eu tenho mais coisas ainda pra viver e aprender. Pra me conhecer, pra descobrir se eu gosto ou não de fazer. E eu quero fazer tudo isso sozinha. Não foi tão ruim ficar vendo série na minha cama tendo como companhia apenas um balde de pipoca. Na verdade, foi libertador... Conviver com o meu silêncio, com as minhas vontades e maninas. E refletir...

Depois de ver todos os meus diários, fiquei pensando em qual decisão importante eu realmente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tomei em minha vida que não tenham sido em função do Bruno. Nenhuma! Nenhuma droga de decisão que eu tomei na minha vida foi por minha causa. Até a faculdade que eu escolhi foi em função dele. E quando eu resolvi que queria ser puta? Também foi por raiva dele.

Eu pensei que eu precisava provar pra ele — ou para o mundo — que eu valia a pena e que, se ele não queria, tinha quem quisesse. Eu continuei fazendo as coisas pelo Bruno.

Eu queria sair com um monte de caras, porque queria provar que um monte de gente me queria. Contudo, e o que eu queria? Por que eu tenho que condicionar a minha vida e minha felicidade a estar com outra — ou no meu caso, muitaaaaaas outras pessoas — em um relacionamento?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Na verdade, eu precisava de um tempo. Precisava descobrir quem realmente eu era e o que eu queria para mim, talvez só assim eu fosse ser feliz primeiro. E, depois que essas coisas estivessem resolvidas, aí sim eu poderia conhecer alguém. Ou “alguéns”, vai saber.

Eu sabia que essa poderia parecer a pior decisão do mundo pra quem acabou de descobrir que a alma gêmea estava a alguns quarteirões de casa, triste, sofrendo, por um amor que sempre teve e nunca foi correspondido. Falando assim, a decisão parece pior ainda, mas se eu corresse agora pela rua, desesperada, atrás dele, me declarasse e ficássemos juntos, eu continuaria sendo a mesma Melina de antes.

Eu iria viver em função de outra pessoa e não quero mais isso. Parecia egoísta, eu sabia. Contudo,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

às vezes, era preciso que fôssemos egoístas, para, depois, termos a chance de de ser realmente altruístas.

Eu fiquei pensando como Eduardo sempre gostou de mim, mesmo eu sendo, desde pequena, uma idiota com ele. Parecia aquelas histórias de filme. O fim a gente sabe qual era, mas o problema era que aqui era vida real e nada me garantia que o Eduardo ainda sentia a mesma coisa por mim ou que ele realmente queria ficar comigo depois de tudo. Talvez, eu devesse conversar com ele. Só que, dessa vez, sem ser a idiota de sempre e nem deixar as coisas mal resolvidas.

Só que, se eu tiver coragem para fazer isso, eu precisava ser realmente sincera, e isso implicaria dizer pra ele que eu não tenho certeza do que sinto e nem do que quero. E eu também precisaria dizer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que necessitava de um tempo pra me encontrar. Possivelmente, isso seria um risco enorme de perder o Eduardo para sempre. Mesmo que eu não soubesse exatamente o que eu sentia por ele, tinha um lado meu que não queria que ele se afastasse de jeito nenhum.

Sabia o que era pior? Ninguém iria saber me dizer o que era o certo a fazer e meus instintos nunca foram bons — nem preciso dizer por quê, né? Bastava olhar pro tempo que eu perdi com o Bruno —, minha única chance era pensar no que eu iria fazer e fazer o contrário. Assim, podia dar certo.

Como eu não teria coragem pra falar com o Eduardo e correr o risco de ele sair da minha vida para sempre, era exatamente isso que faria. Meus instintos diziam pra não fazer, então, faria. Essa

PERIGOSAS ACHERON

seria a nova Mel.

A partir de agora, eu faria o contrario do que meus instintos dissessem, e minha nova meta de vida seria: Descobrir quem era Melina Batista.

25

Nota mental: O mágico de OZ nem sempre tem coragem disponível pra distribuir pros leões covardes.

Quando vi Eduardo entrando na cafeteria, tudo que desejei foi que uma cratera se abrisse no solo e eu fosse dragada pra dentro, sem a menor possibilidade de resgate. Obviamente que não foi isso que aconteceu e eu tive que lidar com o problema que eu mesma criei.

— Oi! — Eduardo falou enquanto beijava a minha bochecha — Mel, olha só — ele disse

enquanto se sentava na cadeira à minha frente. — Desculpas por aquele dia com o Enzo, eu não deveria ter falado de você daquele jeito.

— Tudo bem — afirmei e me ajeitei na cadeira. — Eu também tenho que te pedir desculpas. — O garçom se aproximou da mesa para anotar os pedidos e eu agradei mentalmente por isso.

— Eu quero um café expresso duplo e, pra ela, um cappuccino com dose extra de chantilly, por favor. — Eduardo riu para mim. — Acho muito engraçada essa sua dose extra de chantilly.

— É que eu não gosto muito do gosto do café... — ri também.

— Então — Eduardo continuou —, você estava falando sobre me pedir desculpas e, na mensagem, disse que precisava muito esclarecer as

coisas...

— É... — droga! Ele não havia esquecido o assunto. — Eu não sei bem o que dizer...

— Mel, você não precisa me pedir desculpas por nada. — Eduardo ficou sério de repente e sua feição demonstrava que ele tinha tido uma iluminação divina nos pensamentos. — A gente não pode se desculpar por não gostar da mesma maneira de outra pessoa. Não dá para escolher de quem se gosta.

O olhar dele então caiu e, sei lá por que, aquela expressão me fez esquecer completamente que eu devia ser menos impulsiva e não confiar nos meus instintos.

— Mas eu gosto! — dei um grito.

As pessoas das mesas à volta me encararam, mas quer saber, foda-se!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu gosto de você, Eduardo. Só não sei se é da mesma maneira que você gosta de mim. E eu preciso sim te pedir desculpas por todas as vezes que você me ajudou na vida e eu nunca agradeci. Só que eu ainda não estou preparada e não sei o que fazer de verdade, porque eu preciso me conhecer melhor e ser feliz sozinha pra aí pensar em ter alguém. Só que, se eu te falar isso, você pode desistir de mim pra sempre, mas, ao mesmo tempo, se eu não falasse, eu poderia estar te impedindo de ser feliz. Eu gostaria muito que tu me esperasse, mesmo sabendo que tu já esperou todo esse tempo, o que é muito idiota da minha parte. Ai! Que merda que eu estou fazendo agora? — falei e soltei o ar com força. Eduardo me olhava com um riso preso no canto da boca.

— Eu espero, Mel.

PERIGOSAS ACHERON

— Como é? — Não acreditei no que eu ouvi. Que tipo de idiota espera por uma pessoa que não merece isso, como eu?

— Mel, eu espero. Você quer se conhecer melhor, quer viver coisas que ainda não viveu, eu entendo isso. Eu gosto muito de você, sempre gostei e nem sei o porquê. E se você acha que gosta de mim, mas que precisa de um tempo... Ok! Não tem problema pra mim.

— Você realmente existe?

Minha vontade era pular no colo de Eduardo e beijá-lo. Se eu agisse no impulso, provavelmente eu diria que o amava e que queria casar com ele. No entanto, fiquei no meu lugar, apenas olhando para ele com cara de boba.

— Eu existo. — Eduardo pegou a minha mão. — E gosto muito de você. — Ele puxou sua

PERIGOSAS NACIONAIS

cadeira mais para frente e levou minha mão até sua boca, dando um beijo. — E, se você precisa de um tempo, tudo bem — ele sorriu e o dentinho torto pareceu muito sexy naquele momento.

— Eu não sei se eu quero esse tempo... — de repente, todas as minhas certezas de que eu precisava me conhecer e fazer as coisas sozinha foram pro ralo. — E se eu quiser te beijar?

— Você quer me beijar agora, Mel? — Eduardo aproximou a cadeira da minha pela lateral da mesa.

— Quero. Muito. — Que droga! Mas era verdade, eu queria muito.

— Tem certeza? — ele ergueu uma sobrancelha. — Ou você só está confusa?

— Eu estou confusa, mas eu tenho certeza de que se você não me beijar agora, eu vou infartar,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

morrer e nunca mais vou poder beijar você.

— Não podemos deixar isso acontecer, certo?

— Eduardo riu. — Não quero correr o risco de nunca mais ouvir que você quer me beijar... Mas tem uma coisa, Mel...

— A gente não pode conversar sobre essa coisa depois que você me beijar? — Aproximei meu rosto do de Eduardo, provavelmente, fazendo biquinho, mas não iria confessar isso.

— Não. — Eduardo se levantou da mesa e me deu ambas as mãos para que eu me levantasse também. — Eu também quero muito te beijar, Mel. E estou disposto a te esperar. — Ele puxou minhas mãos para sua cintura, aproximando nossos corpos. — Mas eu tenho uma condição.

— Condição? — falei e dei um passo para trás.

PERIGOSAS ACHERON

— Você consegue desistir da sua ideia de colecionar pintos até descobrir suas coisas sozinha e enquanto eu espero?

— É isso? — acenei com a cabeça indicando que “sim” e ri. — Eu já desisti disso mesmo. Então, será que você pode me beijar agora?

Eduardo me puxou para um abraço. Não era o beijo que eu esperava, mas quando senti seus braços me envolvendo completamente e afundei meu rosto em seu pescoço, uma paz me invadiu e senti meu corpo todo amolecer. Sabe aquela sensação de casa que a gente sente quando se atira na cama depois de uma viagem? O abraço de Eduardo era como estar em casa.

Suas mãos começaram a acariciar minhas costas, subindo e descendo, me deixando à vontade. O toque de suas mãos, mesmo sob o tecido da

minha camiseta, era reconfortante. E sua respiração tão próxima ao meu ouvido, fez com que algo que se acendesse dentro de mim. Cheirei seu pescoço, aquele perfume amadeirado me excitou e, muito lentamente, tirei meu rosto do seu pescoço e procurei por sua boca. Quando nossos lábios se encostaram, sussurrei:

— Por que eu não te enxerguei antes...

— Talvez não fosse a hora certa...

Eduardo terminou de falar e seus lábios começaram a se mover devagar, abrindo passagem pra que sua língua invadisse a minha. O beijo era lento, quente. Seus lábios se movimentavam contra os meus, nossas línguas se encontravam e, em busca de fôlego, ele dava algumas mordidas em meu lábio inferior. Quanto mais nos beijávamos, mais confusa eu ficava.

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha vontade era sair correndo da cafeteria e levar Eduardo para uma cama. Meu corpo inteiro estava quente, úmido e a vontade de sentir a sua boca em outros lugares da minha pele só aumentava.

— Acho que a gente devia ir embora daqui — disse ao seu ouvido enquanto Eduardo beijava meu pescoço.

— Você tem certeza? — ele perguntou baixinho e mordeu o lóbulo da minha orelha.

— Absoluta.

Eduardo tirou dinheiro da carteira e colocou em cima da mesa. Me deu a mão e saiu me puxando para fora. Fomos caminhando pela rua, com os passos apressados. Provavelmente, ele estava tão ansioso quanto eu. Não falamos nada até chegar à porta do seu prédio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você tem certeza? — Eduardo parou na portaria.

Fiquei em silêncio.

— Mel, o que houve? — perguntou e me abraçou. — A gente não precisa transar se você não está a fim.

— Eu estou a fim... só que... sei lá... eu passei dias pensando em como eu tenho que me conhecer antes de me envolver com alguém e aí eu mal te vejo e jogo todas as minhas convicções pra cima...

— Ei! Calma! — Eduardo fez um carinho em meu rosto. — Eu disse que vou te esperar, a gente pode subir e só conversar...

— Ou continuar se beijando — interrompi.

— Também, Mel! — Eduardo riu. — Podemos continuar nos beijando. — Ele deu um selinho em minha boca. — Só quero passar um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tempo com você, do jeito que você quiser...

Eu só podia estar sonhando.

PERIGOSAS ACHERON

26

Nota mental: Não é só de penetração que vive um orgasmo.

Lembram quando a Fernanda e a Renata me disseram que, quando eu desencanasse, as coisas iam começar a acontecer? Elas tinham toda a razão. Mas calma! Eu ainda não conheci nenhum pinto, pelo menos, não “pessoalmente” ou entrando onde deveria ser objetivo.

Claro que rolou uns bons — excelentes — amassos — e orgasmos — quando eu aceitei o convite dele pra subirmos em seu apartamento. E o

senhor nerd sorridente cheiroso e gostoso me surpreendeu bastante.

Eu mal tinha ouvido a porta se fechar atrás do Eduardo quando senti suas mãos puxando a minha cintura por trás e me colocando contra a parede. Ele pressionou seu corpo contra o meu. Encaixando seu quadril na minha bunda. Com um mão, Eduardo enroscou meus cabelos em seus dedos, levantando-os para cima, enquanto, com a outra, agarrava e acariciava um seio meu. Sua boca no meu pescoço depositava beijos, que se misturavam com lambidas, cheiradas e mordidas. O calor tomava conta de mim, meus pensamentos se embaralhavam e tudo que eu conseguia pensar era que eu queria Eduardo dentro de mim.

— Se você soubesse quantas vezes eu imaginei isso... — ele sussurrou junto à minha

orelha e seguiu beijando meu pescoço.

Comecei a rebolar com força e ritmo contra sua virilha. Eu podia sentir seu pau latejando em minha bunda. Era uma tortura.

— Eduardo... — Tentei me virar de frente para ele. — Por favor... — ele segurou as minhas mãos sobre minha cabeça.

— “Por favor” o quê, Mel? — disse. Enquanto uma de suas mãos segurava a minha sob minha cabeça, a sua outra mão passeava pelas minhas coxas.

— Para de me torturar... — implorei, quase sem voz. — Eu preciso...

A boca de Eduardo calou a minha em um beijo cheio de tesão e urgência. Ele soltou minhas mãos e colocou as suas em minha cintura. Envolvei meus braços em seu pescoço. Eduardo me alçou

PERIGOSAS NACIONAIS

para cima e enrosquei minhas pernas em seu quadril. Sem desgrudar nossas bocas, ele foi caminhando até o sofá. Eu me enfragava em seu colo. Chegava a doer o tanto de desejo que me consumia naquele momento. Eduardo foi me colocando no sofá lentamente e afastando o seu corpo do meu.

— Não... — protestei, miando.

— A gente precisa parar, Mel... — ele se afastou mais ainda, passou as mãos no cabelo num gesto claro de confusão. Só então, com a distância entre nós, pude ver o volume amontoado em suas calças.

— Não parece que você queira parar. — Encarei o volume. — E nem eu estou a fim de parar agora...

— Se a gente transar, o que vai acontecer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

depois? — Eduardo começou a caminhar na minha frente de um lado para o outro. — Você disse que precisava se encontrar sozinha e eu não vou conseguir mais me afastar de você se a gente continuar...

— Mas eu não quero me afastar de você.

— E como você pretende se encontrar sozinha se estivermos juntos?

— Eu não sei... — me levantei do sofá e fui caminhando até Eduardo. — Não dá pra gente pensar nisso depois? — não era sério que ele ia me deixar daquele jeito! A primeira vez que eu realmente sentia tesão com um cara que não era o Bruno e eu ficaria a ver navios...

— Claro que não, Mel... — Ele suspirou. — Eu quero isso tanto quanto você, mas quero que, quando acontecer, seja a nossa última primeira vez!

PERIGOSAS ACHERON

— Como assim?

Às vezes, era difícil entender Eduardo, principalmente quando a única coisa que passava na minha cabeça era: preciso gozar!

— Eu quero que seja a nossa última primeira vez. Quero que depois que a gente transe, a gente nunca mais transe pela primeira vez com qualquer outra pessoa... só que se a gente fizer agora, você pode se arrepender e me deixar porque ainda precisa se encontrar... não quero correr esse risco.

— Eduardo, você vai correr esse risco se não me comer agora. — Eu sei que não foi a forma mais romântica de responder, mas eu agi contra os meus instintos de achar aquilo fofo. — Eu preciso que você termine o serviço que começou!

— Hummm — Eduardo caminhou em minha direção. — Então, tudo que você quer é um

orgasmo? — ele segurou em minha cintura. — A gente pode resolver isso, mas sem sexo!

— Como?

— Vou te mostrar... — Eduardo me puxou pela cintura aproximando nossos corpos novamente. — Acho que sou capaz de fazer isso — ele sussurrou ao meu ouvido. — É o que você quer?

Minha resposta saiu em forma de gemido. Só de sentir a respiração dele junto à minha orelha eu já estava completamente molhada novamente. O safado mordiscou o lóbulo da minha orelha e foi descendo com a boca pelo meu pescoço, deixando beijos molhados por onde passava. Suas mãos começaram a acariciar o meu corpo e, num rápido movimento, ele me virou de costas, agarrando com vontade meus seios e me colocando contra a

PERIGOSAS NACIONAIS

parede. Uma de suas mãos foi descendo pelo meu ventre, enquanto a outra massageava meu seio. A boca de Eduardo continuava beijando minha nuca. Cada vez que eu sentia sua respiração ofegante, mais eu também perdia o ar.

Suavemente, ele entrou com a mão pelo cócs da minha calça e, quando seus dedos entraram dentro de mim, fazendo movimentos circulares, passeando dentro e fora, não demorou muito para minhas pernas amolecerem completamente. Minha mente ficou turva e tudo que eu era capaz de ver eram luzinhas de fogos de artifício explodindo em toda a parede.

Eduardo me pegou no colo e foi me carregando para o seu quarto. Sua boca grudada na minha e todos os vazios pareciam completos. De repente, parecia que naquele colo eu não precisava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de mais nada. Eu não tinha mais defesas, medos ou dúvidas.

— Bebêêêêêêêê! Cheguei!!! — uma voz feminina ecoou vindo da sala quando ainda estávamos no corredor indo pro quarto. Eduardo parou de me beijar.

— Puta que pariu! A minha...

— Eu não acredito que você tem uma namorada!! — acusei e pulei do colo dele pro chão. — E todo aquele papo de eu gosto de você desde o jardim da infância e ser a última primeira vez? — Saí caminhando ajeitando minha blusa. — Eu sou uma idiota, mesmo!

— Mel, espera! — Eduardo pegou o meu braço. E me virei pra ele. — Não é isso que você está pensando, ela é minha...

— Não é isso que eu estou pensando?! Essa é

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a desculpa mais clichê! Quer saber? Eu nem gosto tanto assim de você... Na verdade, eu te odeio, Eduardo! Tu é só mais um idiota que acha que pode enganar alguém.

Dei as costas novamente e saí caminhando. Quando vi o vulto da namorada do Eduardo, apenas abaixei a cabeça e sussurrei “desculpa, eu não sabia” quando passei por ela.

Bati a porta do apartamento assim que saí e fiquei rezando para que ela não se abrisse até o elevador chegar. As lágrimas rolavam pelo meu rosto. Talvez eu realmente devesse desistir dos relacionamentos ou aceitar que todo homem por quem me apaixono é um filho da puta traidor.

PERIGOSAS ACHERON

Nota mental: Quando você acha que encontrou as respostas, a vida vem e muda as perguntas.

As lágrimas escorriam pelo meu rosto quando consegui sair do prédio do Eduardo e ganhei a rua. Os passos acelerados, o coração doendo. Um sentimento novo que eu não identificava me corroía. Eu não sentia raiva, como senti do Bruno quando me deu o fora, o que parecia ter aumentado dentro de mim era o vazio que eu achei que havia completado nos braços do Eduardo.

Era muito injusto por parte da vida que eu tivesse perdido aquela sensação em tão pouco

tempo.

Eu sei que vai parecer uma completa maluquice, mas naquela hora em que Eduardo me carregava nos braços, um filme passou por minha cabeça e nos vi velhinhos, dividindo uma varanda, ele lendo, eu tricotando, enquanto nossos netos corriam num campo bem verdinho. E, agora, lá estava eu de novo na varanda sozinha, sem ter nem pra quem tricotar.

E quanto mais eu pensava sobre isso, mais as lágrimas rolavam pelo meu rosto. Será que era isso? Eu tinha passado por tudo, enxergado a minha alma gêmea, só pra vê-la ser feliz com outra pessoa? Eu tinha sentido o gostinho do que eu poderia ter na minha vida e perdido no mesmo instante. E, ao contrário de quando o Bruno terminou comigo — que o que me desesperava era

PERIGOSAS NACIONAIS

saber que a vida que eu tinha planejado não ia acontecer —, agora eu sentia falta da pessoa. Eu só queria correr pros braços do Eduardo pra ele me consolar. No entanto, como me consolaria se era ele o traidor?

Em vez de caminhar pra casa, fui em direção ao Pub da Pedreira. Minhas pernas já não andavam rápido e, a cada passo, parecia que o vazio aumentava. Pensei em me dobrar chorando, sentar no cordão da calçada. Deitar na sargeta. Qualquer coisa que pudesse me tirar aquele buraco negro que parecia se abrir dentro de mim.

Eu nem tinha tido alguma coisa de fato com o Eduardo e ainda assim parecia que estava doendo mais do que quando Bruno disse que queria viver surfando e não casado comigo. Talvez fosse a decepção de enxergar que Eduardo era apenas mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um cara idiota. Será que ele queria se vingar de mim por todos os anos que eu o ignorei? Só podia ser isso.

Entrei no pub e dei de cara com Enzo e Leo.

— Mel, o que houve? — Leo veio me abraçar. — Você está horrível! Toda borrada, parece que foi atropelada por um trator.

— Obrigada, Leo. Tá ajudando muito...

— Ai, amor... — ele me abraçou com mais força —, desculpa... mas o que aconteceu pra você estar chorando assim?

— O Eduardo... — dei uma fungada funda. — ele tem namorada.

— O quê? — Enzo levantou do seu banco. — Impossível! Quando a gente se encontrou ele me falou que estava apaixonado por uma mina que não estava na dele...

PERIGOSAS ACHERON

— Ah, é?! Então me explica, Enzo, por que quando ele estava me carregando pra cama depois de me dar só um gostinho do que poderiam ser os melhores orgasmos da minha vida, uma mulher entrou no apartamento chamando-o de bebêêêêêêêêê — afinei a voz pra imitar a namorada da minha futura ex-alma gêmea.

— Ah... — Enzo começou a rir — era a irmã dele, ela o chama assim desde criança. Na escola a gente já zoava o cara...

— Não era a irmã dele. Eduardo tem irmã? E ela mora com ele? Por que ela entraria sem bater?

— Calma, Mel! Respira! — Leo me advertiu.
— Ela não mora aqui. Na verdade, ela é meio-irmã do Eduardo. É filha só do pai dele e a história é enrolada. O pai pulou a cerca e tal e eles têm quase a mesma idade. Ela é só uns meses mais velha que

ele.

— Ah... — Procurei um banco pra me apoiar. — Então, eu fiz merda... de novo.

Enzo ainda contou que a irmã de Eduardo passava sempre as férias aqui desde criança, por isso, ele a conhecia, e que sabia que ela havia morado um tempo na cidade na época da escola.

— O que você vai fazer agora, Mel? — Leo me perguntou, enquanto segurava a minha mão com pena.

— Vou pedir desculpas, de novo? — olhei para o rosto de Leo e depois para Enzo.

— Acho que você vai precisar fazer algo um pouquinho melhor, Melsinha... — Leo falou mansinho. — Sabe, você parece que tem pisado bastante na bola com o Eduardo...

— É... o cara pode até ser um idiota

apaixonado por você, mas ele não é pano de chão, Mel... — Enzo parecia ter incorporado o papel de melhor amigo de Eduardo.

— Mas o que vocês acham que eu devia fazer?

Nenhum dos dois me respondeu. Só ficaram me olhando com cara de quem peidou e está disfarçando. Poxa! Eu nem tinha pisado tanto na bola assim. Quem não chegaria à mesma conclusão que eu? E ele também não tentou desmentir, veio com aquela conversa de que não era o que eu estava pensando, em vez de gritar que era a sua irmã.

Se eu fosse colocar na balança, todas as minhas pisadas de bola com Eduardo e a falta de atitude dele em resolver também as coisas entre nós — eu posso ter pisado na bola em achar que era

uma namorada, mas ele também não teve a atitude de gritar que era a irmã até eu ouvir, já que somente assim eu teria prestado atenção, uma vez que sei que eu não queria ouvir nada —, acho que ficariam bem equilibradinhas.

— Mel, você tá bem? — Leo perguntou me tirando do transe.

— Acho que sim...

— Então, o que você pretende falar pro Eduardo? — Enzo questionou.

— Acho que nada... talvez seja melhor eu me afastar dele...

— Acho melhor você pensar em algo pra falar... — Leo me interrompeu.

— E se você quer se afastar dele, não vai ser agora — Enzo interrompeu Leo.

— Por quê? — levantei do banco. — O que

V...

— Mel! — a voz de Eduardo soou em meu ouvido me interrompendo, eu me virei para encará-lo. — Será que a gente pode conversar?

— Eu... — respirei fundo. — Desculpa... — o que eu devia dizer pra ele. — Eu sou uma idiota — dei dois passos em sua direção. — A gente pode...

— Mel... — Eduardo deu dois passos para trás. — A gente só vai conversar.

— Nem um beijinho? — perguntei. Ele sacudiu a cabeça em negativa. — Um abraço? — tentei mais uma vez e estendi os braços. A resposta foi a mesma. — Nada?

— Vamos conversar? — indagou e sinalizou com a cabeça para o lado da porta do pub. Eduardo estava com os olhos inchados — assim como os

PERIGOSAS NACIONAIS

meus — e com o rosto muito sério. Acho que eu nunca tinha visto ele tão sério.

— Eduardo, se você vai terminar comigo, a gente não precisa conversar... você pode ir embora e deu, a gente nunca mais se fala, finge que nem se conhece e...

— Será que dá pra gente conversar, porra! Como eu vou terminar alguma coisa com você se nem temos nada, Melina? — a voz de Eduardo, em tom bem mais alto que o normal, ressoava pelo pub. Todos viraram pra olhar o que estava acontecendo. — É tão difícil pra você escutar os outros de vez em quando? Você nunca me deixa falar, nunca sabe como responder às perguntas simples e quer sempre as coisas do seu jeito...

— Cara, te acalma! — Enzo tocou o braço de Eduardo. — Por que vocês não vão conversar lá

PERIGOSAS ACHERON

fora?

Os olhos de Enzo encontraram os meus e eu jurava que eles me disseram “se você não sair daqui agora com ele pra conversar, eu arranco cada centímetro da sua pele com um descascador de batatas”.

— Vem, Eduardo! — segurei a sua mão. — Vamos conversar. — Eduardo soltou a minha mão.

— Pode ir na frente...

28

*Nota mental: Antes de se apaixonar,
verifique as compatibilidades.*

Saí do pub com Eduardo atrás de mim em silêncio, fui caminhando em direção à praça. Dava para ouvir apenas o barulho dos nossos passos. A cidade já em silêncio por ser noite. O silêncio — ou o barulho dos passos — foi fazendo uma ansiedade crescer dentro de mim.

— Vamos sentar aqui — Eduardo disse, sentando-se num banco de pedra. Sentei-me ao seu lado. Dura, olhando para frente. — Olha pra mim, Mel. — A voz dele agora estava mais calma. —

Desculpa por ter gritado, mas você me tira do sério às vezes...

— Eu te tiro do sério, Eduardo? — bufei. O que ele estava pensando? — Pois saiba que o “senhor nerd sorridente que beija bem” também me tira do sério e eu...

— Viu? — falou e passou as mãos pelo cabelo, respirando fundo. — É por isso que eu não consigo falar com você... — ele segurou a minha mão. — Será que dá pra me escutar apenas por uns minutos?

— Eu te escuto, mas você...

— Mel! — Eduardo me interrompeu novamente. — Deixa eu falar, por favor! — Ele riu. Ri também e gesticulei como quem passava um zíper na boca. Ficamos nos encarando em silêncio.

— Fala então, Eduardo! Senão eu vou

PERIGOSAS NACIONAIS

começar a imaginar coisas, falar sem pensar e sem parar... e a gente vai acabar brigando de novo...

— Aquela que chegou lá em casa não é minha namorada, é minha...

— Irmã — interrompi e completei a sua frase. — O Enzo me falou. Desculpa pela minha reação, mas o que você pensaria? E, depois, você não falou nada...

— Eu tentei. Mas você não deixou...

— Também... você começou falando que não era o que eu estava pensando... Em que mundo você vive, Eduardo? Em qualquer conversa quando a pessoa começa dizendo que não é o que a outra está pensando, é exatamente o que ela está pensando e o outro só está dando a notícia em doses homeopáticas.

— De onde você tira esses ensinamentos? —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ele riu. — Ok, eu posso ter começado a falar com a frase errada, mas você não me escuta, não me deixa falar...

— Grita, Eduardo. Se eu não te escutar, grita. Não enrola e fala direto — gritei para ele. — Eu sou assim, impulsiva, saio tirando as minhas conclusões e criando fantasias na minha cabeça... Então, se eu não estou te escutando, grita!

— Eu não posso viver gritando com você, Mel! — a voz dele parecia cansada.

De repente, a minha ficha caiu, não adiantava sermos almas gêmeas se éramos incompatíveis. Eu me levantei do banco. Eduardo se levantou comigo.

— Eu gosto de você, mas acho que isso — apontei para mim e depois para ele — nunca vai dar certo, Eduardo. Nós somos muito diferentes, no jeito, no modo de agir, nos pensamentos... E você

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tem toda a razão, eu não sei escutar...

— Você realmente gosta de mim, Mel? —
Eduardo voltou a ficar sério e com o olhar turvo. —
Por que eu acho que se você realmente gostasse,
não desistiria assim tão fácil... — ele passou as
mãos pelos cabelos. — Às vezes, eu fico me
questionando como é possível que eu seja
apaixonado por você há tantos anos, você sendo
assim, tão...

— Tão o quê? — coloquei as mãos na
cintura.

— Tão boba, impulsiva... eu nunca vi
alguém mais cabeça-dura que você... enfia uma
coisa na cabeça e não tem nada que faça você
mudar. Isso é irritante e cansativo...

— E você não acha que também pode ser
bem irritante e cansativo para mim ter que conviver

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com esse teu jeito lerdo? Com esse sorrisinho sempre fácil? Você está sempre sorrindo, Eduardo! Isso é muito irritante. E quer saber... se eu sou tão irritante assim, eu vou embora. — Virei as costas e saí.

— Mel, você está fazendo de novo...

— Eu não tenho mais nada pra ouvir. Tenha uma boa vida, Eduardo!

Fui caminhando decidida. Quem Eduardo pensava que era pra me criticar e dizer que eu era irritante? Eu não preciso disso, quer saber... a fila anda — apesar de nem ter andado direito desde que o Bruno me deixou —, eu que não vou ficar sofrendo por um “nerd sorridente” que beija bem...

O único problema era que ele era minha alma gêmea. O que é uma grande sacanagem da vida. Vai ver é isso. Agora que já conheci o meu sonho

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de vida perfeita e a minha alma gêmea e já perdi os dois, posso seguir a vida sendo uma pessoa amargurada, sozinha e com orgasmos causados apenas por pintos de borracha. Na minha lápide vou mandar escrever: Aqui jaz Melina Batista, queria ser mulher de família, depois queria ser puta, acabou se apaixonando pela alma gêmea e viveu o resto da sua vida com Kit, um vibrador.

Como é possível que um dia tudo esteja tão perfeito e planejado e no outro sua vida vire de cabeça para baixo? Porque era exatamente assim que me sentia. Eu tinha uma vida perfeita e planejada com o Bruno e, do nada, ele resolveu ir viver com as ondas — e com a nativa peituda que aparecia em todas as fotos que ele postava no instagram —, me deixando para trás. E, desde então, parecia que eu nunca mais consegui colocar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a minha vida em ordem. E, mesmo que eu achasse que estava indo pelo caminho certo — como agora com o Eduardo — alguma coisa acontecia e me mostrava que não.

Talvez eu realmente devesse desistir dos relacionamentos e me concentrar em mim. Voltar ao plano de primeiro me conhecer e saber quem era, pra quem sabe conseguir dar um rumo pra minha vida. Talvez estivesse na hora de uma mudança realmente radical na minha vida. Como se ela já não tivesse mudado o bastante desde que fui abandonada praticamente no altar.

PERIGOSAS ACHERON

*Nota mental: Nem sempre a rota de fuga
mais fácil é a melhor.*

Numa coisa Eduardo tinha toda a razão. Quando eu enfiava uma ideia na cabeça, ninguém tirava. Foi exatamente por isso que, quando cheguei à minha casa, corri ao meu quarto, enfiei algumas mudas de roupa na mochila, peguei meu passaporte, quebrei o cofrinho e escrevi um bilhete pros meus pais.

“Vou viajar por uns dias. Não se preocupem, estou bem e já avisei seu Jorge. Só preciso ficar uns dias sozinha e pensar no que eu realmente quero.

Amo vocês”

Deixei em cima da mesa da cozinha, escrevi uma mensagem para o Seu Jorge pedindo desculpas, mas explicando que eu precisava me ausentar uns dias e enviei pelo celular.

Corri para a rodoviária. Não tinha a menor ideia de para onde ir, só queria ir embora rápido, por isso, quando olhei para o painel de embarque e vi que o próximo ônibus que sairia era pra Rio da Mata, não tive dúvidas. Esse seria o meu destino.

— Quantas horas de viagem? — perguntei ao funcionário que vendia as passagens.

— Sete horas. Tem uma parada no meio do caminho.

— Nossa! Que longe! Mas tá bom... Pode me ver um assento na janela, por favor?

— Você tem certeza de que é pra onde quer

PERIGOSAS NACIONAIS

ir? — o homem parecia intrigado.

— Tenho sim.

— Mas você conhece a cidade ou tem alguém lá te esperando? — Ele ainda me encarava intrigado.

— E isso é da sua conta? — aquela intromissão estava me irritando.

— É que sou de lá e...

— Se a gente continuar conversando vou perder o ônibus. Você pode ver a minha passagem... — bufei — por favor?

— Ok... Eu só queria ajudar e lá...

— Obrigada! A passagem, por favor!

O homem providenciou a passagem, paguei e fui em direção ao ônibus, ainda um pouco irritada pela intromissão do atendente. O que ele tem a ver com pra onde eu vou ou o que vou fazer? As

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

peessoas deveriam cuidar mais de suas vidas do que da dos outros. Se eu tivesse feito isso, hoje, provavelmente, não estaria irritada com o cara. Mas é aquilo... faça o que eu digo, só não faça o que eu faço.

Entrei no ônibus e procurei minha poltrona. Rezei para ter a sorte de viajar sozinha e fui atendida. Quando o ônibus começou a andar, coloquei os fones de ouvido, me ajeitei nas duas poltronas e me preparei para dormir as sete horas de viagem.

Nenhuma posição parecia confortável e nenhuma música me relaxava. Ao contrário, cada música que tocava me fazia pensar mais ainda... E os pensamentos viajavam na velocidade da luz, por vários momentos da minha vida, e em todos esses momentos Eduardo e Bruno estavam presentes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quanto mais eu tentava parar de pensar, mais minha mente trabalhava e coisas que eu nem lembrava mais retornavam à minha cabeça com tamanha vivacidade, que pareciam ter acontecido naquele momento. E, em todos as recordações, a imagem de Eduardo, próximo a mim, surgia.

O ônibus se afastava de Cerqueira Correa, e, a cada quilometro percorrido, parecia que aumentava o vazio que eu sentia. Quanto mais longe eu ia, mais eu tinha vontade de voltar, de chorar e de ficar perto do Eduardo. No entanto, ele ainda tinha razão: eu era cabeça-dura demais pra admitir. Ou orgulhosa... ou idiota mesmo, vai saber.

Levantei a cabeça e olhei à minha volta. Poucas poltronas estavam ocupadas. As luzes do corredor apagadas. Apenas os avisos luminosos acessos. Prestei atenção nas placas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Horários dos ônibus:

Cerqueira Correa — Rio da Mata

Quintas-feiras, às 23h

Rio da Mata — Cerqueira Correa

Sextas-feiras, às 7h

Ai, meu Deus! Onde foi que eu resolvi me enfiar? Então, a imagem do homem da rodoviária tentando falar comigo e me perguntando sobre minha escolha de destino voltou à minha cabeça. Por que eu ainda não aprendi a escutar os outros?

Quando o ônibus fez sua parada, resolvi puxar assunto com uma das passageiras que comprava um lanche, como eu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então, já conhece Rio da mata?

— Claro! Acho que todo mundo que resolve ir pra lá conhece e só vai porque tem algum parente ou então é louco! — ela riu.

— Por que você acha isso?

— Ué? — ela me olhou como se fosse obvio.
— Quem iria para passear em uma cidade que tudo que tem é uma hidrelétrica e a casa dos funcionários da usina?

— É verdade... — ri para a mulher e me afastei. Eu estava mais que ferrada!

Mas tudo bem... eu podia chegar lá, comprar a passagem de volta e viajar um total de 14 horas pra não ir a lugar nenhum. Quem sabe não era o destino me mandando engolir meu orgulho e voltar correndo pro Eduardo. Se é que um dia ele ainda iria me querer...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

30

Nota mental: Nunca confie seu destino a um desconhecido.

Viajar sete horas de ônibus para um destino desconhecido e completamente esquecido no mapa não era nada se comparado a ficar uma semana nesse lugar com apenas 23 casas, uma usina hidrelétrica e uma praça, duzentos e vinte quilômetros distante de qualquer tipo de civilização e sem sinal de celular.

Exatamente isso. Eu seria obrigada a ficar lá por uma semana e, se não fosse a menina que vende balas em frente à praça, eu provavelmente não teria

nem onde dormir por esse tempo.

Quando o ônibus encostou na praça da cidade e foi informado de que havíamos chegado ao nosso destino, desci do ônibus e fiquei parada do lado de fora encarando o motorista.

— A senhora precisa de alguma coisa? — ele me indagou confuso.

— Eu quero voltar pra Cerqueira Correa com o senhor. Estou aqui aguardando...

— Ah! Mas não sou eu que volto. Agora, eu fico aqui uma semana e outro motorista leva o ônibus.

— Obrigada. Vou aguardar o outro motorista então — disse gesticulando com a cabeça como se agradecesse.

— Moça, eu vou levar o ônibus para limpar agora e entregar a ele. Depois, o Sílvio volta e pega

os passageiros.

— Posso ir com você? — perguntei aflita. Eu não poderia perder aquele ônibus de jeito nenhum.

— Não pode não, dona. Política da empresa.

Fiquei encarando o homem, provavelmente com uma cara de total pavor pela ideia de perder de vista a única salvação da minha vida naquele momento.

— Mas a senhora pode ir ali — ele apontou pra uma casa de janelas rosas — tomar um café. O ônibus para Cerqueira Correa parte às sete em ponto e sai dali — ele apontou pro outro lado da praça. — É só ficar de olho. — Piscou e fechou a porta do veículo.

Resolvi seguir o conselho do motorista e tomar um café. Não faltava tanto tempo assim para a partida, já eram 6h20 da manhã, mas quarenta

minutos eram suficientes para um café, colocar algo no estômago, fazer um xixi, escovar os dentes e voltar para casa.

Talvez um dia eu até achasse engraçado contar aos meus netos — se é que eu teria um marido e filhos — que eu passei quatorze horas dentro de um ônibus, praticamente direito, porque era uma completa idiota. Contudo, nesse momento, não tem nada de engraçado nisso.

— Olá! — cumprimentou-me sorrindo uma senhora sorridente de cabelos brancos e crespos e óculos de aros metalizados largos assim que cheguei à casa indicada pelo motorista.

— Bom dia! — respondi, mas sem sorrir tanto quando a senhora. — Eu gostaria de um café e um pão de queijo.

— Claro, minha querida. — Sente-se aqui. —

PERIGOSAS NACIONAIS

A senhora puxou a cadeira de uma das 3 mesinhas do lugar. — Você está vindo morar aqui? — falou e bateu com a mão na própria testa. — Perdão, como sou mal-educada, meu nome é Janete. — Estendeu a mão e sorriu. — Não estamos acostumados a receber pessoas de fora aqui.

— Melina, muito prazer. — Apertei sua mão. — Na verdade, eu voltarei no mesmo ônibus que vim. Houve uma confusão na hora em que comprei a minha passagem. Preciso voltar. — Olhei no relógio. Que já marcava 6h31 — E não tenho muito tempo. — Sorri. — Será que a senhora poderia ver o meu pedido?

— Claro, minha querida! Que falha a minha!

Janete saiu caminhando pela sala pequena, onde tinham 3 mesas com duas cadeiras em cada, um balcão com alguns biscoitos, pães e outras

PERIGOSAS ACHERON

coisas de comer — e atravessou uma cortina toda rosa, como as janelas e os enfeites do local. Nem dois minutos depois, ela voltou com uma bandeja.

— Aqui está. — A senhora colocou o café, juntamente com uma colher, açúcar e adoçante na mesa e, em seguida, depositou o prato com um enorme pão de queijo na minha frente. — Então... — falou puxando a outra cadeira da mesa em que eu estava sentada. — Que tipo de erro?

Fiquei olhando para a mulher que me encarava de volta, esperando minha resposta. A mim parecia obvio que eu não estava a fim de conversar sobre aquele ou qualquer outro assunto, mas, pelo jeito que Janete me encarava, ela não havia entendido isso.

— Confundi o destino. Queria ir pra Rio do Ouro e acabei vindo para Rio da Mata — tentei

PERIGOSAS NACIONAIS

encerrar o assunto ali.

— E você ia fazer o que em Rio do Ouro? Ouvi dizer que lá tem uma loja só de temperos... sou louca pra conhecer.

— Essas lojas de temperos tem em tudo que é lugar... — disse sem pensar.

— Aqui não. Aqui só tem nós. — a mulher abaixou a cabeça. — Desculpe ficar te incomodando, é que nunca temos novidades ou conversamos com estranhos aqui...

Duas mulheres entraram pela porta, completamente eufóricas e conversando alto. Quando me enxergaram, começaram a se cutucar e empurrar uma a outra.

— Eu te falei que tinha visto alguém diferente entrando aqui — uma disse e cotovelou a outra.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Menina, não acredito nisso... — a outra respondeu rindo e caminhando em minha direção.

— Podem parar, garotas! — Janete disse levantando de sua cadeira. — A Mel não veio para ficar e vai pegar o próximo ônibus, nem percam tempo...

— Mas eu só queria...

— Por favor, Doroti! — Janete interviu. — Deixem a menina em paz! — avisou e foi empurrando as duas intrometidas pra fora. Quando fechou a porta colocando as mulheres para fora, virou-se para mim. — Desculpe por isso. Como disse, nunca vem ninguém diferente aqui...

— Não tem problema. Me desculpe também por não ser a pessoa mais simpática, mas estou tão cansada da viagem, da minha vida...

— Ah, minha querida! — Janete parou ao

PERIGOSAS ACHERON

meu lado e fez um afago em minha cabeça. Estranhamente foi algo bom. — Não fique assim... Você é nova e tem tanta coisa pra fazer ainda... Fora que mora num lugar com opções...

— É verdade — disse. — O problema é que eu não sei mais o que fazer da minha vida e nem como encontrar um rumo pra ela. Eu estou tão perdida...

— Quer me contar mais? — Janete perguntou com um olhar afetuoso.

Eu me senti tão à vontade que comecei a falar para ela toda a novela mexicana que era a minha vida. De Bruno a Eduardo, passando por todas as tentativas frustradas de sexo com caras desconhecidos e como havia parado naquele lugar.

— E foi isso... — disse. — Agora, estou aqui e... — olhei no relógio. 7:15 da manhã. — Puta

PERIGOSAS NACIONAIS

que pariu! — pulei da cadeira, dando um grito e correndo até a porta. — Meu ônibus...

Não havia mais sinal do ônibus, só a poeira levantada por ele na hora da saída.

— O que eu vou fazer agora? Onde vou dormir e comer nesse buraco que vocês acham que é uma cidade? — encarei Janete. A mulher estava visivelmente se sentindo culpada por ter puxado assunto.

— Bom, podemos ver com a Zenaide se ela deixa você ficar na casa dela. É a única que tem uma cama extra. — Janete me abraçou. — Vai ficar tudo bem, Mel

Não sei como Janete me fazia sentir esperança e conforto. Eu só rezava para que a Zenaide não fosse a outra mulher que ela havia colocado pra fora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

31

Nota mental: A abstinência de comunicação com o mundo pode fazer bem.

Tem três dias que eu não me comunico com o mundo. Quer dizer, eu converso muito com a dona Janete, com a Zenaide, que me hospedou em sua casa, e com as outras pessoas de Rio da Mata. Mas sobre o meu mundo, nada. Nenhum sinal, ligação, mensagem. Não tem nem como stalkear alguém no Facebook, porque não existe conexão aqui. Nem sinal de celular pra ligações, quem dirá pra entrar em algum aplicativo.

Em Rio da Mata as pessoas ainda sabiam das
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

notícias através da estação de rádio. E a rádio não ficava aqui, mas na capital, e é o único sinal que chega. Os jornais não chegavam, porque o ônibus só passava uma vez por semana. Televisão a cabo eles nem sabiam o que era, Netflix então, era um bicho de sete cabeças!

— Mas então você entra no computador e escolhe o filme que quer ver? — Zenaide me encarava com os olhos arregalados.

— Exatamente. Algumas televisões também têm aplicativos. Dá pra assistir aos filmes pela tv também — expliquei. — Tem também aplicativos assim pra leitura.

— Ué?! Como? Os livros não são de papel?

Zenaide era pouca coisa mais velha que eu. Tinha apenas 27 anos, mas nunca havia saído de Rio da Mata e não tinha a menor ideia das coisas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que aconteciam no mundo afora. Chegava a ser engraçado algumas perguntas que ela me fazia e curiosidades que tinha. Principalmente, sobre homens e relacionamentos. E logo pra quem ela fazia as perguntas... pra pessoa mais perdida na vida.

Entretanto, o importante era que, apesar de ter apenas 3 dias que estava confinada no fim do mundo, eu havia me apegado à Zenaide e à Janete de uma forma estranha. Não sei se foi a acolhida ou o fato delas me tratarem como uma celebridade, não sabia. Eu só me sentia cada dia melhor e, depois de 3 dias isolada, parecia que todas as confusões da minha vida tinham acontecido com outra pessoa. Era como se a “Mel” de Rio da Mata, apenas conhecesse a história da “Mel” de Cerqueira Correa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma das coisas que eu mais estava gostando era o fato de não ter nada para fazer. Eu tinha algumas tarefas, como arrumar a minha cama, lavar a louça e ajudar a Janete a triturar mirtilos para suas tortas, mas, na maior parte do tempo, ficávamos apenas conversando ou caminhando pelas trilhas da mata e tomando banhos de rio.

De certa forma, eu comecei a entender por que as minhas novas amigas não queriam sair da cidade. A vida, ali, parecia tão mais fácil e tranquila... Era um dormir e acordar sem planos, correrias ou estresse. Se desse vontade, a gente ia tomar banho de rio ou, então, ficava em casa conversando. E isso era tudo. A única coisa diferente que acontecia por ali era a chegada semanal do ônibus — aquele que me trouxe — e a partida do mesmo ônibus — aquele que perdi.

PERIGOSAS ACHERON

Tirando isso, a confeitaria da Janete, Zenaide vendendo balas caseiras de coco na saída da escola e no bar, que funcionava na garagem do Salamão e que só vendia cachaça artesanal e tinha uma mesa de sinuca, Rio da Mata se resumia a hidrelétrica e À vida de cada um dentro dos mundinhos familiares. Todo mundo ali morava com alguém que trabalhava lá. Janete era casada com Gilmar, que trabalhava na parte das bombas da empresa. Zenaide era filha de Jorge, que era mecânico da hidrelétrica... e assim por diante.

— Por que você não foi embora como seus amigos para estudar? — perguntei, depois que ela me contou que todos os seus colegas de escola haviam ido embora e que, da nossa idade, não existia mais ninguém ali além dela. A maioria da população ou era mais velha ou crianças. E, quando

se aposentavam, as famílias também iam embora. Seu pai não pensava em se aposentar.

— Minha mãe morreu muito cedo e só sou eu e o seu Jorge — ela só chamava o pai assim. — Ele é a única família que eu tenho e conheço. — Zenaide sorriu. — Sempre morei aqui e nunca viajamos nas férias, nem quando mamãe era viva. Meus avós paternos já eram falecidos quando eu nasci e os maternos, bem... eles nunca concordaram com o casamento dos meus pais, então, nunca se interessaram por mim. Pra completar, minha mãe e meu pai são filhos únicos... — notei quando algo turvou seu olhar. — Eu não tenho ninguém, Mel. Só meu pai.

— Mas e o que você vai fazer quando ele se aposentar e vocês tiverem que ir embora ou quando... — parei de falar. Zenaide me observava

com os olhos cheios de lágrimas.

— Quando meu pai morrer? — ela limpou com o canto da mão uma lágrima fujona. — Eu não sei, Mel. Na época em que acabamos a escola, parecia tão errado deixar ele sozinho aqui e acabei não indo pra faculdade. Eu queria fazer gastronomia, sabe? — ela sorriu com a lembrança.

— A faculdade é lá em Cerqueira Correa e é ótima! — uma ideia então ocorreu em minha cabeça. — Você poderia se matricular para o próximo semestre. Pode morar em minha casa enquanto faz seu curso e tenho certeza de que logo você arruma um emprego em um restaurante por lá. Eu conheço...

— Mel, para, por favor... — Zenaide levantou-se da cadeira na varanda em que estava. — Está na hora de cuidar do jantar.

Ela saiu caminhando em direção à sua cozinha. Eu sabia que o cardápio seria alguma coisa além do espetacular, porque, em 3 dias hospedada ali, minha calça jeans subia pelas coxas com dificuldade. Zenaide realmente cozinhava bem e parecia que todos os seus pratos vinham carregados com o pecado da gula, já que era impossível parar de comer. Caminhei em direção à cozinha, indo atrás dela.

— Se você pudesse ter um restaurante ou estabelecimento para cozinhar, o que você gostaria de fazer? — perguntei, curiosa. Apesar de Zenaide afirmar que não sairia dali, parecia que ela tinha um sonho em algum outro lugar.

— Ah! — o rosto dela se acendeu com a ideia. — Eu teria uma bar, estilo aqueles de balcão largo comprido e cheio de bebidas atrás, com mesas

PERIGOSAS NACIONAIS

de canto, música boa em volume ambiente para as pessoas conversarem, e serviria petiscos! — ela bateu palminhas. — Teria rodízio de petiscos com “mini” porções individuais e molhos especiais!

— Nossa! Gostei da sua ideia! Em Cerqueira Correa nós temos o PUB da Pedreira, que é mais ou menos nesse estilo e todo mundo se encontra lá... mas as coisas pra comer são péssimas...

— Já sei! — Zenaide me encarou como se tivesse tido uma ideia genial. — Vou fazer uma noite dos petiscos e convidar algumas pessoas da cidade pra sua despedida na quinta à noite, o que acha?

— Não precisa, Ze! Vai te dar muito trabalho e depois...

— Que trabalho o quê! Eu vou me divertir! Está decidido! Vamos fazer uma noite de petiscos!

PERIGOSAS ACHERON

Depois do jantar, a gente vai lá na Janete pra ela nos ajudar e ...

Zenaide continuou falando sobre a noite dos petiscos e sobre tudo que iria cozinhar e preparar, comecei a anotar os pratos que teríamos, os convidados e todos os detalhes que ela falava. De repente, ela parou de mexer a panela, de onde saía um cheiro maravilhoso de ervilha e bacon, e me fitou:

— Vamos fazer uma aposta: Se 80% dos convidados comentar que eu deveria abrir um restaurante, eu me matriculo no próximo semestre e vou morar com você.

— Fechado! — disse empolgada. Eu havia realmente me apegado à Zenaide e, apesar do pouco tempo de convivência, já a considerava uma irmã.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas tem uma coisa — ela me olhou e deixou escapar um risinho do canto da boca. — Se eles não falarem, você vem morar comigo aqui no próximo semestre!

— Não tem como! — ri. — O que eu vou fazer aqui, Ze?

— Você pode trabalhar como guia na hidrelétrica, eles têm gente lá, mas sempre aparecem mais grupos do que eles imaginam visitando. Além disso, o trato é esse, mas se você acha que corre o risco de ter que vir morar aqui, é porque eu não cozinho tão...

— Fechado! — disse em um impulso.

Zenaide realmente cozinhava bem, mas eu havia acabado de colocar a minha vida nas mãos do entendimento gastronômico dos moradores de Rio da Mata.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

32

Nota mental: Quando tudo parece certo, você vê que estava errada o tempo todo.

— Então, é isso? — Janete perguntou enxugando as mãos no pano de prato. — Você vai embora amanhã — ela me encarou e terminou de organizar a pia. — E você vai estudar em Cerqueira Correa? — ela olhou para Zenaide com ternura.

— Parece que sim! — Zenaide dava pulinhos de felicidade. — Acho que a minha noite de petiscos foi muito boa ou a Mel trapaceou e mandou todo mundo me elogiar! — ela ria.

— Eu não trapaceei nada! — me defendi. —

Apesar de ter ficada tentada, todos os elogios foram sinceros. Você arrasou, Ze! — elogiei e abracei minha amiga.

— Que tal se a gente sentar um pouco na varanda e terminar essa garrafa de vinho? — Janete convidou já pegando a garrafa e três taças.

Concordamos com a cabeça e nos dirigimos para o local. A noite estava um pouco mais quente que o normal, nós nos sentamos e ficamos observando, em silêncio, o céu. A lua estava cheia, grande e brilhante, iluminando a cidade de uma forma diferente.

— Você vai procurar ele? — Janete perguntou para Zenaide.

— Ele quem? — me intrometi.

— Ele nem sabe que eu existo, Nete! — Ze protestou. — E, depois, faz tantos anos... ele já

deve estar casado, ter filhos... ou nem more mais lá.

— Você duas podem me explicar do que estamos falando? — perguntei indignada por estar de fora da conversa.

— É bobagem da Janete! — Zenaide respondeu, gesticulando com as mãos como se fosse algo sem importância. — Logo que terminamos a escola, teve um menino de Cerqueira Correa que passou uma semana aqui. O menino queria fazer faculdade de geologia, mas estava em dúvida. Então, o pai dele, que era amigo de infância do meu pai, mandou ele pra cá uma semana, pra explorar as grutas, se isolar de tudo e ele decidir se era o que queria mesmo.

— E o que aconteceu? — minha curiosidade estava ainda maior. Será que eu conhecia o

menino?

— Não aconteceu nada. Ele passou uma semana aqui e foi embora. Só isso. — Zenaide levantou-se da sua cadeira, mostrando desconforto.

— Ela se apaixonou por ele. — Janete respondeu. — E nunca tirou ele da cabeça.

— Mas aconteceu algo entre vocês? — perguntei curiosa.

— Não, não aconteceu nada! Foi só uma bobagem de adolescente....

— Aconteceu sim... — Janete se meteu na conversa novamente. — Eles ficaram juntos e... — Janete fez um gesto com a mão, que não compreendi. — você sabe, eles...

— Ah, transaram? — ri.

— Sim! Foi a primeira e única vez da Ze...

— Dá pra parar de falar da minha vida

PERIGOSAS NACIONAIS

assim? — Zenaide interrompeu. — Acho que está na hora de dormirmos, senão amanhã você perde seu ônibus de novo...

— Isso não pode acontecer! — ri. — Apenas porque aí vou perder meu emprego, pois, sinceramente, se eu não precisasse dele, ficaria aqui com vocês...

— Você precisa voltar pra casa, minha querida. — Janete também levantou-se da sua cadeira e veio em minha direção, abraçando-me contra o parapeito da varanda. — E resolver suas coisas... o lance com a sua alma gêmea e todo o resto. Vai dar tudo certo, eu sei.

— Eu vou sentir falta sua, Mel. — Zenaide aproximou-se de nós e nos unimos em um abraço coletivo. — Mas eu prometo que em 3 meses estarei lá pra cuidar de mim...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu vou te esperar! E também vou sentir muita falta de vocês. — Segurei uma lágrima que ia tentar escapar.

Ficamos ali, na varanda, abraçadas por um tempo, olhando a lua. Era impressionante como aquelas duas mulheres haviam se tornado tão importantes para mim em uma semana. Todas as conversas que tivemos nessa semana sobre a vida, nossos problemas, dilemas... pareceram anos e anos de aulas sobre moral, ética e como ser um ser humano melhor.

Eu sabia que precisava evoluir muito, me tornar uma pessoa melhor e, talvez, desde que o Bruno me largou, esse tivesse sido meu objetivo, mas só agora, olhando a lua, abraçada a duas pessoas que ganharam um significado tão importante na minha vida em pouco tempo, é que

PERIGOSAS ACHERON

eu finalmente entendia isso.

Eu estava pronta para voltar pra casa. Não estava pronta para abandonar as minhas amigas, mas isso seria temporário. Em poucas horas, eu estaria entrando num ônibus para voltar à minha cidade e, na minha cabeça, eu finalmente havia me achado.

Eu voltaria pra casa, assumiria minhas funções novamente e teria uma conversa definitiva com Eduardo. Não houve um só minuto em que eu não tenha pensando nele ou sentido a falta de falar e estar com ele. Até daquele dentinho torto no meio daquele sorriso sempre aberto eu sentia falta. Me isolar do mundo realmente fez com que eu enxergasse dentro de mim.

Janete se despediu, deixando Zenaide e eu sozinhas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ze, qual o nome do cara? De repente, eu conheço...

— O nome dele é Eduardo, Mel. — um frio percorreu minha espinha. — Deve ter vários em Cerqueira Correa...

— Como ele é? — perguntei, afoita.

— Ah, eu não sei como ele está agora... — ela riu. — faz tanto tempo... Mas ele era alto, meio gordinho, usava óculos, os cabelos claros e tinha um dentinho torto que dava um charme especial no seu sorriso. O Dudu estava sempre sorrindo e...— Zenaide continuou falando e eu só conseguia pensar “puta que pariu!”

PERIGOSAS ACHERON

33

Nota mental: O Universo envia sinais o tempo todo

Era estranho como a vida podia ser engraçada e sacana ao mesmo tempo. Minha semana em Rio da Mata me fez dar valor a pequenas coisas e ver como, às vezes, nós deixávamos com que problemas que nem existiam, se tornassem obstáculos em nosso trajeto.

Acho que eu nunca pensei muito sobre viver um dia de cada vez e deixar as coisas irem acontecendo, sem criar expectativas ou projetar finais felizes. Na verdade, eu acho que nunca me preocupei com o trajeto e só com a linha de

chegada. Eu sempre pensei em casar com o Bruno e ficar velha ao lado dele, mas o que tinha no meio do caminho não me importava, porque o final feliz estava garantido na minha cabeça. E, quando entrei nessa loucura de que o Eduardo era minha alma gêmea, eu também só quis chegar ao final.

O problema todo era que o fim não importava. O que importa mesmo era o que estava no meio do caminho. O que faríamos com cada dia, cada momento do percurso. Por isso, quando entrei no ônibus e me despedi de Zenaide, uma ideia fixa surgiu em minha cabeça: o Universo estava me mandando um sinal claro de sua existência e influência em nossas vidas.

Eu havia parado na única cidade que não havia absolutamente nenhuma distração, para fugir de Eduardo, conhecer Zenaide e descobrir que ele

PERIGOSAS NACIONAIS

era o único homem que existia na vida dela. Ela, que havia me recebido em sua casa e me feito olhar a vida por perspectivas diferentes, amava o mesmo Eduardo que eu achava que era minha alma gêmea. Até podia ser que isso fosse verdade, mas era incontestável que éramos melhor como amigos do que como casal.

Zenaide, ao contrário de mim, vivia em função de outra pessoa, seu pai, por um amor puro e genuíno. Eu havia passado minha vida achando que vivia em função do Bruno, quando, na verdade, eu vivia em função do que eu queria. Que era só uma ideia idiota de casar e ser feliz pra sempre, como nos contos de fadas.

A ideia não saía da minha cabeça... Toda aquela coisa estranha e enrolada entre nós, eu ter parado justamente aqui, conhecido Zenaide. Agora

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estava na hora de eu começar a praticar duas coisas: ser menos egoísta e viver um dia de cada vez.

Talvez tivesse algum grupo de ajuda em Cerqueira da Mata, tipo alcoólicos anônimos, pra pessoas egoístas, onde eu pudesse todos os dias me fortalecer pra não cair na tentação novamente... Mas era por Zenaide. Ela merecia bem mais que eu.

— Como é que é, Mel? — Eduardo me olhava como se eu tivesse falado o maior absurdo do mundo. — Você quer que eu namore e case com uma menina que eu vi anos atrás, com quem perdi a virgindade, só porque agora você encasquetou que essa é a sua missão na vida?

— Você perdeu a virgindade com ela também? — Era mais um sinal do Universo. — Isso Zenaide não me contou.

— Ela não sabia! Eu era um guri, óbvio que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

menti!

— Eduardo, pensa comigo... Todos os sinais apontam pra esse caminho...

— Mel, eu gosto de você. Sempre gostei...

— Eduardo, já vimos que somos um fracasso juntos...

— Quando vimos isso, Mel? — ele se levantou do banco da praça em que estávamos sentados, abruptamente, deixando seu sorvete cair nas calças, que ele limpou rapidamente com as mãos, passando-as, todas lambuzadas, no rosto e cabelos. Fiquei com vontade de rir. Eduardo conseguia ser a pessoa mais centrada, organizada e racional que eu conhecia e, ao mesmo tempo, estabanado, passional e estranhamente sexy quando ficava nervoso. — A gente nunca tentou nada... Nós nos beijamos e...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E brigamos, não conseguimos nos entender e acabamos nos magoando... — Levantei-me também. — Eduardo, eu não sou a pessoa certa pra você! É sério! Olha pra nós?! — A gente se dá bem assim... sendo amigos. — Me aproximei dele e o abracei. — Eu quero você pra sempre na minha vida... — meu coração acelerou — como... — um nó se fez em minha garganta e parecia impossível pronunciar a próxima palavra — amigo! — cuspi com sacrifício, contrariando o meu cérebro que gritava na minha cabeça para pronunciar a palavra AMOR.

— Isso é loucura, Mel! — Eduardo se afastou de mim. — Você não pode resolver as coisas sozinha assim e só me informar! E nem eu vou fazer tudo o que você mandar! — ele caminhou de volta em minha direção e segurou as minhas mãos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tu não chegou aqui me dizendo que queria seguir dois lemas em sua vida e um deles é viver um dia de cada vez? — apenas assenti com a cabeça. — Então... por que você não começa hoje...

Eduardo me puxou pelas mãos e enlaçou a minha cintura, aproximando nossos corpos de tal forma que nem uma pulga passaria por ali. Sem dar tempo para que qualquer um dos dois pensasse ou impedisse o que poderia acontecer, ele grudou nossas bocas com pressa, urgência. O beijo era uma mistura de “eu vou fazer você se arrepender por todos os dias da sua vida de pensar em me jogar nos braços de outra mulher” com “eu, com certeza, serei o melhor sexo da sua vida” e “será que tu não percebe que eu te amo, mas, principalmente, que você me ama?”.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eduardo — me afastei de sua boca procurando folego. — A gente não...

— Cala a boca, Melina! Pelo menos uma vez eu não vou deixar você estragar tudo... — ele calou minha boca com a dele novamente me fazendo ter as mesmas sensações de antes, só que com um tempero a mais de “eu vou explodir se ele não me comer agora”

— Vamos pra sua casa — disse ao seu ouvido, enquanto ele beijava meu pescoço e eu tentava recuperar o ar.

— Não, Mel... — Eduardo sorriu, cheirando o meu pescoço... — um dia de cada vez, lembra? E estamos começando isso hoje...

— Então... — disse me afastando dele. — Se vamos viver um dia de cada vez, não podemos deixar para amanhã o que podemos fazer hoje! —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

afirmei e comecei a virar o corpo para sair caminhando em direção à sua casa. Eram meses na seca e a possibilidade de sexo me fez perder completamente a razão.

— Mel! — Eduardo me puxou pela mão, fazendo com que eu me virasse novamente para ele. — Eu não vou transar com você hoje. Eu sei que se fizermos isso, amanhã você vai voltar com essa ideia maluca de que a Zenaide e eu estamos predestinados e você é o nossa cupido — ele riu da piada que fez. Eu não. Não havia mais pensado em Zenaide desde que Eduardo resolveu me prometer ver estrelas com seu beijo.

— Você tem razão — disse me afastando novamente. — Eu acredito realmente nisso que você falou. — Eduardo ergueu a sobrancelha. — Nessa história, eu quero ser só o cupido. E não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

amante... Eu nem sei onde eu estava com a cabeça quando a gente se beijou...

— Mel...

— É sério, Eduardo. A gente só pode ser amigo.

— Eu não vou namorar a Zenaide porque você está me dando um fora. Esquece isso.

— Mas eu também não vou namorar alguém que a pessoa mais generosa que eu conheci ama.

— Mel... isso é loucura...

— Pode ser que seja, Eduardo.

Saí caminhando em direção à minha casa. Vi quando Eduardo sentou no mesmo banco em que estávamos antes e ficou observando eu me afastar. Fiquei imaginando que se ele apenas levantasse e fizesse menção de vir atrás de mim, eu me atiraria em seus braços e diria que o amava, mas ele não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fez isso. E eu também não falei. Um dia de cada vez, era isso que eu queria, né?! Então, seria assim.

PERIGOSAS ACHERON

34

Nota mental: O trabalho realmente dignifica o homem. E pode ser um ótimo remédio pra ele esquecer os problemas

Provavelmente, a melhor coisa de voltar para casa — além de ver meus pais e o Eduardo — foi voltar pro trabalho. Quando apareci na segunda pela manhã, bem cedo, na agência, seu Jorge deu um pulo da cadeira e me abraçou!

— Nossa, menina! Nunca achei que sentiria tanta saudade de um guia. — Ele me deu um beijo na bochecha, afetuoso e babado. — Eu espero que você tenha descansado bastante em Rio da Mata —

PERIGOSAS NACIONAIS

ele riu. — Também, é a única coisa que tem pra fazer lá — seu Jorge soltou uma gargalhada. — Desculpe! — ele se ajeitou enquanto me afastava e se organizava. — Mas sua agenda está lotada de grupos pelos próximos quinze dias. Inclusive, 4 grupos foram remarcados da semana passada para essa, só porque você não estava!

— Como assim? — fiquei surpresa. Eu realmente estava indo bem no trabalho e alguns professores e pesquisadores diziam que queriam sempre participar dos meus grupos... mas não a esse ponto.

— Sim, inclusive, sua escala está dobrada nas próximas duas semanas. E alguns grupos são tão grandes que escalei o Leo pra te auxiliar.

— Isso mesmo! — ouvi Leo falando atrás de mim. — Vai ficar grudada em mim nas próximas

PERIGOSAS ACHERON

duas semanas!

— Leo! — eu me virei e abracei meu amigo.
— Saudades que eu estava de ti.

— Não tanto quanto do Eduardo, né, biscate?
Me conta esse babado de que o Diego viu vocês na praça ontem e me disse que foi o beijo mais cinematográfico que ele já viu ao vivo... — Leo bateu palminhas.

— Então... — Seu Jorge pigarreou —, espero que vocês deixem as fofocas para depois do grupo e sejam profissionais. — Acho que nossos turistas não estão interessados exatamente na vida amorosa da dona Melina. — O velho ajeitou os óculos e voltou para trás de sua mesa, entregando-nos as planilhas de grupos, visitas e horários.

Olhei estarecida para aquilo. Não era possível que todas aquelas pessoas queriam fazer

PERIGOSAS NACIONAIS

seus passeios comigo. Logo eu, que não entendia o que elas tanto enxergavam naquelas pedras. Eu, que nunca tinha pensando em trabalhar até ser deixada no altar. Eles me queriam e aquilo me deixava muito motivada.

Procurei nas listas que recebi o nome de Eduardo. Em nenhuma delas. Um dia de cada vez, pensei. Só que se passaram 15 dias, 30 dias, o trabalho me consumindo, minha energia toda voltada pra melhorar as minhas excursões e ser melhor ainda.

Eu saía com meus amigos, íamos a festas, happy hours e estávamos sempre pela praça da cidade, mas Eduardo tomou chá de sumiço. Nem de longe eu o via andando pelas ruas. E quanto mais ele ficava longe, melhor eu achava que havia sido.

Logo Zenaide estaria comigo em Correa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cerqueira, e, talvez, a minha ideia sobre os sinais do Universo estivessem certas. O sumiço de Eduardo era apenas mais um, indicando que a gente realmente deveria se afastar.

Ninguém entendia muito bem por que eu estava fazendo aquilo. Meus amigos achavam estranho quando eu dizia que eu realmente gostava do Eduardo, mas queria que ele ficasse com uma outra mulher, com quem eu havia convivido apenas uma semana.

Até papai, que sempre foi bem altruísta não conseguia entender. No entanto, nunca algo havia feito tanto sentido em minha vida. E acho que foi justamente quando comecei a perceber que pela primeira na minha vida eu estava focada em mim, mas, ao mesmo tempo, fazendo algo pelas outras pessoas que eu entendi, finalmente, que eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

precisava me enxergar, realmente cuidar de mim, do que eu queria, do que eu sentia, pra só assim poder cuidar dos outros também.

Isso era felicidade. E eu não precisava de ninguém servindo de muleta para fazer isso. Eu estava me bastando e chegar àquela conclusão, no dia do meu aniversário, me parecia um ótimo presságio.

— Acho que eu finalmente estou pronta para conhecer alguém, Leo — disse enquanto olhava para o nada, esperando o próximo grupo que chegaria, cuja lista, por algum motivo incompreensível, seu Jorge havia perdido.

— Como assim? — Leo me encarou.

— Acho que eu entendi que eu precisava gostar de mim antes de gostar de alguém. E, pra isso, eu tinha que me descobrir. Ainda não me

PERIGOSAS ACHERON

conheci por inteira e acho que isso leva muito tempo, mas aprendi a ser feliz comigo, com meus amigos, meu trabalho, minha família... Agora, alguém pode chegar junto e aumentar essa possibilidade...

— Nossa, Mel! Que lindo, amiga! — Leo me abraçou. — Acho que você tem toda razão — ele parou por um minuto e me encarou. — Por que você não procura o Eduardo e conversa com ele.

— Porque antes preciso conversar com o Bruno — pensei um pouco. — Talvez seja hora de colocar alguns pontos finais de fato.

— Como assim? — Leo parecia curioso. — O que você está pensando?

Sorri para ele e avistei o grupo chegando. Apenas apontei e fiz um gesto de que não podia fazer nada. Leo fez uma cara de indignação e

gesticulou espalhafatosamente, tentando dizer que eu pagaria por aquilo. Ri, mas logo comecei a chorar quando vi que o grupo surpresa eram os amigos que fiz em Rio da Mata. Zenaide e Janete foram as primeiras a descer do ônibus.

— O que vocês fazem aqui?! — Corri para abraçá-las.

— Ué! Nos convidaram para uma festa de aniversário. — Janete pareceu confusa.

— Festa?! — olhei para ela e depois para o Leo, que se dobrava de rir da minha cara de espanto.

— É. Uma festa. Que parece que era surpresa e você estragou, Janete! — disse Zenaide batendo em seu braço.

— Não estragou nada! — Leo disse se aproximando. — Isso era parte da surpresa! Ele

PERIGOSAS NACIONAIS

apontou para a outra direção da praça e vi nossos amigos e meus pais caminhando em nossa direção — Feliz aniversário, Mel! — deu um beijo em minha bochecha. — Agora, pessoal — ele aumentou o tom de voz fazendo com que todos prestassem atenção nele. — Por favor, entrem no ônibus e se acomodem. Meu nome é Leonardo e eu serei o guia de vocês nessa excursão de aniversário!

— De quem foi essa ideia? — perguntei à Fernanda assim que me abraçou. Ela riu e não respondeu.

Devia ser de todos eles. Mas quem se importava? Eu estava ganhando uma excursão surpresa de aniversário e quase todo mundo que eu amava e era importante em minha vida estava ali. Faltava apenas o Eduardo.

— Então, empolgada pra vir pra capital em

PERIGOSAS ACHERON

breve? — perguntei à Zenaide no trajeto de volta, depois de passarmos o dia num churrasco agradável à beira de um córrego na gruta dos amores.

— Pois é... — Zenaide se ajeitou na poltrona do ônibus. — A gente precisa conversar sobre isso.

— Ah, não, Zenaide! A gente tinha combinado e eu...

— É por um ótimo motivo, Mel! — Janete virou-se de seu assento para participar da conversa. — Conta pra ela, Ze!

— No dia em que você foi embora, eu conheci o Hélio. Ele foi pra lá passar a semana, pesquisando algumas mudanças do clima da região. Nós nos apaixonamos, Mel. E eu vou ir morar com ele na capital. Não vou deixar de estudar e fazer o que eu quero da minha vida. Só não virei para cá. — Zenaide tinha um sorriso que transpassava tanta

PERIGOSAS NACIONAIS

felicidade que fiquei em êxtase por ela.

— Mas espera — de repente algo me ocorreu. — E o Eduardo?

— Ah, Mel! Isso faz tanto tempo... e acho que nunca gostei mesmo dele. Foi apenas o único menino que me deu atenção antes.

Parecia que o Universo estava me dando um outro sinal. E agora ele dizia exatamente o contrário do anterior.

Que merda! Será que eu estava totalmente errada sobre as minhas certezas?

PERIGOSAS ACHERON

35

Nota mental: Não tente interpretar os sinais do Universo se você não é capaz de enxergar um palmo à sua frente.

Eu nunca fui muito boa em perceber quando as pessoas escondiam algo de mim, né?! Nem preciso explicar muito, bastava pensar no tempo em que fiquei com o Bruno deixando que ele me enrolasse e me traísse com todas as meninas possíveis dessa cidade que quiseram ficar com ele. Enfim, mas eu tinha certeza de que o Leo — e meus amigos, meus pais e até mesmo meu chefe — estava me escondendo algo. Meio “teoria da

conspiração”, eu sei.

Entretanto, sabe quando você tem certeza de que todos estão mentindo? Eu tinha essa certeza. Eu só não entedia o porquê, já que a excursão surpresa de aniversário havia sido um sucesso.

— Mas, afinal, eu quero saber — disse enquanto todos se despediam na praça da cidade, já de noite, na volta do dia mais maravilhoso de aniversário que eu já tinha passado na vida. — De quem foi essa ideia genial?

Foi um tal de “levanta dedo, abaixa dedo”, desculpas esfarrapadas e uma enrolação, que a minha certeza apenas se confirmou. Eles estavam mentindo pra mim.

— Por que todo mundo tá me mentindo? Afinal, quem teve essa ideia?

— Eu acho que você sabe... — Leo disse

baixinho e me deu um beijo na testa.

Apenas sorri para meus amigos e saí correndo, pegando o lado oposto da praça. Não o que me levaria para minha casa. Corri tanto que comecei a sentir o suor a escorrer pelas minhas costas. Parecia muito “anti” romântico fazer uma declaração de amor suada, mas eu não podia mais perder tempo. Enquanto corria, criei em minha cabeça um filme. O portão do prédio fechado, eu gritando, chorando e fazendo escândalo para que ele abrisse a porta. Imaginei os vizinhos chamando a polícia. Ou então ele poderia não estar em casa. Nesse caso, eu sentaria e esperaria até que ele voltasse. Imaginei Eduardo dizendo que não me amava mais ou que estava com outra pessoa, mas nada me preparou para o que realmente aconteceu.

Quando cheguei à porta do prédio de

Eduardo, um vizinho estava saindo e segurou a porta, facilitando a minha entrada. No elevador, o espelho permitiu que eu ficasse um pouco mais apresentável. E Eduardo abriu a porta no primeiro toque da campainha.

Fiquei encarando Eduardo, que me olhava surpreso.

— Mel?! — ele ergueu apenas a sobrancelha direita e fechou o rosto como um dia nublado. — O que você está fazendo aqui?

— Eu... — por que nas horas que a gente mais precisa raciocinar rápido ficamos lentos? — Eu... — Que merda! O que eu estava fazendo ali? — Eu não sei.

— Por que você veio aqui, Mel? E por que parece que está saindo de uma maratona? — Eduardo começou a rir. Pelo visto, o espelho do

PERIGOSAS NACIONAIS

elevador não havia me ajudado tanto quanto eu imaginei.

— Eu vim correndo da praça... tentei me ajeitar no elevador, mas pelo visto não deu certo também... — dei um sorriso amarelo e abaixei o rosto.

— E você veio correndo até minha casa por quê? O que você quer, Mel? — Eduardo fez um carinho em minha bochecha e levantou meu rosto fazendo com que nossos olhos se encontrassem.

— Eu vim...

Em minha imaginação, no nosso encontro, não havia diálogo. Eu apenas ia me atirar nos braços do Eduardo e terminaria com nós exaustos na cama dele e eu finalmente saindo da seca.

— Eu vim fazer isso... — Dei dois passos pra frente, enlacei o pescoço de Eduardo e fiquei na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ponta dos pés. — Porque eu não aguento mais negar que a única coisa que eu penso e quero é estar contigo — falei com a boca colada na dele. — E eu quero parar de imaginar o fim dessa história e ler sinais do Universo que só me confundem. — Grudei nossos lábios de forma delicada, mas foi só eu sentir que Eduardo estava também correspondendo, que enfiei minha língua em sua boca, procurando sua língua e iniciando uma dança extremamente excitante.

— Mel...

— Cala a boca, Eduardo! Só vamos deixar rolar... Eu não aguento mais imaginar como seria... — peguei uma de suas mãos e levei até o meio de minhas pernas, fazendo-o sentir o que me ardia por dentro. — E isso foi só de lembrar de quando nos imagino juntos — sussurrei ao seu

PERIGOSAS ACHERON

ouvido.

Eduardo buscou meus lábios com urgência, uma de suas mãos correram pra minha nuca, enquanto a outra, ainda entre minhas pernas, começou a fazer movimentos circulares. A mão que estava na nuca foi descendo pelo meu corpo, segurando-me com força, enquanto a outra acelerava os movimentos. As bocas grudadas.

Minhas pernas começaram a amolecer, meu corpo inteiro reagia ao toque de Eduardo e, quando achei que ia cair, ele me girou, prensando-me contra a parede e fazendo com que eu montasse em sua cintura.

— O que você quer, Mel?! — ele sussurrou enquanto mordida minha orelha.

— Quero você... — a boca de Eduardo agora sugava meu mamilo direito — dentro de mim...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tem certeza? — Eduardo afastou um pouco nossos corpos para que nossos olhos se encontrassem. — Tem certeza de que é isso que você quer, Mel? Que sou eu que você quer?

— Claro que é você que eu quero! Você não me quer também?

— Desde os seis anos de idade. — Eduardo aproximou a boca da minha. — E achei que isso seria sempre um sonho — seus lábios encostaram nos meus de forma terna. — Eu só queria que você também tivesse... — Então, o beijo tomou ritmo novamente e, antes que eu pudesse pensar, Eduardo me carregava para o seu quarto.

Fomos deitando lentamente, ainda com as nossas roupas. O peso do corpo dele sobre o meu, enquanto nos beijávamos e nos tocávamos, só me deixava mais excitada. Eu tinha pressa, só pra

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

variar, e ele parecia curtir cada toque.

PERIGOSAS ACHERON

36

Nota mental: A gente nunca pode dizer que gosta de sorvete de baunilha até provar o de chocolate.

Meus olhos perceberam a claridade, mas meu corpo dizia que eu não era capaz de me levantar da cama. Lentamente, meu cérebro começou a processar por que meu corpo dizia que eu não era capaz de levantar da cama. As lembranças me fizeram sorrir e abrir os olhos. Eduardo me observava, deitado de lado, com um sorriso também no rosto. Suas mãos, unidas embaixo da cabeça, o cabelo bagunçado e os olhos inchados de

PERIGOSAS NACIONAIS

quem acabou de acordar, estranhamente, deixavam-no muito sexy.

— Bom dia, senhor nerd gostoso —
aproximei meu rosto e dei um selinho nele. —
Dormiu bem?

— Acho que foi a melhor noite de sono da minha vida... — ele sorriu e afastou uma mecha de cabelo dos meus olhos. — Também, depois da maratona de ontem a gente só podia dormir mais de dez horas... — ele riu.

— Como assim? Que horas são? — saltei da cama, procurando pelo meu celular ou algum relógio.

— São duas e meia da tarde. Mas Mel...

— Puta que pariu, Eduardo! — interrompi.
— Eu deveria ter ido trabalhar às dez!

— Calma, Mel! Eu...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Calma nada! — interrompi ele novamente.
— Eu não sou uma pessoa irresponsável de sumir assim e nem...

— Porra, Melina! Será que dá pra calar a boca e me escutar? — Eduardo gritou.

— Você está gritando comigo? — a pergunta era retórica. — Quem você pensa que é pra gritar comigo? Acha que porque tivemos uma noite “meia boca” já pode gritar comigo? — Comecei a juntar minhas roupas pelo quarto. — Eu sabia que essa merda nunca daria certo... não sei por que eu insisto tanto em pensar que a gente pode...

— Mel... — Eduardo falou baixinho. — Nossa noite foi “meia boca”?

— Fala sério, Eduardo!

A noite havia sido maravilhosa. A melhor da minha vida. Eu nem sabia que era possível ter

PERIGOSAS ACHERON

tantos orgasmos em um noite, muito menos que um cara poderia demorar tanto pra gozar e levar menos de dez minutos para estar em posição de sentido novamente.

— Você não vai nem pedir desculpas?

— Mel, me deixa explicar... Você não me escuta e nem deixa eu falar...

— Explicar o quê? — sentei na cama para calçar os sapatos e olhei para ele. Poderia jurar que Eduardo estava prestes a chorar. — O porquê de você estar gritando comigo e me mandando calar a boca? — eu estava pegando pesado, mas eu não ia ser de novo trouxa em um relacionamento.

— Também... — ele passou as mãos no cabelo. — Mas queria explicar que eu havia acordado cedo e avisado o Leo, que disse que não teria problema algum você tirar o dia de folga que

ele te cobria.

— Quer dizer que agora você toma decisões por mim? Decide quando eu vou tirar folga ou não? Eduardo, nós só transamos! — eu realmente estava braba, mesmo achando a atitude fofa.

— Só transamos? Noite “meia boca”?

Ele levantou da cama completamente nu. Precisei me concentrar para não esquecer por que estávamos brigando e voltar a ter orgasmos com ele.

— Quer saber, Melina? Tchau! Pode ir embora! Eu não vou ficar me humilhando e correndo atrás de você. — Ele encontrou a cueca no chão e a vestiu, acabando com a minha distração. — Você é metida, mimada e nunca está feliz com nada. — Ele então parou em minha frente e me encarou. — Na verdade, eu acho que, no

PERIGOSAS NACIONAIS

fundo, você está com tanto medo de ser feliz e viver, que fica sempre criando problemas onde não existem. Eu não tenho mais saco pra você!

— Você está me mandando embora? —
Levantei da cama e fiquei de pé na sua frente.

— Estou. — ele me encarou.

Ficamos parados nos encarando por alguns segundos. Eduardo poderia ter razão. Talvez ele realmente tivesse. Eu tive a melhor noite da minha vida, acordei com um homem maravilhoso e que realmente me ama e já deu milhares de provas disso, olhando-me apaixonadamente. O cara tinha tido a preocupação de ligar pra um colega meu e perguntar se eu poderia faltar pra não me acordar porque fomos dormir depois das quatro da manhã e, em vez de aproveitar tudo isso, eu estava gritando e brigando com ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eduardo... — dei um passo à frente —, a gente...

— Não! — ele deu um passo para trás. — Não tem a gente, foi só uma transa “meia boca”.

— Eu não disse...

— Sim, você disse, Mel. — Ele baixou os olhos. — Acho que está na hora de você ir.

— Eu sei que eu errei, desculpa. A noite não foi “meia boca” — dei um passo em sua direção e segurei suas mãos —, foi maravilhosa. A melhor noite da minha vida, e acordar hoje com você foi melhor ainda. — Ele me encarou novamente. — Talvez você tenha razão e eu estou me boicotando...

— Mel — Eduardo recuou novamente, fazendo com que nossas mãos se soltassem. — Você tem razão, nós nunca daremos certo. — Ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

virou as costas e foi caminhando em direção à porta do banheiro. — É só bater a porta quando sair.

— Eduardo — chamei chorando. — Se eu sair por aquela porta assim, eu nunca mais vou voltar...

— Melhor assim... — ele nem olhou para mim.

Quando ouvi a porta do banheiro se fechar, sentei-me na cama e deixei o pranto tomar conta. Eu não podia acreditar que mais uma vez eu tinha começado uma briga com Eduardo. Mais um vez, eu não o deixei falar. Não escutei.

Só que agora, por algum motivo que eu não sabia explicar, meu sexto sentido dizia que realmente não havia mais volta. E logo agora que finalmente eu havia saído da seca com um cara que me fez ver todas as constelações do universo e por

PERIGOSAS ACHERON

quem eu estava apaixonada.

Sim, eu amava o Eduardo e já tinha um tempo. Eu só não era capaz de admitir pra mim mesma ou pra qualquer pessoa. O que eu deveria fazer? Pensei em tirar a roupa e esperá-lo pelada na cama, mas pareceria muito apelativo e só sexual. Pensei em ficar de joelhos e implorar mais uma chance, mas pareceu muito humilhante. O que eu poderia fazer?

Ouvi o barulho do chuveiro sendo desligado. Eduardo sairia logo do banheiro. Eu precisava pensar em algo, fazer algo... Mas que merda! Ele precisava também ser tão radical? Dizem que sexo de reconciliação é o melhor que existe. A gente não podia ter ido pra esse lado da briga.

Levantei-me da cama e saí correndo, antes que ele saísse do banheiro. Quando coloquei os pés

PERIGOSAS NACIONAIS

no corredor, fiquei olhando para porta, antes de fechá-la. O que eu deveria fazer? Ir embora ou ficar? Por que eu não conseguia fazer nada certo?

A porta então foi puxada com força e eu acabei caindo para dentro do apartamento novamente, bem aos pés do Eduardo, de cujo cabelo ainda pingavam algumas gotas de água. Ele estava enrolado em uma toalha verde abacate.

— Mel?! — ele estendeu a mão para me ajudar a levantar. Recusei.

— Desculpa, eu já estava de saída... — levantei do chão e fui andando pelo corredor em direção ao elevador.

— Espera! Você se machucou? — ele perguntou.

— Machuquei — abri a porta do elevador que, por sorte, estava parado no andar, evitando que

PERIGOSAS ACHERON

eu me sentisse mais humilhada do que já estava. —
Machuquei meu coração, mas a culpa é minha que
sou desastrada. Sinto muito. — Entrei no elevador
e fechei a porta.

— Mel! — escutei-o gritar, mas era tarde, o
elevador já estava em movimento. E eu, convencida
de como ia me encontrar na vida.

Nota mental: Um dia a gente aprende que a felicidade não está no outro, e sim em nós mesmos.

Se um dia alguém me dissesse que eu não iria casar com o Bruno, nem teria um final de contos de fada com ele, eu riria da cara da pessoa. Se me contassem então que eu descobriria que o amor da minha nunca foi o Bruno e que o deixaria sair da minha vida por opção, eu diria que essa pessoa estava totalmente louca.

Mas sabe, ela teria toda a razão. Depois de toda aquela história com Eduardo, eu decidi que realmente precisava dar um tempo. Não uma

PERIGOSAS NACIONAIS

semana sabática como tinha tirado em Rio da Mata, mas um tempo mesmo. Conversei com meus pais, com o seu Jorge e fui para a capital fazer um curso de “pós”.

Fiquei seis meses morando sozinha, cuidando de mim mesma e estudando. Quando tomei a decisão, eu só queria não correr o risco de encontrar Eduardo novamente na minha frente e não sofrer com a sua rejeição, mas acabei me encontrando na vida.

Fiz amigos, saí muitas vezes e me diverti, sem precisar caçar alguém. Meu coração não esquecia Eduardo. No primeiro mês, eu pensei, todos os dias, em voltar para casa e implorar que ele me desse mais uma chance, mas meu orgulho não deixou. Eu precisava aprender a gostar de mim, antes de gostar de alguém.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cortei os cabelos bem curtos, estilo “masculino fashion”. Mudei o tipo de roupa que eu usava, passei a curtir a minha companhia e os momentos em que ficava em total silêncio em casa, lendo, estudando ou não fazendo nada. Aprendi a ir ao cinema sozinha e a sair pra jantar também.

E quanto mais eu aprendia a me curtir, mais eu sentia saudades do Eduardo e mais eu tinha certeza de que eu nunca teria outra chance. Desde o dia em que saí de sua casa, ele não me procurou nenhuma vez. Eu também não. Não queria forçar a barra. Ele tinha me mandado embora da sua vida, com razão, eu sei. Eu não podia fazer mais nada.

Às vezes, os dias passavam se arrastando e eu só chorava. Em outras, eles voavam e eu só sorria. Descobri que dias ruins vêm antes de dias bons e assim sucessivamente. A vida era assim: não existia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o “feliz para sempre”, existia o “feliz sozinho ou com alguém”. E a felicidade não é contínua. É intercalada com outros tantos sentimentos que temos.

Experimentei coisas diversas: musculação, yoga, boxe, dança do ventre, meditação... Fiz aulas de canto, de violão e fotografia. Estudei melhor as pedras. Passei a amá-las. Desisti de todos os esportes. Comecei a nadar. Fiz aulas de automaquiagem, de costura, tricô e origami.

Fui à missa, ao culto, à sessão espírita e ao terreiro. Fiz um curso de neurolinguística. Li vários livros de autoajuda. Muitos romances, mas gostei mesmo dos livros de suspense. Estranhamente, ou ironicamente, o livro que mais gostei chamava-se “O casamento”, de Vitor Bonini, e falava sobre um assassinato que acontece antes da cerimônia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Foram seis meses em que experimentei todo o tipo de comida — até saúva assada e rã grelhada — e de substâncias entorpecentes. Dancei todos os ritmos, escutei todas as músicas da moda e as antigas.

Cuidei de mim. Fiz massagens relaxantes e me conheci melhor.

Contudo, a verdade era que eu estava louca para voltar para casa, para o meu trabalho e, principalmente, para os meus amigos. Eu falava com eles semanalmente por videoconferência — e com os meus pais também —, só que nada se comparava ao abraço e a risada de perto.

Por isso, mal cheguei à Correa Cerqueira, entrei em casa, dei um beijo nos meus pais, larguei as malas, retoquei a maquiagem e saí de novo. Não sem antes escutar algumas piadinhas da mamãe e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

do papai.

— Viu só? — mamãe falou para o papai. — Agora é assim, só porque resolveu ser independente e disse que não vai mais morar com a gente, nem fala direito conosco — ela fingiu que ia chorar. — Vai ver que quando se mudar de vez, nem nos visitar vai.

— Ah, mamãe — fui abraçá-la. — Para de fazer drama! Vocês sabem que amo vocês! — papai riu enquanto mamãe fazia beicinho. — Só que o pessoal está me esperando e eu...

— Vai de uma vez, Melina! Deixa tua mãe aí, ela só está carente, porque ainda não aceitou a ideia de que tu vais morar em uma outra casa. — Papai se levantou do sofá e veio até nós. — Mas eu estou muito orgulhoso de ti! — ele beijou a minha testa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu também estou... — mamãe disse, agora chorando de verdade. — E eu sei que você está certa de querer a sua casa, sua vida... mas eu vou sentir saudade.

Saí depois de prometer a eles que no dia seguinte eu ficaria em casa, contando das coisas da capital e de tudo que fiz e conheci.

Desde que decidi voltar, eu avisei meus pais de que moraria sozinha. Leo tinha até reservado um quarto e sala para mim em seu prédio. Meu apartamento na capital não era muito maior que isso e era perfeito, só para mim. Se eu tinha uma certeza era de que eu ia focar na vida profissional e em mim mesma. Se um dia tivesse que pintar um amor, pintaria. Senão, no fim da vida eu queria poder dizer que Seu Jorge estava certo: eu tinha sorte pros negócios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando entrei no Pub da Pedreira, logo identifiquei a mesa onde meus amigos estavam. Era a mais animada do lugar, com drinks coloridos sendo consumidos e muitas risadas. A noite era de videokê e, na hora em que entrei, havia um cara, muito bêbado, cantando uma clássica da dor de corno. o homem gritava desafinado “Pensa em mim, chore por mim, liga pra mim. não, não liga pra ele. Não chore por ele”, como se sua amada pudesse ser tocada pelo que ele achava ser uma cantoria.

— Mel?! — ouvi a voz de Eduardo surpreso.

— Oi! — disse me virando.

— Eu não sabia que você tinha voltado. —

Ele segurava dois copos na mão.

— Acabei de chegar — sorri meio sem jeito.

— Não te preocupa, vou ficar longe de ti.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mel, eu não...

— Meeeeeeeeellll!!! — Leo, Fernanda e Diego gritaram em coro assim que me viram.

— Espero que você esteja feliz! — afirmei, dando um beijo na bochecha de Eduardo e seguindo para a mesa dos meus amigos.

PERIGOSAS ACHERON

38

Nota mental: Nem tudo que reluz é ouro, nem tudo que balança cai. Nem sempre tem um tesouro por onde a gente vai.

Eu sabia que corria o risco de uma hora ou outra dar de cara com Eduardo pela cidade. Eu só não estava preparada para que fosse logo nas primeiras horas e nem o vendo com duas bebidas.

Obviamente, ele estava acompanhado. E ok, eu já havia aceitado que nunca mais rolaria nada entre nós, mas saber que ele estava tocando a vida e que tinha alguém, doeu. Na hora pensei em virar a bebida nele ou fazer uma cena, mas isso era o que a

“antiga Mel” faria. A “nova”, apenas engoliu a dor e foi se divertir com os amigos.

Ficamos umas duas horas só conversando. Apesar de nos falarmos semanalmente e estarmos todos atualizados um da vida dos outros, ainda assim tínhamos assunto.

— Mas então, Mel... — Victor perguntou. — Agora que fez aulas de canto, vai se arriscar no microfone ou só porque voltou da capital não quer mais cantar com os caipiras? — Todos riram.

— Eu canto sim! Mas vou escolher uma bem brega... — ri.

— Não, não! Se você vai cantar, gata, quem vai escolher a música somos nós. — Leo interveio batendo palminhas. — Me passa esse catálogo, Re!

Depois de uns quinze minutos procurando a música perfeita, Leo finalmente anotou no papel e

entregou em meu nome pra atendente.

— Como eu vou me preparar se não sei a música? — protestei.

— No improvisado é mais gostoso. — Diego riu.

Não demorou muito até que o homem que anunciava os cantores chamasse meu nome. Subi no palco confiante. Posicionei-me junto ao microfone em frente ao telão. A primeira pessoa que enxerguei foi Eduardo. E ele realmente estava rindo, muito animado, conversando com uma mulher que eu conhecia de algum lugar.

— Melina Batista vai cantar “Medo Bobo”, de Maiara e Maraisa. — Puta que pariu! Ia matar o Leo.

Na mesma hora em que o locutor pronunciou o meu nome pela segunda vez, anunciando a

PERIGOSAS NACIONAIS

música que eu iria cantar, Eduardo me enxergou no palco e não mais desgrudou os olhos. Sua acompanhante também. Eu a conhecia, só não conseguia me lembrar de onde.

Eu conhecia aquela letra de cor. Ouvi várias vezes pensando no Eduardo e torcendo que ele me ligasse, mas ele nunca ligou.

— Boa noite a todos! Quero deixar claro que não fui eu quem escolhi a música, apesar de a ter cantado muito há alguns meses, na maior fossa da minha vida — olhei pro Eduardo —, mas no meu caso, ele nunca ligou. — A plateia fez um “ohhhh” de pena. — Não tem problema, não, gente... Eu segui em frente e estou feliz. — Sorri pra todos.

A música começou a tocar. Eu tinha uma escolha a fazer e, mesmo vendo Eduardo com outra mulher, resolvi cantar para ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ah, esse tom de voz eu reconheço
Mistura de medo e desejo
Tô aplaudindo a sua coragem de me ligar

Eu pensei que só tava alimentando
Uma loucura da minha cabeça
Mas quando ouvi sua voz, respirei aliviado

Tanto amor guardado tanto tempo
A gente se prendendo à toa
Por conta de outra pessoa
Só dá pra saber se acontecer

Os olhos de Eduardo não desgrudavam dos meus. Eu esqueci completamente que tinham outras pessoas ali. Eu queria que ele soubesse. Soubesse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu sabia que ele era o amor da minha vida e
que sempre seria. E eu sabia que eu sempre seria o
dele. Mesmo que a gente não ficasse junto.

É, e na hora que eu te beijei
Foi melhor do que eu imaginei
Se eu soubesse tinha feito antes
No fundo sempre fomos bons amantes

E na hora que eu te beijei
Foi melhor do que eu imaginei
Se eu soubesse tinha feito antes
No fundo sempre fomos bons amantes
No fundo sempre fomos bons amantes
É o fim daquele medo bobo

Tanto amor guardado tanto tempo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A gente se prendendo à toa
Por conta de outra pessoa
Só dá pra saber se acontecer

A música estava chegando ao fim. Eduardo fez menção de se levantar da mesa, e a sua acompanhante segurou sua mão. Discutiram alguma coisa e Eduardo veio caminhando em direção ao palco. Então, eu vi a mulher novamente, era ela, a única menina que tentou ser minha amiga e me alertar quando eu namorava o Bruno: Josi.

É, e na hora que eu te beijei
Foi melhor do que eu imaginei
Se eu soubesse tinha feito antes
No fundo sempre fomos bons amantes

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E na hora que eu te beijei
Foi melhor do que eu imaginei
Se eu soubesse tinha feito antes
No fundo sempre fomos bons amantes
No fundo sempre fomos bons amantes
É o fim daquele medo bobo
É o fim daquele medo bobo

PERIGOSAS ACHERON

39

Nota mental: Por mais que você ache que aprendeu a lição, você sempre tem o que aprender.

— Mel, a gente pode conversar? — Eduardo disse assim que desci do palco, segurando meu braço.

— Eduardo, você está com a Josi e você não sabe o quanto eu me arrependo de ter sido escrota quando ela só estava tentando me ajudar na época da escola. — Sorri para ele. — Vocês estavam bem antes de eu chegar e vão continuar assim, eu prometo.

— A Josi é minha...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não precisa dizer... — interrompi. — Está tudo bem. — Soltei meu braço de sua mão.

— Você nunca vai me ouvir, né?! — ele saiu caminhando em direção à sua mesa.

Mais uns quatro drinks depois e muitos murmúrios sobre como o Universo jogava na minha cara que ele nunca seria meu, o mundo começou a girar um pouco. Antes que eu ficasse realmente mal, resolvi ir até o banheiro me refrescar.

Eu molhava a nunca, tentando me livrar da sensação de tontura, quando a porta abriu. Não olhei quem entrava, continuei concentrada na tarefa de melhorar o meu estado físico. A porta reservada do vaso sanitário abriu e fechou. Barulho de xixi saindo. Descarga... a porta se abre novamente e bate. Eu seguia na mesma posição.

— Você está bem? — a moça me perguntou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou sim. Só estou me refrescando — falei fechando a pia e pegando o papel toalha para me secar. — Bebi drinks demais — ri.

— Mas cantou muito bem, Mel! — a voz dela era familiar e soou doce. Levantei a cabeça rapidamente.

— Josi?! — Eu não sabia se abraçava ou matinha distância.

— Achei que não se lembraria de mim... — ela sorriu e se aproximou para um abraço.

— Claro que lembro! — apertei-a mais em meus braços. — Eu te mandei uma mensagem um tempo atrás, sabe — nos soltamos —, pedindo desculpas pelo jeito que te tratei quando...

— Nossa, Mel! Esquece ... Éramos crianças... — ela riu. — E eu não entro nas redes sociais nunca, nem sei por que ainda mantenho

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

essas coisas... — A risada dela era gostosa e leve.
— Mas por que não pediu meu telefone pro Dudu?
Sei que vocês andaram tentando um lance e...

— Josi! — interrompi. — Pode ficar
tranquila, não tem mais nada entre nós e, depois, eu
nunca...

A porta do banheiro foi aberta rapidamente,
interrompendo meu discurso de que jamais seria
“fura olho” e que eu estava bem sem ele e tal,
revelando Fernanda e Renata, muito alcoolizadas,
gritando.

— Meeelll, corre... você tem que ver isso...
— Elas me pegaram pelo braço e foram me
arrastando para o salão. Vi Josi rindo atrás de mim
e nos seguindo.

Não demorou muito para eu entender que o
que eu precisava ver: era Eduardo no palco. Ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estava um pouco cego com a luz dos holofotes. Procurava por alguma coisa na plateia. Eu queria que fosse eu, mas sabia que era a Josi. Fui caminhando na direção contrária dos holofotes para que ele pudesse nos enxergar. Quando me viu, puxei Josi e a coloquei na minha frente.

— Por que está fazendo isso? — ela protestou. Respondi com um sinal de silêncio e apontei para o palco.

— Boa noite a todos! A música que eu vou cantar é especialmente para uma pessoa que está aqui hoje. Essa música a descreve perfeitamente. Eu a conheço desde criança e sempre estivemos muito próximos, mas apenas há pouco tempo descobrimos que havia amor correspondido entre nós. — Ele parou por um instante. Respirou fundo. — O problema é que ela não me escuta e fala

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

demais. — A plateia começou a rir. — Vocês se importam se eu contar a minha triste história de amor?

— Nãooooooooo! — o coro de voz se fez ouvir entre risadas. — Conta! Conta! Conta! — gritavam acompanhando com palmas.

— Tudo bem... Eu nem queria! Vocês que estão insistindo — ele riu e as pessoas que assistiam, também. — Sabem, essa mulher, ela é fogo. Eita mulherzinha ruim! — algumas pessoas caíram na gargalhada. — Eu a conheço desde que tenho quatro anos e acho que sou apaixonado por ela desde os seis. Talvez tenha sido desde os quatro, mas eu lembro que, com seis, escrevi o primeiro cartão de dia dos namorados pra ela. — As mulheres da plateia fazem “ohhhh” e “vi” coraõezinhos “voando” pelo salão. — Mas eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nunca entreguei, porque..., né?! Ela nunca me notou.

— Ela não te merece!!! — alguém gritou da plateia. — Eu tô solteira aqui e adoro cartões de dia dos namorados! — todos riram.

— Calma! Eu ainda estou tentando aqui... se der errado, te procuro no fim da festa! — mais uma vez todos riram.

Eu nem sabia que o Eduardo tinha tanto senso de humor.

— Como eu estava contando, sempre fui apaixonado por ela e a livreii de várias enrascadas na escola, mas ela era apaixonada por outro. Um daqueles caras que parece perfeito, mas que, no fundo, é um babaca que só te usa.

Mais uma vez a manifestação feminina foi grande. Desde “tem vários” até vaias.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pois é, meninas... eu lamento, mas tem caras legais, como eu, por aí. Só que vocês não olham para eles. Pelo menos, ela nunca olhou para mim...

— E por que você ainda insiste, bebê? Eu cuido de você! — outra mulher gritou para ele.

Parecia que Eduardo estava conquistando uma lista de possibilidades para seguir em frente. O que não fazia sentido era que ele estava com a Josi e a história que narrava parecia a nossa.

— Porque eu a amo e sempre amei. E, mesmo que eu tenha outras pessoas, eu continuo amando... Mas deixem eu terminar, senão a noite de vocês vai acabar deprimente — ele respirou fundo mais uma vez. — Um dia, o príncipe dela virou sapo. E ela finalmente me notou. Primeiro me ofendeu várias vezes. Me chamou, de nerd, de feio

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— o público feminino interrompeu mais uma vez aos gritos de “ela é cega”. — Obrigado, meninas! De fedorento, dente torto, cego — ele ajeitou os óculos. — Aí, ela resolveu que me queria. E, depois, que não queria mais. Só que o problema é que ela nunca me escuta. Nunca me deixa falar. E isso me irrita tanto! — desabafou.

Eu comecei a rir. Eduardo tinha toda razão. Eu nunca o deixava falar. E, hoje, mais uma vez havia feito isso.

— Então, por isso, antes de cantar a música que acho que a descreve perfeitamente, eu preciso que ela escute algumas coisas e sei que, na frente de vocês, ela ficará com vergonha e não vai gritar comigo! — todos riram mais uma vez. — Mel, sobe aqui, por favor! A gente precisa conversar.

As pessoas na pista começaram a chamar e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

procurar pela “Mel”. Confesso que estava morrendo de vergonha, mas, ao mesmo tempo, achando tão fofo ele estar fazendo isso! Então, quando todos gritaram novamente o meu nome, eu levantei a mão.

Uma chuva de palmas ecoou e todo mundo me chamando de “sortuda”, dando conselhos pra não perder aquele homem, enquanto me levavam para o palco. Eu me posicionei ao lado dele, querendo cavar um túnel de fuga que, de preferência, realmente me levasse para o Japão.

— Finalmente, agora você vai me escutar, não é, Melina?! — ele riu. Sacudi a cabeça, afirmando que sim. — Só assim mesmo... Primeiro, eu preciso te dizer que a Josi é minha irmã. Eu não estou saindo com outra pessoa e nem saí enquanto você estava fora — informou e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

segurou a minha mão. — Eu realmente te amo desde os meus seis anos, e eu sei que não deveria ter te colocado pra fora naquele dia ou que eu devia ter te procurado. Todos os dias eu pensava nisso — deu um passo em minha direção —, inclusive, perguntava para o Leo sobre você. Ele me dava notícias e eu entendi que você precisava de um tempo. Fiquei na minha, esperando o momento em que estivesse de volta, para finalmente conversarmos e ficarmos juntos... Mas você voltou e ainda não aprendeu a me escutar...

— Eduardo... — interrompi sua fala e ele colocou a mão sobre o meu lábio.

— Dessa vez, você só vai ouvir... — ele sorriu.

E a música começou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

40

Nota mental: Quando você se encontra, você encontra tudo que sempre procurou e descobre que a única coisa que importa é a paz de espírito.

Ela é um filme de ação com vários finais
Ela é política aplicada e conversa banais
Se ela estiver muito a fim seja perspicaz
Ela nunca vai deixar claro, então entenda
sinais

É o paraíso, suas curvas são cartões postais
Não tem juízo, ou se já teve, hoje não tem
mais

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela é o barco mais bolado que aportou no seu
cais

As outras falam, falam, ela chega e faz

Eduardo não desgrudava os olhos dos meus
enquanto cantava. A escolha da música poderia não
parecer nada romântica, mas, para mim, foi a
escolha mais que perfeita.

Ela não cansa, não cansa, não cansa jamais

Ela só dança, dança, dança demais

Ela já acreditou no amor, mas não sabe mais

Ela é um disco do Nirvana de 20 anos atrás

Não quer cinco minutos no seu banco de trás

Só quer um jeans rasgado e uns quarenta
reais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela é uma letra do Caetano com flow dos
Racionais

Hoje pode até chover
Porque ela só quer paz

Hoje ela só quer paz
Hoje ela só quer paz
Hoje ela só quer paz

— Hoje a gente só quer paz... — ele disse ao
fim do refrão. Concordei com a cabeça. Tudo o que
eu queria era paz, melhor ainda se ela pudesse ser
ao lado dele.

Hoje ela só quer notícias boas pra se ler nos
jornais

Amores reais, amizades leais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela entende de flores, ama os animais
Coisas simples pra ela, são as coisas
principais

Sem cantada, ela prefere os originais
Conheceu caras legais, mas nunca
sensacionais

Ela não é suas negas, rapaz
Pagar bebida é fácil, difícil apresentar pros
pais

Ela vai te enlouquecer pra ver do que é capaz
Vai fazer você sentir inveja de outros casais
E você vai ver que as outras eram todas
iguais

Vai querer comprar um sítio lá em Minas
Gerais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Essa mina é uma daquelas fenomenais
Vitamina, é proteína e sais minerais
Ela é a vida, após a vida
Despedida pros seus dias mais normais
Pra que mais?

— Beija, beija! — a plateia começou a gritar
depois que Eduardo começou a dançar à minha
volta, apontando para mim enquanto cantava.

Ela não cansa, não cansa, não cansa jamais
Ela só dança, dança, dança demais
Ela já acreditou no amor, mas não sabe mais
Ela é um disco do Nirvana de 20 anos atrás

Não quer cinco minutos no seu banco de trás

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Só quer um jeans rasgado e uns quarenta reais

Ela é uma letra do Caetano com flow dos Racionais

Hoje pode até chover

Porque ela só quer paz

Hoje ela só quer paz

Hoje ela só quer paz

Hoje ela só quer paz

Hoje ela só quer paz

— Quer ter paz comigo, Melina Batista? — ele perguntou se ajoelhando, enquanto segurava a minha mão. Não consegui responder. Apenas me ajoelhei junto dele e encostei nossas testas. — Eu preciso de uma resposta, Mel! — seu tom de voz

PERIGOSAS ACHERON

soou mais baixo.

Ainda assim, eu ouvia que sua voz ainda ecoava nos microfones. A plateia toda tensa. Acho que ninguém estava respirando enquanto aguardava a minha resposta.

— É o que eu mais quero — confessei, encostando meus lábios no dele.

— Mas você tem que fazer uma promessa — ele disse. Apenas o encarei, esperando que continuasse. — Promete, na frente de todas essas testemunhas, que você jura que vai começar a me escutar? — Ouvi algumas risadas. Ri também.

— Eu prometo! — gritei e beijei Eduardo com pressa. Desde o momento em que eu o vi no Pub, essa era a única coisa que eu realmente queria ter feito.

— Eu te amo, Mel! — ele disse procurando

fôlego entre um beijo e outro.

— Eu também te amo, Eduardo!

Não foi um pedido de casamento e nem uma promessa de amor eterno, “na saúde e na doença, até que a morte os separe”... Mas foi, com certeza, o pedido e o juramento que ouvi e fiz mais lindo de toda a minha vida. E, para quem estava tão perdida em tudo, acabei me encontrando, não nos braços de outra pessoa, mas dentro de mim mesma e aprendendo que, para alguém ser feliz com outro, é preciso primeiro ser feliz consigo mesmo.

Agradecimentos

Essa parte de agradecer é complicadinha... E eu já devo ter dito isso em tantos outros agradecimentos que já escrevi. Porque eu sempre tenho tanto a agradecer, que fico com medo que os agradecimentos fiquem maiores que o livro e, ainda assim, eu me esqueça de agradecer a algo ou alguém. Mas deixando as brincadeiras de lado, vamos lá...

A primeira coisa que eu agradeço é a vida. Essa loucura toda cheia de acontecimentos, de sentimentos, de inspirações, de acordar e dormir todos os dias, que nos dá a possibilidade de nos perdermos e nos acharmos quantas vezes forem

PERIGOSAS NACIONAIS

preciso. Obrigada, vida!

Agradeço às leitoras do wattpad, que mesmo a história ficando parada um bom tempo, seguiram lá, esperando, me pressionando e fizeram eu terminar esse projeto incrível.

Agradeço à Mel, personagem do livro, e ao pouquinho dela que existe em cada um de nós, que nos ensinou que não importa quantas vezes a gente muda de ideia, desde que a gente aprenda a gostar de nós mesmas em primeiro lugar.

Agradeço à Ivany Souza, que teve a paciência de ser revisora desse trabalho, que me esperou pacientemente e, depois, ainda me aguentou pressionando — sabe como é... a gente se enrola a escrever, mas depois que manda pro revisor, quer ver tudo certinho rapidinho! —. Obrigada, Ivy! Amei trabalhar com você!

PERIGOSAS ACHERON

À Catrine Vieira, que sempre desenvolve as capas do jeito que eu imagino, mesmo quando eu não dou nenhuma informação além do título e um resumo da história. Obrigada, pela parceria!

E, por último e mais importante, a você, que chegou até aqui, que me acompanha, lê minhas histórias e faz com que cada vez eu produza mais. Sem vocês, eu nada seria! Obrigada!

Até a próxima!

Biografia



Luísa Aranha é jornalista, blogueira e escritora. Natural de Porto Alegre/RS, tem o chimarrão como seu companheiro inseparável nas horas de trabalho.

PERIGOSAS NACIONAIS

Escrever para ela é tão natural quanto respirar. Faz parte de sua vida desde que foi alfabetizada. Antes disso, já era uma contadora de histórias, inventando brincadeiras, teatros e diálogos com suas bonecas. Seu autor preferido é Gabriel Garcia Marquez, e o livro que lhe inspira a contar histórias do cotidiano é Feliz Ano Velho, de Marcelo Rubens Paiva.

O blog Causos & Prosas, que teve sua primeira postagem em 2009, foi uma forma, inicialmente, de expressar seus sentimentos e se manter próxima dos amigos distantes. Ele tem um pouco de tudo: contos, crônicas, poesia, desabafos, cartas, opiniões e assuntos do cotidiano. A escrita de Luísa fala de sentimentos, realidades e, em sua maioria, serve para que o leitor reflita e se sinta tocado de alguma forma pelas palavras.

PERIGOSAS ACHERON

Transformando sentimentos em palavras, com ironia e bom humor, para conversar com o leitor.

É autora de [Amar só se ama uma vez...](#), [Noites de Verão](#), [Turbulências do amor](#), da Duologia [Amor & Sexo](#), da comédia romântica, lançada pela Editorial Hope, [Valeu, Universo!](#). Do drama [Apenas o nada](#), que retrata a história de uma mulher que sofreu com relacionamentos abusivos. Também escreveu em parceria com a Mari Monni, [Meu vizinho indiscreto](#), [Meu mecânico indecente](#) e [Meu professor insaciável](#). Organizou as antologias de contos [Isso também é preconceito!](#), [Contos para gozar sozinha](#) (Editora Hope) e [Segredos da Luxúria](#) (Editora Rico). Em 2017, foi finalista do Prêmio Sesc de Literatura, com a comédia romântica, [Todas as bocas que beijei \(ou sonhei\)](#). Seu último lançamento solo foi [As vantagens de ser](#)

[traída](#) (Sociedade Secreta Editorial). Todos disponíveis em www.luisaaranha.com.br.

Você também pode encontrar Luísa nas redes sociais:

[Facebook - Perfil da autora](#)

[Faecebook - Fanpage](#)

[Facebook - Grupo de leitores](#)

[Instagram](#)

[Twitter](#)

[Whatsapp - Grupo de leitores](#)